C. Mariano Fróes.

Est. d'Acad. B. A. de Lx.ª

CAMILLO MARIANNO FROES

CARICATURAS

Á PENNA

ESBOCETOS LITTERARIOS

EM PROSA E VERSO

> The consequence is, being of no party,
> I shall offend all parties: — never mind!
> LORD BYRON.

LISBOA
EDITOR — THOMAZ QUINTINO ANTUNES
RUA DOS CALAFATES, 110
1862

AO

ILL.MO E EX.MO SR.

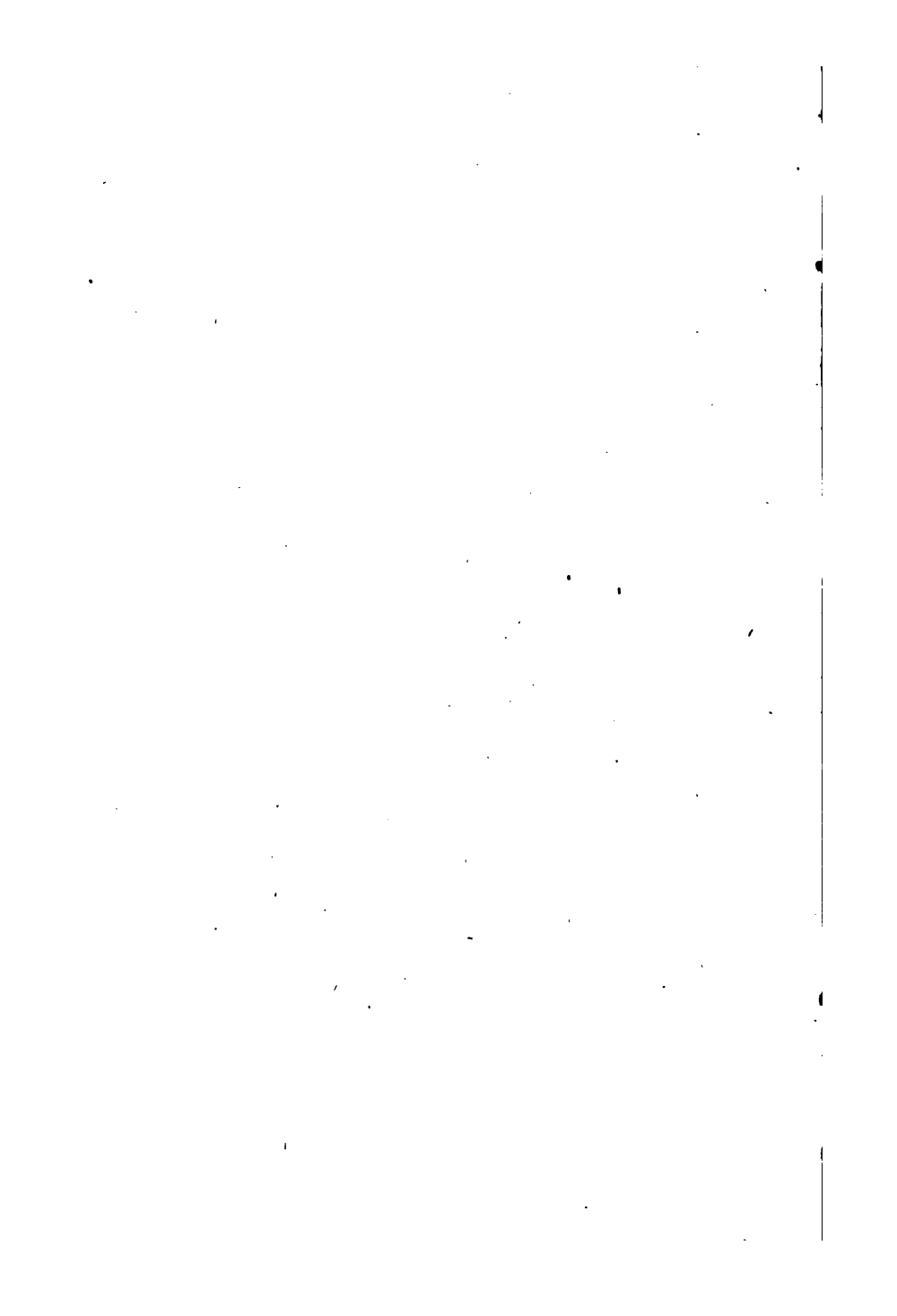
JOÃO NEPOMUCENO DE SEIXAS

MEU QUERIDO MESTRE E AMIGO.

Tive sempre tenção de lhe dedicar e offerecer o primeiro trabalho que saisse da minha penna.

Escrevendo hoje o nome do amigo a quem devo o pouco que valho, em frente das minhas CARICATURAS, desempenho-me gostoso d'essa divida de amisade e gratidão.

Esse nome é tambem a melhor egide que eu poderia procurar para o meu pobre livro.

C. Marianno Froes.

PALAVRAS INDISPENSAVEIS

AO LEITOR, QUE AS NÃO QUIZER DISPENSAR

. . . .
Té que das tendas chamada
Sejas protectora capa
De manteiga e marmellada.
N. TOLENTINO.

Ahi vae um attentado contra todas as praticas litterarias, contra todas as conveniencias da moda, e talvez contra a moda das conveniencias...

Um homem que nunca entrou no Marrare; um homem que não é socio do Gremio; um homem que não faz folhetins; um homem que não lê os dos outros; um homem que não é bacharel; um homem que não é tagarella publico; um homem que nunca orou á esquina do Loreto; um homem que não sabe namorar... Tudo isto a querer-se fazer litterato, já a querer entender d'horta, já a soffrer ataques de *cacoethes scribendi!*

É atroz, inaudito!!

Eu peço venia ao mundo litterario todo, todo em

pezo; e de chapéo na mão, submisso e humilde, supplico á ex.ma dona Critica, que me deixe entrar, ao menos para a ante-camara do seu templo, e ahi, a um cantinho, mui socegado garatujar as minhas CARICATURAS.

O livrinho que vou offerecer ao respeitavel publico —palavras de cartaz de cavallinhos— não é mais do que uma collecção de pequenos quadrinhos de genero, que espero serão lidos com prazer, pois não foi para outra coisa que me dei ao trabalho de os traçar.

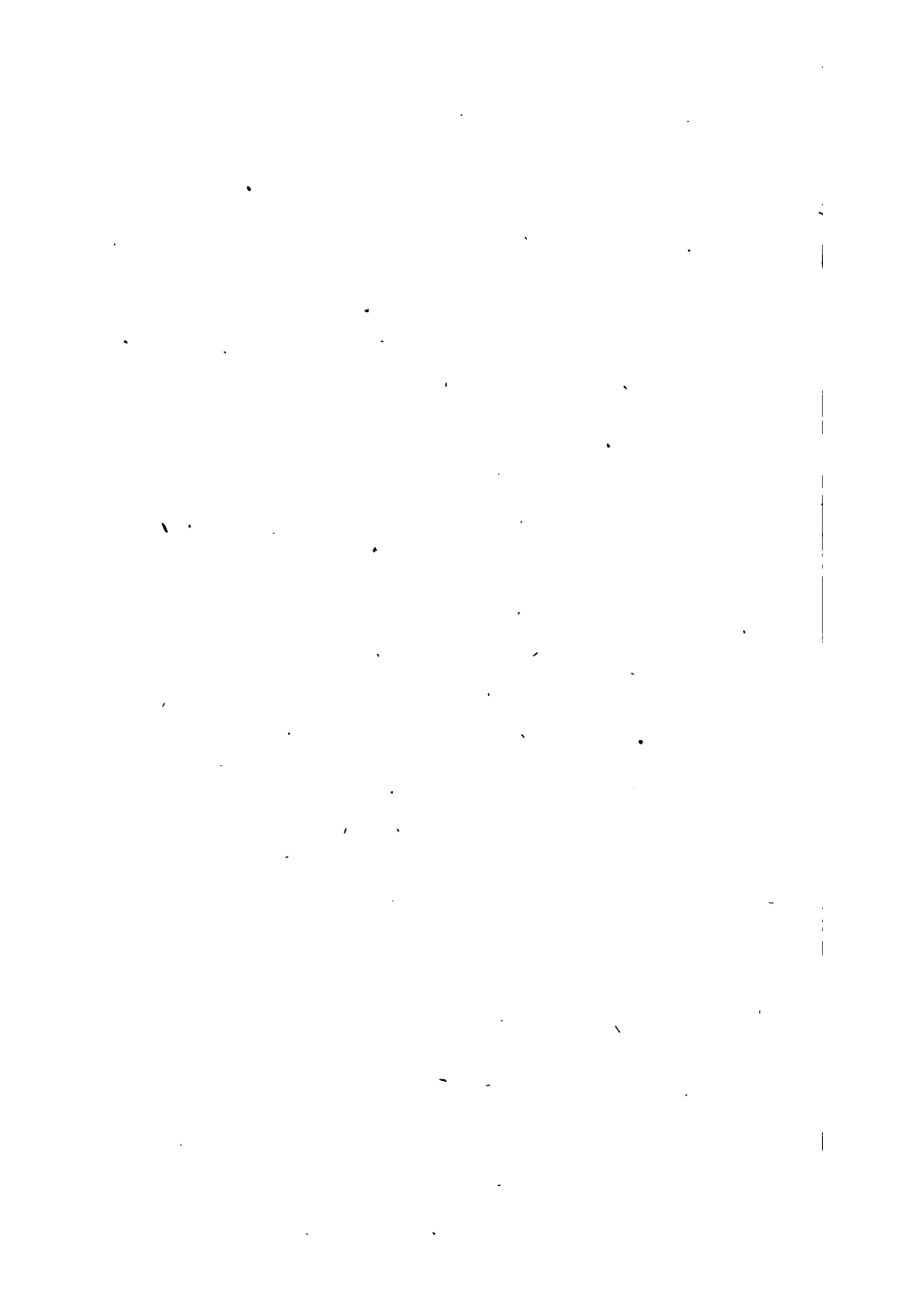
Não se julgue que me cega a vaidade, e que ligo grandes merecimentos a estas bagatellas litterarias, procurando n'ellas um pedestal ou uma reputação.

Para passar tempo agradavelmente e sem offensa da moral publica as escreví, e para o mesmo fim as dou agora a lume.

E com isto tenho concluido as *palavras indispensaveis*, ás quaes, quem quizer, poderá chamar *prologo, prefacio, prolegomono, conversação,* ou coisa que o valha.

Tenho a honra de ser, aqui e em toda a parte... etc., etc.

Agosto de 1862, á meia noite, ao cantar o gallo —que não é o de Platão— na capoeira do meu visinho de primeiro andar...

UM PROVINCIANO

UM PROVINCIANO

O provinciano tem os mortaes que habitam a famosa Lysia, como os entes mais felizes e privilegiados que Deus lançou sobre a face da terra.

Não ha Eden, Olympo, Eldorado, terra de Chanaan, mansão de justos, delicias de Cápua, que se avantagem em venturas e gosos a este palmo de terra chamado Lisboa.

As aspirações, o fito, o desejo, o futuro do provinciano, são uma visita á cidade!

Para isso faz economias durante annos inteiros, para isso junta os seus vintens, e guarda os seus desejos...

Não valerá pois a pena que aparemos a nossa

penna e *garatujemos* e enumeremos, as immensas qualidades, o sem numero de attributos, as pouco vistas sensações, que esta figura chã e burlesca, prosaica e poetica, faceta e carrancuda, mas sempre divertida e pittoresca, apresenta a nossos olhos, quando o progresso, ajudado pelo vento ou pelo vapor, nol-o arrasta, arrebatado d'essas regiões longinquas e remotas chamadas provincias, e nol-o vem depôr aqui nas margens do nosso Tejo, que — seja dito de passagem — era de crystal no tempo de Camões... quando não havia canos na cidade!...

Provinciano! Homem que ahi anda por essas ruas, estupefacto, arregalando os olhos, abrindo a boca, alargando as ventas, franzindo o rosto, escanchando as pernas, esgravatando os dentes!

Homem que nos vem trazer os seus defeitos, os seus prejuisos, os seus modos, o seu *patois*, e que nos leva o melhor que por cá encontra!

Curiosidade viva e ambulante de casacão de briche e bota de vacca, maquina contínua que fabríca pontos de interrogação e admiração a cada passo, a cada momento, e que no fim de contas, cruzando os braços ironicamente, se parte, com uma gargalhada estrepitosa, escarnecendo-nos, depois de haver visto o que tinhamos para lhe mostrar e ouvido o que tinhamos para lhe dizer!

Personagem vario e variado, que sob o titulo generico de provínciano, esconde em si tantas physionomias differentes, quantas são as provincias, cidades, villas, freguezias, aldêas, logarejos e casaes de Portugal; individualidade multipla, cujas qualidades physicas e moraes, variam segundo a sua edade, estado, fortuna e fim que o trazem á capital!

Depois de alguns dias ou horas de caminho, isto é, depois de muitos solavancos, poeira, calôr de rachar, frio de morrer, vento ou chuva, avista finalmente o zimborio da Estrella e as obras de Santa Engracia, o estafado, mas ditoso provinciano.

Lá desembarca na ponte, de portuguez ás direitas e ronceiro barco a vapor, *gordo cachaci-pansudo* personagem, que se torna logo notavel por muitas e variadas razões.

Observemos quaes as qualidades que apresenta aos nossos olhos.

Parece ter bons quarenta annos de edade, e terá outros tantos cabellos *seus* na cabeça; é proprietario de uma caixa de rapé redonda, e de um abdomen tambem redondo, um lenço de assoar vermelho e um nariz tambem vermelho, um immenso cazacão côr de simonte e uma cabelleira tambem immensa e côr de simonte, uns oculos verdes e um enorme chapéo de sol de paninho tambem verde.

Foi ha seis lustros taberneiro na sua terra, tendo posteriormente exercido com distincção varios cargos publicos, taes como: cabo de policia, juiz eleito, regedor, camarista e... deputado não, por que nunca quiz escrever para os periodicos...

É possuidor de uma pequena fortuna alcançada por meios licitos na sua taberna, especialmente em tempos de eleições...

Agora, retirado da vida publica, vae acabar os seus dias, lançando-se — por meio dos sagrados laços matrimoniaes — nos braços de D. Engracia Maria Guedes Teixeira Homem das Dores, interessante morgada do sitio, que junta ás vantagens de possuir uma fortuna dos seus trinta mil cruzados, os não menos ponderaveis attributos de ter mais de meio seculo e um chinó côr de pimenta, o que a põe a coberto de todas as tentações de infidelidade conjugal, circumstancia que presentemente não é para despresar...

O nosso heroe, uma vez tratado o hymeneu, vem á cidade pela primeira e póde ser que ultima vez na sua vida, passar alegremente os dias que lhe restam de celibato e perder as ultimas illusões d'este estado social, a fim de se preparar e edificar para uma lua de mel, que promette ser longa e recheiada das mais agradaveis e originaes sensações...

O primeiro monumento que admira logo ao pôr pé em terra, é um templo de Marte pintado de verde-gaio, cujos bonzos trajam côr de pinhão, e estão armados de catanas virgens e retorcidas. Estes desalmados phariseus teem a obsequiosa amabilidade de accommetterem brutalmente o nosso homem, apalpando os maiores arcanos de seu traje e bagagem, a ver se traz contrabando comsigo.

O pobre viajante fica estupefacto vendo aquelles homens de má catadura devassarem sem compaixão os intimos segredos do seu alforge. Um fragmento de chouriço cozido, despojo da refeição da vespera, por pouco não metteu o nosso homem em trabalhos... Elle que fôra sempre um encarniçado apologista do systema liberal, que felizmente nos rege...

Bonito! ainda se não livra d'estes, já um sem numero de filhos de Tuy lhe querem lançar mão do alforge, esse amigo e companheiro inseparavel de todo o viajante previdente em Portugal.

Não o larga o homem, apesar de victima das maiores violencias — isto com uma sentinella presente! — e pondera com os seus botões: «Serão prohibidos os alforges cá na cidade?!».

Mas logo o veem arrancar das suas cogitações philosophicas, um sem numero de vozes rouquenhas e desafinadas, a gritar:

—Quer a sege?

—Vamo-nos embora?

São trinta figuras exoticas e ascorosas, armadas de immensos chicotes e não menos consideraveis esporas, que fazem empallidecer até á ponta do nariz o nosso heroe, notando ao mesmo tempo a maneira original por que é recebido pelos habitantes da famosa Lisboa.

Quando vae a tomar a sua pitada, e, mais livre já no meio da praça, começa a admirar os prodigios architectonicos da nossa estatua equestre, é de novo arrebatado ás suas contemplações por outra quadrilha não menos compacta de personagens de todas as côres, estatura e trajes, que lhe veem ainda provar mais evidentemente que Lisboa tem uma singular maneira de receber os seus hospedes. É um bando de gatunos que procuram, com palavras e gestos um pouco significativos, arrastal-o, este para o hotel alemtejano, aquelle para a hospedaria da Bella-Estrella, aquell'outro para os Dois-Irmãos-Unidos, Firmeza, Aguia d'Ouro, Luso-Portugueza, que sei eu!

Mas o nosso Fortunato Boaventura — que assim se chamava elle — não é homem para perder assim o *sangue frio* no meio da praça do Commercio, em frente de uma sentinella... Teme um pouco, é ver-

dade, aquelles accommettimentos, que pela sua ousadia lhe parecem de gente damnada, mas faz ouvidos de mercador áquelle bando, que elle toma como de selvagens, e vae dar comsigo na estalagem dos Camillos, que lhe fôra recommendada por um amigo intimo e de confiança, como a pousada senão a mais confortavel, pelo menos a mais barata de Lisboa.

Ali, como bom gastronomo provinciano, devora uma succulenta pratada de forçura com batatas, enxugando a indispensavel garrafita, e depois de esgravatar os dentes deita-se e ronca toda a noite, que nem rochunchudo bernardo depois da nutriente e indispensavel *tremenda.*

«Já a saudosa aurora destoucava
«Os seus cabellos de ouro delicados,
«E as boninas nos campos esmaltados,
«De crystalino orvalho borrifava»

quando o nosso homem se ergueu e preparou com as indispensaveis abluções matutinas para visitar algumas curiosidades...

A não ser este ente bemfazejo chamado provinciano, nós outros preguiçosos alfacinhas, que nascemos em Lisboa, que vivemos em Lisboa, que morreremos em Lisboa, ignoraramos todas as curiosidades e obras primas que nos rodeiam, e passaramos a

nossa vida em Lisboa sem ver, gosar, admirar e conhecer Lisboa.

Quem é que olharia para a estatua equestre se não visse o provinciano embasbacado em frente d'ella? Quem é que apreciaria os sons harmoniosos de um orgão de Barberia e as caretas chistosas do seu macaco, se o não visse extasiado de pernas largas e sorriso nos labios contemplando o cebento *lazzarone?* Quem notaria os candeeiros do Passeio, o frontão do theatro Agrião, o galheteiro do Rocio, as obras de Santa Engracia, o arco da rua Augusta, a saladeira do Loreto, o macadam do Chiado, as taboletas do Baron, e outros que taes prodigios da arte e cabeças modernas; se o não visse de boca aberta admirar tanta raridade scientifica? Quem leria os annuncios do Vitry, os cartazes do Price, as taboletas do Cort y Marti, os artigos de fundo do *Jornal do Commercio* e o *Gratis*, se os não visse soletrar letra por letra ao bom provinciano?

É d'est'arte que elle nos mostra o que nós já vimos.

Nada escapa á sua perspicacia: monumentos, egrejas, palacios, jardins, theatros, circos, lojas, travessas, becos, largos, calçadas, calçadinhas, chafarizes, nada esquece.

As distancias para elle não existem, annulla-as tão

facilmente como se fôra possuidor d'aquellas famosas botas do gigante de Perrault.

Saiu pois o nosso Fortunato Boaventura; e de cabeça levantada, olhar espantado e passos vacillantes foi admirando as ruas por onde passava.

Não faltaram novos importunos, que não tinham inveja aos da vespera, a atenazal-o, uns offerecendo-lhe phosphoros de cera, estes a quererem por força fazel-o rico, vendendo-lhe uma do Peres, aquelles offerecendo-lhe uma restia d'alhos...

Passando pela praça da Figueira, com bem custo resistiu ao:

—Quer moço?

—Vou buscar o cabaz?

—Sou *conhecido!*

—Oh freguez quer ovos?

—Veja-me estes pecegos!

—Venha cá, tome lá abobora!

e outras que taes e quejandas amabilidades de que são victimas os pobres viandantes que se aventuram a atravessar a praça antes das duas horas da tarde, não esquecendo um bom numero de selectas pizadelas e encontrões.

Embocando no Rocio, o nosso homem admirou o prodigio da arte moderna que adorna a nossa segunda praça, mas em vão procurou conhecer a ser-

ventia que aquillo podia ter. O bom do homem não sabia que aquellas pedras informes já tinham dado de comer a muita gente!... Dèpois teve occasião de contemplar a famosa arborisação da praça, e vendo a regularidade e belleza do arvoredo, ficou espantado do bom gosto, diligencia e conhecimentos botanicos e florestaes do competente vereador dos jardins...

Foi em seguida ao Passeio Publico e ficou admirado da boa rapozeira de sol que ali se encontra, pois pensava que só a havia nas charnecas do Alemtejo. Deram-lhe no goto os famosos candeeiros retorcidos, que attestam ainda o bom gosto artistico entre nós, e não pôde achar a razão por que a luz do meio tem privilegio para ter vidros, em quanto que as dos lados soffrem resignadas os insultos do tempo! Até n'isto ha distincções, disse elle comsigo, a do meio é luz aristocrata e conselheira, e as dos lados não são fidalgas provavelmente!...

Como não eram horas de exposição no Passeio retirou-se para voltar de tarde. De tarde voltou para admirar a exhibição das nossas elegantes, equivocas e não equivocas, e do sem numero de janotas que ali vão tratar dos seus negocios... Gostou de vêr a fraternidade que reina entre as damas do bom tom e as chamadas do *demi-monde;* estas ao menos não são como as luzes, e uma vez n'aquelle recinto pa-

recem eguaes e conformes a respeito do fim para que lá vão...

Os bellos olhos das nossas elegantes e os seus tentadores merinaques não tardaram que não exercessem no moral do nosso Fortunato as suas inevitaveis influencias magneticas... A não ser a muita prudencia da sua parte e os previos avisos que recebera de alguns *gatos escaldados* da sua terra, o bom do homem esquecera o chinó da sua futura consorte, pelas graças e attractivos das nossas elegantes *habituées* do Passeio Publico!...

Mas felizmente livrou-se de naufragar n'aquella rocha Tarpeia dos tempos modernos.

—Nada! um homem é um homem!... disse elle comsigo, e saiu do Passeio Publico formando idéa da pureza dos costumes lisbonenses...

A sua castidade não deixou porém de correr perigo quando depois foi ao circo de Price, aos bailes do Café-Concerto, e passou pelas ruas da baixa...

Lisboa é uma cidade de ratoeiras, dizia elle a cada passo.

Um dia ao passar pela rua Augusta levava de tal modo a attenção presa para certos olhos andaluzes que o fulminavam de um primeiro andar, que não reparando, foi esbarrar com a escada de um limpa candeeiros... Felizmente custou-lhe a brincadeira só

uma canellada e um susto menos mau. O pobre homem maldisse o gaz, as escadas de mão, e os olhos andaluzes...

A visita dos monumentos de Lisboa prendeu os primeiros dias do nosso protogonista. Andou n'uma roda viva

Do passeio da Estrella para o aterro da Boa Vista;

Da academia das bellas artes para a feira da ladra;

Dos arcos das *aguas livres* para S. Pedro d'Alcantara;

Das Necessidades para o matadouro;

Do hospital para os Prazeres e Alto de S. João;

Do castello para a torre de Belem;

Da imprensa nacional para a cordoaria;

Do arsenal para o asylo de mendicidade;

Da casa pia para o museu;

E finalmente das côrtes para Rilhafoles, onde foi encontrar doidos com mais juiso do que muitos que andam a passear por essas ruas.

Fortunato Boaventura apesar de provinciano, tinha a vista longa e o olhar penetrante; via talvez até mais do que muitos lisbonenses... Por isso não deixou de notar seus *porquês* em alguns dos estabelecimentos publicos que visitou.

Por exemplo:

Indignou-se de vêr a pobre velhada do asylo almoçando indigesto caldo de cebola, e ceiando aspera farinha de pau, ou papas de milho sem assucar, encontrando aliás os *criados* que os serviam, gordos, nedios e fartos...

Pareceu-lhe impossivel que tantos legados e donativos e tantos beneficios que se fazem constantemente a favor d'aquelle *pio* estabelecimento, não chegassem sequer para uma açorda d'alho, uns grãos com arroz, ou outra qualquer comida ao menos um pouco mais solida...

Gostou immenso de ver, na casa pia um *tinteirinho de chavelho* recamado de oiro e pedras finas, ponderando ao mesmo tempo que aquella preciosidade andasse ao sol e ao vento, devendo pelo contrario estar n'uma das principaes salas do estabelecimento, n'uma redoma de vidro... ou em outro qualquer vaso...

Riu muito, quando ao entrar no museu de historia natural, foi dar com um naturalista, que de certo chegára da universidade — tão asno era — todo azafamado a cortar com uma tesoura, em nome da symetria, as azas e os rabos das aves... que a traça não tinha comido com a *precisa* regularidade! Muito mais tendo lido ha tempos, n'um grande jornal da capital, uma enfiada de estrophes e antistrophes

pindaricas em louvor do regenerador da nossa historia natural...

Admirou a valentia e firmeza da nossa primeira linha, na imponente guarnição da real fundição do exercito; e pasmou que com taes e tantas seguranças houvesse quem operasse a desapparição de algumas duzias de canhões de grosso calibre!

—Era por força um *grande homem*, o ratão que fez tamanho prodigio!— pensou elle com os seus botões.

Querendo levar uma idéa da nossa representação nacional, para o que elle tinha tantas vezes cooperadó com as suas diligencias e o seu vinho, deitou até S. Bento para admirar o grandioso da nossa eloquencia parlamentar. Foi ás nuvens quando viu a sala povoada de *petits-maitres* e janotas, litteratos de luneta e medicos sem clientela!

—Esta é que é a nossa representação nacional, estes é que dirigem os nossos destinos, e gastam o nosso dinheiro?— exclamou elle.

Discutia-se n'aquelle dia uma questão importante... Era o merecimento litterario de uma poesia... Julgada a materia discutida a requerimento de um apagador, passou-se á votação, e depois seguiram-se varios incidentes comicos e burlescos em que alguns dos senhores deputados tomaram a cargo divertir o

auditorio: não faltaram chalaças, epigrammas e chufas. Depois de uma baixa e indecente descompostura reciproca fechou-se a sessão dando-se para ordem do dia seguinte a continuação da farçada...

Não é preciso dizer que o sr. Fortunato saiu desapontado; ao menos ficou sabendo que a representação nacional é um espectaculo comico e gratuito que se dá quotidianamente em Lisboa a beneficio dos actores da nossa politica...

Entrando em casa conheceu que alguem o alliviára na galeria das côrtes do pezo do seu relogio: era mais uma belleza da representação nacional!...

O nosso homem começava já a fazer uma ideia pouco lisongeira da hospitalidade lisbonense e da civilisação dos seus habitantes...

Querendo levar a sua effigie para offerecer á sua futura metade, depois de muito observar as immensas taboletas de *ateliers* photographicos que infestam Lisboa, foi dar comsigo á rua do Salitre attrahido pelos sons harmoniosos de um piano e pelos bonecos do diorama. O artista photographico, põe o pobre Fortunato ao sol, no meio da rua, sentado n'uma cadeira; ora como não é facil olhar para este astro sem fazer uma ligeira careta, o resultado obtido apresenta-o com o parecer de um homem com dores de barriga. No entanto o artista disse que aquillo era

força d'expressão e que o retrato estava parecidissimo.

Para conhecer todos os espectaculos publicos, o imprudente viajante aventura-se um dia a ir ao theatro de D. Maria, e por uma circumstancia bem facil de prever, em quanto dorme no seu banco é atacado por um esquadrão de ratos, unicos espectadores natos do nosso theatro normal...

Não falhou aos outros espectaculos, tendo-lhe sempre esquecido em casa as luvas e o binoculo. Riu a bom rir na rua dos Condes e Salitre, gritou a bom gritar no circo de Price, e dormiu a bom dormir em S. Carlos. Fortunato não era amador de muzica...

Cançado em fim das impressões um pouco vivas que experimentava na capital, fez tenção de se retirar e começou a pensar nas compras que tinha de fazer, para si e para satisfazer as numerosas encommendas dos seus patricios.

Para esse fim entra em todas as lojas da baixa, meche e remeche tudo, vê, ajusta do melhor e compra do peor ás vezes pelo preço do melhor: ainda que um pouco *apertado* lá na terra, aqui quer passar por bizarro; nada acha caro, semeia libras, consome as melhores *monerias*.

Compra cinco potes de pomada florestal para a senhora do delegado lá do sitio;

Sete vidros de fluido transmutativo para varias elegantes;

Tres caixas de pilulas de Dehaut para o senhor padre cura;

O *Novo Codigo do Amor* para a esposa do pharmaceutico;

Doze collarinhos postiços, uma gravata e dois pares de luvas de 240 para o filho do senhor morgado fulano;

Um pente para o mestre barbeiro;

Um freio para o senhor administrador do concelho;

Um cochicho para o menino do senhor juiz de direito, e um selim para o papá;

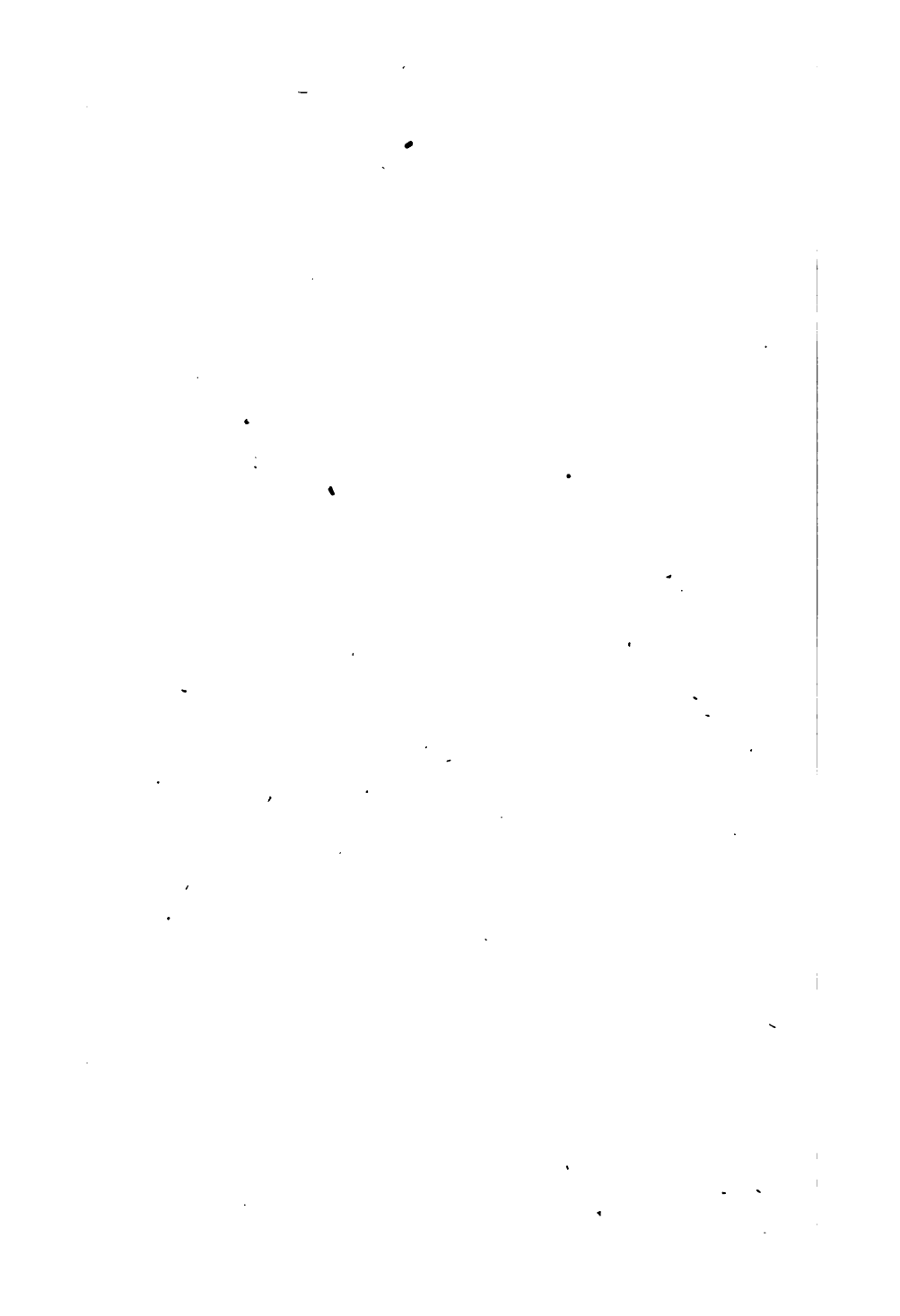
Uma palmatoria para o professor de latim;

E um chinó novo para a sr.ª D. Engracia Maria Teixeira Homem das Dores, sua futura e digna esposa.

Vendo, porém, que não tem mais que mercar, e mesmo ainda que tivesse faltar-lhe-hia aquillo com que se compram os melões, da-se por sufficientemente enganado, depennado e comido, e fórma tenção de operar a sua retirada com armas e bagagens.

Dispõe-se, pois, a partir o nosso amigo Fortunato depois de ter sido o alvo de bastantes zombarias e o joguete de não poucas peripecias. Retira-se ainda

assim, mui contente com as suas impressões e compras; com menos as suas economias de muitos annos, e algumas illusões perdidas, mas em compensação, satisfeito, bem vestido, bem penteado, bem perfumado, bem escovado; e portador de maneiras, narrações, aventuras, anecdotas, e mentiras com que faz pasmar por mais de seis mezes os auditorios benevolos de todas as reuniões, encantando ao mesmo tempo a senhora sua noiva.

UM CÃO NAS CORTES

UM CÃO NAS CORTES

FABULA

Achavam-se os paes da patria
N'uma das suas sessões,
'Stava São Bento atulhado
De famosos mandriões...

Um deputado da esquerda
Os ministros accusando,
A vago logar rendoso
Ratoeira estava armando.

A cam'ra que resonava
Prestando grande attenção,
Acorda sobresaltada
Ao forte latir d'um cão.

Era o cão d'um deputado:
(Sem *calembourg* seja dito)
Por ter ficado na rua
A ladrar estava afflicto.

O demo do animal
Ninguem podia calar,
Da porta não se afastava
E ladrava a bom ladrar.

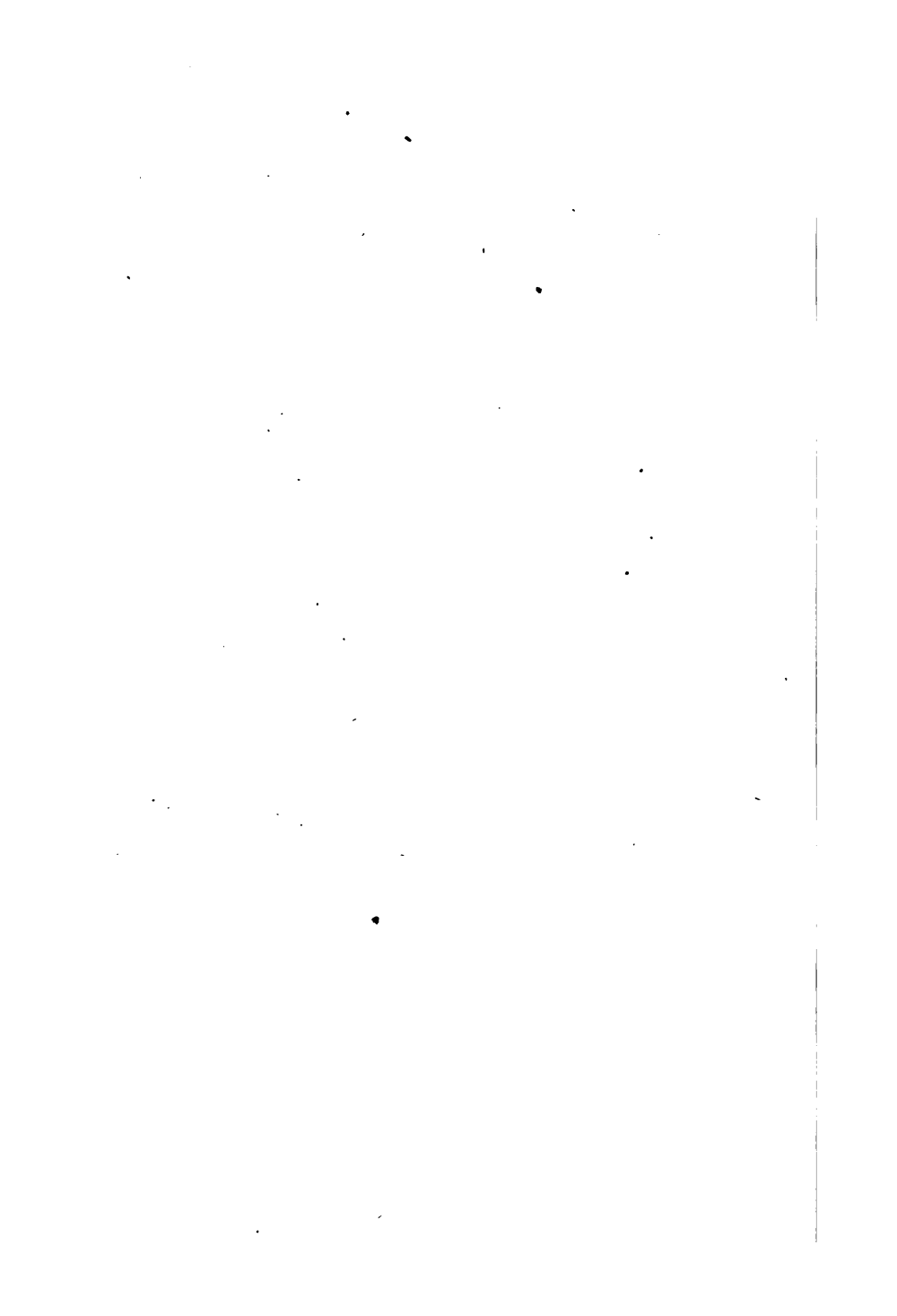
Do discurso o orador
O fio perdido tinha;
O *heroe do caldeirão*
Já tocava a campainha.

P'ra o incidente acabar
Propõe um apagador
Que entrada no parlamento
Se dê ao cão ladrador.

Zé dos Pardaes diz tambem:
— «Deixe entrar que já se cala!»
Emmudece o animal
Logo que entra na sala!

Tenho visto patriotas
Rugindo como uns leões,
— «Abaixo, ministros, fóra
«Perdularios, comilões!»

Mas se apanham seu talher
Na mesa do orçamento,
Calados logo se ficam
Como o cão no parlamento.

UMA INCLINAÇÃO

UMA INCLINAÇÃO

I

Felix Bento Coelho e D. Joanna Baptista Bento Coelho, são dois servos de Deus que os laços matrimoniaes ligaram ha bons vinte e dois annos. Ao cabo de meio lustro de uma doce, aprazivel e não interrompida lua de mel, viu a luz do dia, festejado por todos os amigos, membros e visitas da familia, o fructo desejado de tão venturoso consorcio...

Ha de chamar-se Martinho, disse o nosso Felix Bento, que tinha de ha muito uma pronunciada devoção pelo sancto deste nome...

E chamou-se Martinho, a creança.

O menino tornou-se em pouco o objecto de todos os cuidados, disvelos e carinhos, prendendo as at-

tenções de todos os parentes ausentes e presentes. Tomou-lhe tanta affeição o bom do pae, que até mesmo D. Joanna, que não perdoava a quem lhe roubava, ou parecia roubar, as caricias de seu querido maridinho; chegou a resentir-se pelos beijos e abraços que via prodigalisar a seu filho, e exprimiu os seus receios por meio de um sentimento a que bem se poderia chamar ciume.

A creança, em verdade, era galante creatura. Ao cabo de seis mezes já comia açorda d'alho que era mesmo um gosto vel-a; circumstancia esta de que a perspicacia do senhor seu pae logo tirou partido, levando a effeito uma grande economia domestica, e pondo no olho da rua a competente ama.

Assim se passaram alguns annos

> N'aquelle engano d'alma lêdo e cego,
> Que a fortuna não deixa durar *sempre*

crescendo o joven Martinho em estatura physica e perfeições moraes.

O menino era tão notavel pelo redondo de suas bochechas rubicundas, como pela agudeza de seu espirito.

N'uma palavra; tinha oito annos e já era a esperança e o futuro de toda aquella familia.

II

O joven Martinho dera a sua entrada em um collegio da capital poucos dias depois de completar o seu setimo anniversario natalicio.

Até ali tudo haviam sido alegrias e sonhos fagueiros para a familia Bento Coelho; mas desgraçadamente ninguem está exempto de amarguras cá neste vale de lagrimas em que aprouve a Deus lançar-nos; aquelles bons paes, cedo começaram a sentir os espinhos e os embaraços que traz comsigo a paternidade no seculo XIX.

Para cumulo de infortunio, pertenciam á classe media, e por isso as suas ambições eram immensas! Felix Bento era bacalhoeiro, seu pae tambem o fôra, mas teria grande deshonra em que o sangue do seu sangue, o fructo das suas fadigas physicas e moraes, abraçasse o estado social dos seus antepassados.

Oh! poder immenso das ambições contemporaneas!

Queria ver o seu Martinho feito homem grande, celebridade notavel, e para isso o mettera n'um collegio e lhe mandára ensinar latim e geographia....

Desde que começou a epoca dos tendeiros barões, barbeiros conselheiros, e fanqueiros deputados;

desde que os alfaiates principiaram a dar leis ao paiz e por ventura ao mundo... a classe media já não talha os filhos senão para grandes do reino...

—Qual será a posição que havemos de dar ao nosso herdeiro?

—Mettel-o-hemos na aula do commercio, na polytechnica ou em Coimbra?

—Que prazer não seria o meu, se ainda o via... par do reino, por exemplo!...

—Não era nenhum milagre.

—Vê tu lá fulano, que nós conhecemos a pezar manteiga, como chegou a ministro d'estado... e cicrano, que era apenas um reles capellista do arruamento, como chegou a barão!...

—E beltrano que media covados de baeta, e é hoje conselheiro e tem uma das melhores *postas* que se conhecem...

—Coisas deste mundo! Por isso eu digo, Coimbra, Coimbra com elle: não vae lá aprender nada, bem sabemos; mas vem feito doutor, tagarella, mettediço... depois faz-se litterato, dentro em seis mezes está deputado, e n'um anno ministro e barão!

—*T'arrenego!* Deus me livre de ver meu filho feliz por esses meios! Antes bacalhoeiro como nós, dizia D. Joanna, que não tinha lá muitas sympathias pelos *meios* da moda.

—Deixa-te disso, menina, o caso está em o homem chegar aos seus fins; pelos meios ninguem lhe pergunta. Foi tempo em que se reparava n'essas bagatellas; hoje já se não uza!

Eram estas as conversas de todos os dias, os sonhos de todas as noites. Não se fallava de outra coisa n'aquella casa. Empregos publicos, cadeiras de S. Bento, pastas ministeriaes, commendas, baronatos, viscondados, condados, eis o que andava sempre na bôca de todos!

O papá escolhia uma pasta;

A mamã preferia um baronato;

O tio fulano queria ver seu sobrinho bacharel e deputado;

A tia cicrana desejava-o presidente da camara municipal;

A criada gostava de vel-o general;

A lavadeira votava para que o fizessem bispo ou arcebispo.

Assim correram alguns annos; mas infelizmente o joven Martinho não apresentava inclinação palpavel, por onde se pudesse antever qual seria o travestimento social com que elle viria a figurar na comedia do mundo.

Horrivel perplexidade dos que são paes e teem ambições!

III

Chega o mez dos Santos, e Martinho Bento Coelho completa o decimo quarto anniversario do seu nascimento.

O professor a quem a sua intellectualidade fôra confiada, apesar de ser um dos mais notaveis pedagogos do methodo-repentino-cantante-burlesco, e partidario activo da communhão universal do *A-B-C*, ainda lhe não podéra meter nos cascos, que o *comprimenteiro* quando se lhe desata a fita do sapato assobia como uma *serpente*, e que esta serpente quando está assanhada entre um *pateta* e um *arlequim* faz *ze* como o corisco quando vem ferindo os ares..., nem tampouco que um *E* é um *forneiro* constipado tossindo, ora em tempo natural, ora com seis bemoes na clave!

Quando o mestre lhe ensinava a soletar, por exemplo, a palavra Javali, pela seguinte maneira:

Pistola — Arvore — Bomba — Arvore — Ledor — Pateta, respondia-lhe logo muito depressa:

— Ledor pateta será elle!

Martinho bocejava como um *A grande* ao ouvir estas historias. De pontuação não pescava nada! Pausas era coisa que não intendia. Quando via um *ca-*

racol com a cabeça cortada, em vez de fazer uma *levissima detença*, dava uma tremenda gargalhada, pela exquisitisse! Se topava com uma *balla d'artilheria*, em logar de dizer a palavra antecedente com voz mais grossa, e parar, desatava a fugir!

Era uma reinação!

A unica coisa que lia sem *mastigar* era o seguinte conto, chamado da *indigestão:*

«Comprei na feira do Rato, no largo das Amoreiras, arroz de perum n'um prato arranjado pelas freiras. Sabia a chouriço moiro; era comer e gritar! Carne, rins, recheio, coiro, roi sem resto deixar. Porém fiquei mui doente; tanto, que o doutor Cabral, me receitou para o ventre raspas de unicornio e tal.»

Tambem ria muito quando o professor tirava os oculos e lhe recitava o do *janisaro*, que resa assim:

«Um janisaro em jejum viu n'um jardim um jarreta, que estava a jantar-perû, jergelim e ginja preta; de jubilo encheu-se todo; e pregou-lhe tanta peta, que tirou o pé do lodo e gramou tudo ao jarreta.»

D'aqui não passavam os conhecimentos litterarios do nosso heroe. Era ainda mais madraço que um *A pequeno*, e mais preguiçoso que o filho de um *N grande!...*

Comtudo o estudante mostra elevada e não vulgar

penetração para coisas de mais alta transcendencia. Acha sempre escassas, e em completa desharmonia com o promettido nos Estatutos do Collegio, as refeições que lhe apresentam; nota as imperfeições da sopa, murmura do mal temperado da sallada e faz um discurso ácerca do chispe com ervas! N'uma palavra; não perdoa pitada ao cozinheiro do estabelecimento.

Em vez de estudar o seu *Monteverde*, ou escrever o seu thema, lê com afan o *Cozinheiro Completo*, cujas margens tem cheias de apontamentos; a sua carteira é um *pandemonium* de castanhas assadas, pasteis de Santa Clara, rebuçados d'ovos, camarões e burrié. A golodice levou-o até a transformar uma Grammatica do padre Batota e uma Corographia do J. F. em alfenim e caramello!

Houve até quem o visse trocar um M. de S. por dez réis de fava rica!!!

IV

Sem embargo, o sr. Felix Bento Coelho, considera o herdeiro de seu nome como um prodigio de diligencia e talento. Chegou até um dia, no fogo

da sua admiração, a brindal-o com o epitheto, digno do circo Price, de *phenomeno não vulgar!*

Martinho vem todos os domingos jantar com a sua familia. É á mesa que elle põe em pratica todos os seus dotes oratorios; a assembléa, composta ordinariamente dos parentes mais chegados da familia, extasia-se perante os conhecimentos do esperançoso mancebo.

—Que cabecinha que tem o maganão! diz o papá, revendo-se no soberbo cidadão que deu á patria, é mesmo uma pena que se não queira applicar ás sciencias exactas!

—De certo, diz a mamã, muito geito lhe acho para a philosophia!...

—Que doutor que aqui se está a perder!

V

—Joanninha, dizia o senhor Coelho á senhora Coelha, uma noite ao deitar-se; é preciso *pôrmos* o nosso filho a alguma coisa.

—Mas elle ainda não mostrou a inclinação...

—Está ali está prompto dos estudos...

—Eu muito desejava, voltava D. Joanna tomando uma pitada, que elle fosse embaixador!

— E marechal de campo?

—Ou então capitão de mar e guerra.

—Deputado, deputado!

—E ministro da fazenda, que bom ministro que aquillo era!

— E litterato?

—Isso intende-se... pois tu querias que elle fosse ministro sem ser litterato?...

—Então vamos ensinal-o a poeta... dão-lhe logo uma pasta!...

—Eu cá repito, que primeiro de tudo, é preciso mettel-o em Coimbra; isto hoje quem não é bacharel não é gente...

—Pois sim, depois fazemol-o jornalista... entra a descompôr o governo...

—Dão-lhe um emprego publico; elle continúa a dizer mal... não põe os pés na repartição...

—Senão nos dias de pagamento... por fim teem medo d'elle e fazem-no deputado, ou mandam-o governar Caconda.

—Depois, depois...

N'isto ouvia-se um abrimento de bocca, o fungar de uma pitada, e nada mais... a materia ficava para a ordem da noite seguinte, pois o par adormecêra durante a discussão. Chegava a noite seguinte, *trabalhava-se em commissões*, e o futuro do joven Mar-

tinho ia-se assim adiando de dia para dia, como uma questão importante e util para o paiz, em côrtes...

VI

Chega porém o dia do classico e tradicional interrogatorio.

—Ó Martinho então que queres tu ser?

—Olha, diz qual é a tua inclinação...

—Nós não queremos constranger-te...

—Já se sabe has de querer ser empregado publico, hoje é a moda...

—E as habilitações?

—As habilitações arranjam-se... eu me encarrego de te obter approvações de todas as disciplinas...

—E as provas publicas?

—Nisso então não fallemos! antes de se proceder a ellas, já tu has de ter a certeza que alcanças o emprego.

—Mas eu não quero ser empregado publico... quero trabalhar... dizia Martinho.

—Então queres que a gente te amarre uma espada á cinta e te ponha uma barretina de penacho encarnado na cabeça?

—Valia mais uma faca e um barrete branco, respondia o esperançoso mancebo.

—E se te vestirmos uma toga, e te fizermos doutor?

—Eu gostava mais de um avental...

—E se pozermos nas tuas mãos os destinos do paiz, fazendo-te deputado?

—Importam-me cá os destinos do paiz!

—Melhor deputado serás...

—Vale mais a gente depennar um perû, assal-o e comel-o...

—Então faz-te juiz. Não te faltarão perûs, patos, gallinhas para depennar e comer...

—Quero um avental, já disse!

—Ai que o rapazinho quer festa! esta-lhe a gente a dizer coisas serias, para o fazer gente, e elle vemnos cá fallar em aventaes!

—Pois olhe, sabe que mais, pae? sem *avental* è que ninguem é gente hoje em dia... Veja lá como se agarrou a elle o espertalhão do José dos Ovos Molles!... veja como elle está ufano, que me parece mesmo um porta-machado condecorado com uma grã-cruz de C... omedia...

—Olé está muito adiantado o menino! então nós estamos a fallar em arte culinaria ou... no baile dos pretos?...

—Arte? sciencia, se me faz favor, interrompia o mancebo; olhe que eu já li o *Brilhat Savarim*. «Os destinos de uma nação dependem do que ella come» diz aquelle grande homem.

—Pois eu digo que dependem do que *comem* aquelles que a governam...

—Ah! ah! ah! é bem apanhada! ah! ah! ah!

E acabou em risota e galhofa o interrogatorio que tão serio começára, á maneira de uma discussão transcendente, de um debate grave, atabafado no parlamento pelas chufas epigrammaticas de algum deputado histrião, e acabando por farçada, alvoroto e descompostura indecente...

VII

Todavia as perplexidades dos pobres paes augmentavam de dia para dia, pois Martinho estava um homemzinho e apresentava já um buço a que podia bem dar-se o nome de bigode.

—Valha-me Deus! dizia Felix Bento Coelho, lastimando a sua sorte; pois o meu querido Martinho não ha de ter uma inclinação? Ficar-me-ha um desses entes nullos, dessas existencias sem prestimo, que

veem ao mundo sem se saber por que nem para que: taes como, fidalgos, poetas e janotas?

—Quando chegará a inclinação ao meu rico Martinho? repete D. Joanna Baptista a cada passo.

VIII

—Já tenho inclinação, já sei o que hei de ser, já escolhi vida! brada Martinho Bento Coelho um domingo ao chegar do collegio.

—Falla! falla!! falla!!! exclamam os dois Coelhos em desafinado dueto, intercalado por lagrimas de alegria.

—Tanto escogitei, taes voltas dei ao miolo, tanto espreitei os meus instinctos, que consegui saber o estado social que me convém... mas desde já declaro que não quero saber mais d'estudos... vou pôr os livros no *prego*... não quero saber mais de leituras...

—Estou vendo que te vaes fazer litterato!

—Dize, menino, que estou anciosa, rogava a boa da mãe.

—A minha resolução está tomada, diz Martinho assumindo uma attitude tragica, e um ar melodramatico e solemne—QUERO SER COZINHEIRO!!

IX

Os pobres paes fizeram-se de todas as côres do arco iris; aquellas miseras physionomias exprimiram simultaneamente as mais terriveis sensações, desde a surpreza até á raiva.

Soltaram-se alguns milhões de suspiros, verteram-se não menos lagrimas, lastimaram-se amargamente os caprichos do destino!

Foram baldadas todas as diligencias, supplicas e rogos maternos.

Esgotaram-se os meios possiveis de persuasão. Em vão se chamaram as melhores cabeças e os melhores talentos oratorios da visinhança; foram inuteis os esforços dos tios, tias, primos e primas até ao 9.º grau. Nem faltaram as diligencias da criada e do aguadeiro.

Este ultimo houve-se na questão como um José dos Mexilhões ou um D. Magnifico; pois nem ao poder do sophisma cedeu Martinho.

Era uma resolução tomada, que nem o *Jornal do Commercio* seria capaz de dissuadir!

O rapaz não cede nem á mão de Deus Padre; está escripto no negro livro do destino, que Martinho Bento Coelho será cozinheiro! Os seus sonhos ti-

veram sempre o perfume da sopa de rabiolos e a suavidade do manjar branco...

Não se admirem de sonhos perfumados e suaves, tem-se visto coisas ainda peores na moderna litteratura...

Sonhou sempre na gloria colinaria. Era um outro *Pedrinho*, mas em vez de, como elle, ver mulheres, anjos e sombras impalpaveis em seus sonhos, encontrava n'elles patos, perûs, perdizes, empadas, croquetes e fiambres! ao menos sonhava com mais juiso...

Não havia ainda cozinhado, mas sonhado. Desenhara mil vezes na phantasia os traços poeticos de uma visão encantada, figurava-se no meio de uma grande cozinha formando um poetico *vol-au-vent* ou estripando um gordo pato.

— Haverei eu já cozinhado? perguntava elle a si proprio nas longas noites de insomnia em que essa vizão culinaria vinha apoderar-se d'elle.

—Pato, fiambre, caçarolas, facão, porque me fugis, exclamava Martinho ao despertar...

Estava pois decidido; Martinho havia de ser cozinheiro.

Talhado para ministro d'estado, ia seguir uma carreira social extremamente opposta, isto é, em vez de tirar, ia dar de comer á sociedade...

X

Esgotado que foi o repertorio persuasivo da familia Bento Coelho, conhecendo-se que baldados eram todos os esforços, forçoso foi haver paciencia e resignação!

—Altos destinos de Deus! exclamou o misero pae; cozinheiro! o meu rico filho cozinheiro! Um futuro doutor, um ministro em perspectiva, um conselheiro inevitavel!

Mas Felix Bento Coelho, não era homem para cortar a força de uma vocação...

—Seja cozinheiro, já que Deus assim o quer!

As lagrimas de madama Coelha corriam em fio...

Tratou-se, pois, de arranjar algumas duzias de aventaes do mais fino linho de Guimarães, e igual numero de barretes, comprou-se uma boa lamina de Toledo transformada em aguda faca de cozinha.

—Vae, filho, vae, não quero cortar-te o futuro, caminha na senda de gloria que antevês, vae assar patos e rechear perûs! Deus te abençoe...

Ia por diante, mas um diluvio de lagrimas e soluços lhe cortou o fio do discurso... que promettia tocar as raias do pathetico...

XI

MORALIDADE DO CONTO

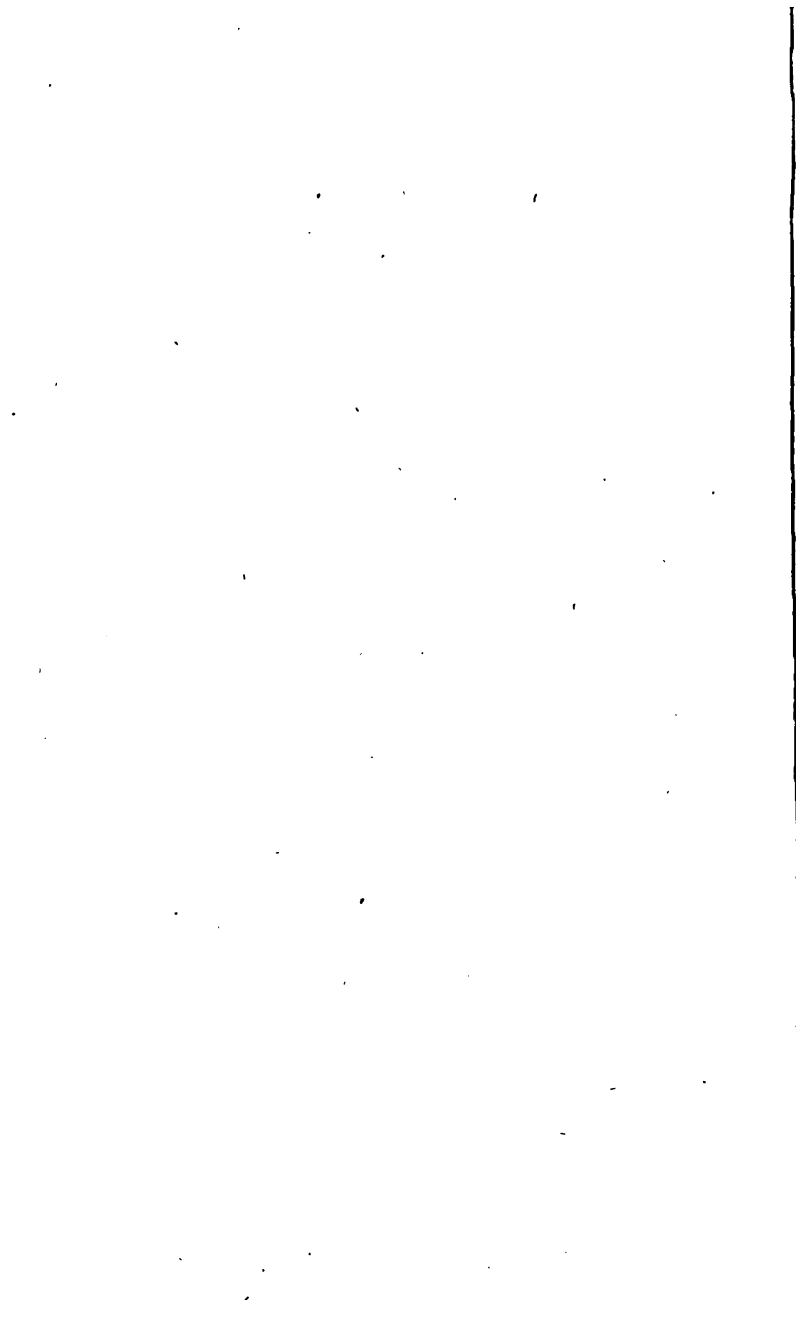
Se todos os paes de familia dessem assim «a Cezar o que é de Cezar», como este atilado bacalhoeiro, não teriamos a desgraça de ser governados por entes que mais pareceram nascer para esta e quejandas occupações do que para dirigirem os destinos da nação...

Que bons cozinheiros não se estão por ahi a perder por essas secretarias e repartições publicas!

Que optimos sapateiros, barbeiros, tendeiros e fanqueiros, não seriam por ventura muitos desses que temos visto sentados em S. Bento, ou de correio atraz!

Que famosos alfaiates, chapeleiros e surradores nos não tem roubado a politica!...

Por isso somos tão bem governados...

O ANACHORETA

O ANACHORETA

SATYRA

Estou longe da cidade,
Nesta caverna sósinho,
E bemdigo a Divindade,
Que me deu este cantinho
Para rir da humanidade.

E vivo muito contente
Longe desses animaes
A que o mundo chama gente,
E eu com razões de mais
Chamo cafila indecente.

Vive vida socegada
Quem não vê esses tratantes;
Não traz a bola esquentada
Vendo a todos os instantes
O que sempre ver enfada.

Não vê o gesto exquisito
De janota repugnante,
Que por julgar-se bonito
Quer das bellas ser amante,
Quando só lhes é *palito*...

Não vê sordido tendeiro
A vender manteiga e pão,
Por ganhar algum dinheiro
Ámanhã feito barão,
Commendador, conselheiro.

Não vê um razo soldado
Qu'inda hontem fez sentinellas,
Por *bernardas* premiado,
E até só por fallar n'ellas
Feito major graduado.

Não vê d'escola um rapaz
Amarrado a uma espada,
Valente em tempos de paz
Sempre em frente na parada...
Mas na guerra sempre atraz!

Nem o general *Bernardo*,
Que bem mer'cia uma toza
Visto que ao papel pardo
Chama sempre côr de roza!
Já viram maior javardo?

Sabio que não procurou
Do circulo a quadratura,
Mas logo n'elle encontrou
Certa agudeza tão dura
Que até n'ella se espetou!!

Que disse a um artilheiro:
—«Se é egoa o teu cavallo
Talvez seja matreiro,
Será bom pois affastal-o,
Porque o meu é macho inteiro...»

Não vê sujo remendão
Os jornaes ouvindo ler,
Querer dar leis á nação,
Em vez da sola bater
E deitar o seu tacão.

Não vê o barão sem siso
De calexe a passeiar,
Em quanto os que tem juiso
Andam 'hi a mendigar
Não tendo nem o preciso.

Não vê chocho deputado,
Que nasceu p'ra ser tendeiro,
No congresso recostado,
D'encommenda e por dinheiro
Dizer a tudo —*apoiado!*—

Ou na extrema esquerda então
Dizer a tudo —*regeito!*—
Fazer *paga* opposição
A tudo que não é feito
Pelos da sua facção.

Não vê barbeiro impudente,
Que as finanças do paiz
Melhora tão facilmente
Quanto bem esfóla o nariz
Do calado paciente;

Ou então se é poeta
Falla sempre em Bulhão Pato,
E taes nomes acarreta,
Que só pelo espalhafato
Nos mostra bem que é pateta.

Não vê certos impostores
—Fidalgos ajanotados,
Passarem todos senhores
De calexe, repimpados
Pela frente dos credores.

Não vê donzella, que fez
Já de *casada*, se é rica,
Ficar *donzella* outra vez...
E se a casar se dedica
Encontrar logo freguez...

Não vê outra desgraçada,
Por caír na mesma asneira
E não ter no mundo nada,
Além de ficar solteira
Ser por todos diffamada!

Não vê casar a ricaça
Viuva pretenciosa,
Que por ser tola e carcaça,
Leva depois grande tosa
Do janota que a *caça*...

Não vê fidalga beata
Repimpada no passeio,
Ao lado da *traviata*
Que lh'iguala em galanteio,
Mas se vende mais barata...

Não vê de sege passando,
De charuto e de luneta,
O caixeiro que vae dando
Seu sopapo na gaveta,
E seu callote ferrando.

Nem esses rapazes finos,
Que figuram em toiradas,
A fumar com os campinos,
Bebendo meias canadas,
E fazendo desatinos.

Não vê ministros d'estado
Poetas de grande fama;
Nem contempla admirado
Um conselheiro que *mama*.
Depois de ser *desmamado*...

Nem um marquez que professa
Com certa santa *fronteira*,
E tanta vez se confessa
Que a santinha de ser freira
Deixa logo a toda a pressa...

Não vê a libra por dia
Muito asno ir viajar,
Ver couves á Lombardia,
A Paris ir estudar
Tomates e melancia.

Nem famosa commissão
Grossas sommas consumir,
E na grande exposição
Passear, fumar, e dormir
Tudo á custa da nação!

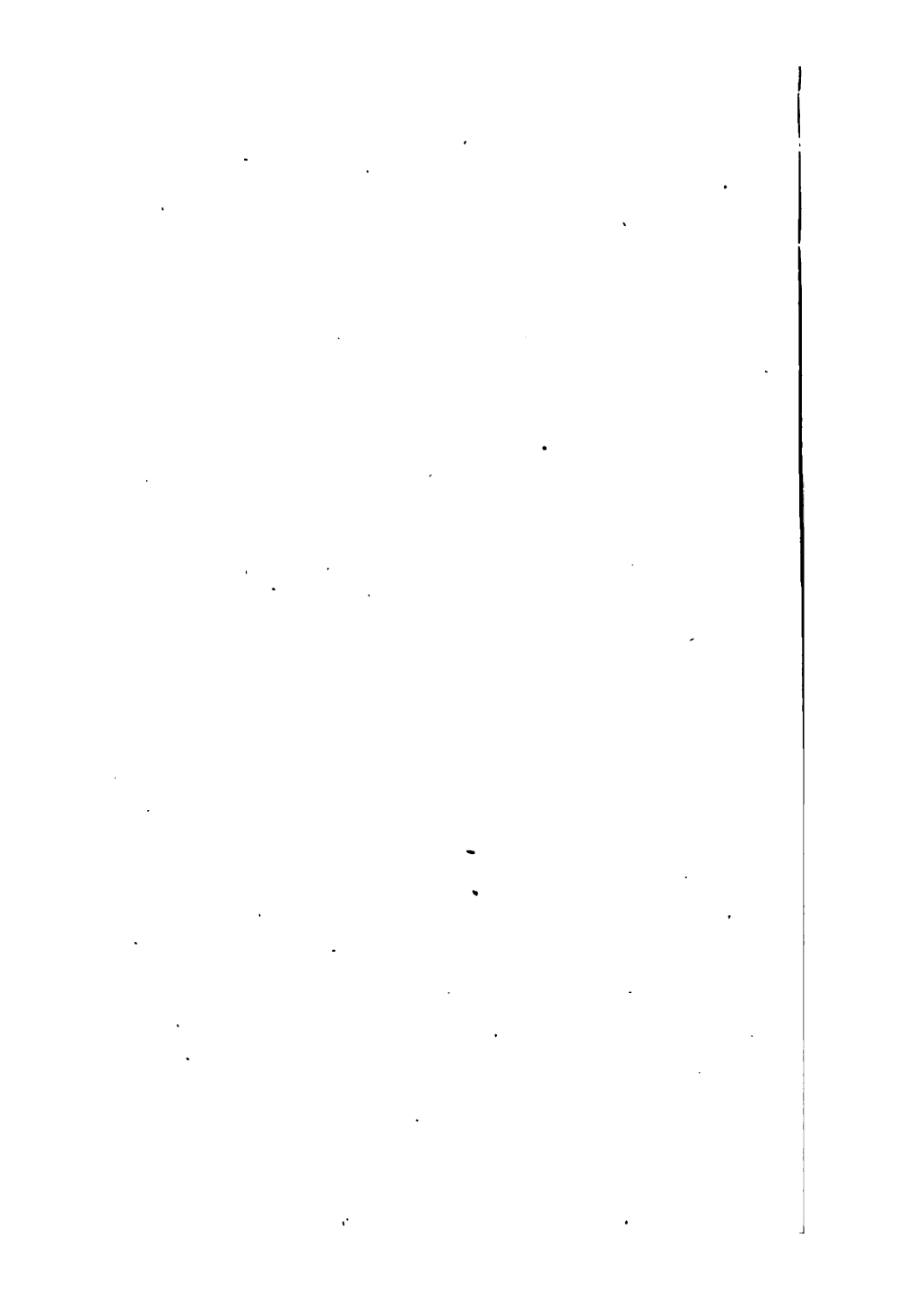
Por todos não vê acatar
Muito falso moedeiro,
Que ha muito devêra andar
Pelo solo hospitaleiro
Das costas do ultramar...

Vir da terra da banana
Não vê muitos marotões
(Cuja cara não engana)
Carregados de milhões
Ganhos em carne humana;

E julgando que o dinheiro
Cá da terra reis os fez,
Querem ver o mundo inteiro
Arrastando-se a seus pés
Qual escravo brazileiro.

Não vê a patria guerreira
Dos antigos lusitanos,
Nas garras da maroteira,
Feita paiz de ciganos
E terra da parvalheira!

Emfim, não vê mil trêtas
Com que nos trazem logrados,
Os ministros, os patetas,
Os jornaes, os deputados,
Os *papelões*... os poetas...

LORD RIGHT

LORD RIGHT

CARICATURA BRITANNICA

> L'esprit anglais est méthodique
> de sa nature.
>
> THÉOPHILO GAUTIER.

Leitor benevolo: não tivestes decerto a honra de conhecer Lord Right. É o mesmo. Haveis de por força ter conhecimento com algum filho da famosa Albion, é quanto basta para que acrediteis na historia que vou contar-vos.

O inglez é o paradoxo vivo; não ha um unico que não tenha lá o seu mytho, a sua mania, a sua originalidade, a sua *ratice*, para fallar mais portuguezmente.

A ratice de Lord Right era não viver no mundo senão debaixo do imperio de uma idêa fixa, de uma condição que impozera a si proprio, quando completára vinte e cinco annos de idade.

Nesse dia, redigiu o programma para toda a sua existencia, nestes termos:

Serei negociante. Commerciarei e ganharei até á quantia de cem mil libras esterlinas. No dia em que o effectivo da casa subir a essa somma, liquidarei. Farei depois uma viagem por toda a Europa, a qual não durará mais de cem dias. Para essa viagem destinarei mil e duzentas libras, as quaes divididas pelos cem dão em resultado doze libras por dia. Esta será a cifra que hei de *precisamente* gastar por dia. No ultimo dos cem, entrarei em Londres, onde ficarei vivendo, gastando á risca os juros do capital restante, que será de noventa e oito mil e oitocentas libras, divididos pelos dias do anno, nem mais um shilling, nem menos um guinéo.

D'aqui por diante Lord Right não foi mais do que o instrumento para executar o seu programma. Era um relogio, um planeta, um calculo mathematico, uma maquina a vapor movendo-se e obedecendo ás leis da exactidão, seguindo á risca o seu programma, sem reconhecer forças divinas nem humanas que o impedissem.

Depois da liquidação da sua casa, começou a sua viagem a doze libras por dia.

Com tal continha, o viajante, por mais exigente que seja—não sendo algum empregado publico por-

tuguez viajando á custa do governo, em commissão a alguma exposição universal—por mais exigente que seja, diziamos, não deve temer que lhe falte coisa alguma. Dada a hypothese de haver embaraço, seria em elevar a despeza á cifra marcada. A Providencia porém povoou o mundo de individuos talhados perfeitamente para ajudarem o nosso inglez. Lord Right corrêra já toda a França, e por emquanto não encontrara a menor difficuldade em gastar as suas doze libras por dia...

Depois viera a Portugal e entrara na provincia do Minho.

É ahi que nos iremos encontrar com elle.

Os primeiros dias correram breves e felizes para o nosso milord, Portugal não ficava atraz da França, as doze libras gastavam-se perfeitamente; mas ai! não ha ventura perfeita cá neste mundo!

Veio um dia aziago.

Uma trovoada surprehendeu Lord Right, perto da aldêa de Bem-Viver, a seis legoas do Porto. Forçoso foi passar ali um dia.

Por uma coincidencia terrivel, estava reservado a Lord Right vir mal-dizer a existencia na aldêa de *Bem-Viver!*

Entrou o nosso homem por uma porta, onde se lia em caracteres incriveis o seguinte: —*Esta Lage*

— *comer Vinho — Reco-Lhem-Se bestas* — e o competente tradicional e classico ramo de loiro.

Pouco menos havia no estabelecimento do indispensavel ás necessidades da vida. A mobilia compunha-se de uma cama pequena, n'um quarto pouco maior; na casa contigua, uma velha e carunchosa banca, dois mochos um pouco mais... velhos, um relogio dos vulgarmente chamados de *cuco*, que não tinha ponteiros ha vinte annos, e um pequeno armario com uma pouca de loiça de barro vidrado.

Quando o acaso ou a necessidade ali levava algum forasteiro e o obrigava a passar a noite na estalagem do Bem-Viver, José Mendes, proprietario e director do estabelecimento, Maria, sua filha, formosa e rochunchuda sirigaita de dezesete annos, fazendo as vezes de criada de quarto, e um rapagão chamado Miguel, perfeito moço, mas um pouco *cabeçudo*, accumulando as funcções de criado de meza, *cicerone* e criado da cavallariça; todos estes tres personagens iam pernoitar no palheiro para deixarem as *salas* livres ao hospede ou hospedes.

Grande foi a agitação no hotel de José Mendes, ao ver entrar Lord Right, com a mais britannica sem cerimonia, de seu bonésinho á escoceza, as suas suissas vermelhas, o seu *mackinstosh* e o microscopico sacco de noite.

Mendes deitou uns cavacos no lume e quebrou n'uma frigideira meia duzia d'ovos. Miguel correu a buscar um pichel de *binho berde*, que pôz com um talher sobre a meza. Maria foi deitar na cama um par de lençoes lavados, d'algodão quasi cru.

Right comeu silenciosamente a fritada d'ovos com cebola, bebeu sem franzir a sobrancelha dois grandes copos de *binho berde*, capaz de fazer dançar cabras, e foi-se deitar com o mesmo ar de satisfação e socego com que o faria no melhor hotel da sua terra.

Durante a noite foi visitado pelos insectos da terra, circumstancia que muito estimou e de que tomou nota no seu *memorandum book:* visto andar viajando para se instruir, estimava muito ter assim occasião de estudar a côr local do paiz...

No dia seguinte, depois de haver tomado outra refeição igual á da vespera, a que chamou almoço, mylord foi dar a sua volta pela aldêa e admirar as gallinhas do senhor padre cura e o barbeiro do Logar, as maiores curiosidades do sitio, acompanhado pelo *cicerone* Miguel, e por mais algumas duzias de admiradores adventicios de todos os sexos e idades.

Recolhendo-se a casa, tomou outra pratada d'ovos com cebola acompanhada pelo competente liquido: expirando as vinte e quatro horas, Lord Right viu

que tinha passado um dia, e tratou de pedir a conta, para se retirar.

Uma cama, tres fritadas d'ovos e um pichel de vinho n'uma aldêa do Minho, ainda mesmo na do Bem-Viver, não são coisas muito dispendiosas. A conta fez-se depressa, e José Mendes com o seu chapéo respeitosamente na mão, veio trazel-a ao nosso viajante.

—Oh! *goddam!* disse elle raivoso depois de a ter examinado.

Elevava-se a despeza á quantia de 355 réis!

Mendes assustou-se com aquelle *goddam* proferido em tom assustador.

—Não póde ser menos, meu rico senhor, bem sabe v. ex.ª que está tudo muito caro e...

—Quem falla vocemecê de cara? Oh! por quem me toma sinhorr? disse mylord cada vez mais zangado.

—Oh meu rico senhor não se zangue, eu não desconfio de v. ex.ª, bem sei que é um senhor muito capaz... por isso foi tratado em minha casa o melhor possivel... Parece-me que v. s.ª não tem que dizer áquella *muleta?*

— *Very well*, com cebelas, oh! *very well*, mim foi muito satisfeita de tuda, mas não consente que apresente a mim uma conta tão ridiquiule.

Mendes abriu os olhos quanto pôde.

—Oh aprende sinhorr l'hote que um gentleman tal que eu, nunca subirá l'humilecheune de pagar tres tostões cincoenta cinca por um logement e sustenta de vinte e quatro horas!

—Mas v. ex.ª...

—Oh mim tem fixada minha despeza jornaleira em doze libres esterling, nem por vocecê nem por ninguem Lord Right québrará suà lei!

Right estava longe de conhecer com quem fallàva. Probo e ao mesmo tempo opinioso, Mendes era de mais a mais cabeçudo.

—Senhor, disse elle ao inglez que já puxava pela carteira, v. s.ª não me deve senão 355.

—Oh! mas mim dar mais.

—Mas eu tenho preços fixos na minha casa, não recebo nem mais um real.

—Oh vocemecê receber mais.

—Não aceito nada, sou pobre mas não aceito senão o que me devem.

—Oh sinhorr não quer?

—Só quero o ganho legitimo, e dar-me mais é desfeita que me faz.

—Oh! obstinécheune!

Começavam já as orelhas do inglez a fazer-se da côr das suas suissas.

—Uma vez ainda, quer vocemecê?

—Não senhor.

Houve um momento de silencio depois do qual Lord Right fazendo-se mais vermelho do que um pimentão, exclamou soffocado.

—Oh! *goddam!* vocemecê estar uma besta!

E com um pontapé deitou pelos ares uns cinco ou seis pratos que Miguel por falta de espaço na mesa, pozera no chão.

—Isso é outra coisa, disse José Mendes descançado, seis pratos são mais doze vintens que o mylord deve.

—Oh! *very well, very well,* disse o Lord cujo peito dilatado pareceu respirar mais livremente, mim póde québrarr e pagar?

—Se v. s.ª se quer divertir com isso...

—*Yes, yes,* isto diverte muito a mim...

E nisto Right pegou n'um galheteiro e lançou-o pela janella fóra.

—Mais treze vintens e meio ajuntou fleugmaticamente Mendes, era o traste mais antigo que tinha em casa.

Uma vasta salladeira pintada d'amarello e verde tomou logo o caminho do galheteiro.

—Setenta e cinco, continuou Mendes.

Um cangirão foi logo atraz.

—Dois e cinco.

Lord Right estava que não cabia em si de contente, mas não perdia por isso o *sangue frio* — sangue frio inglez — foi ao armario com todo o socego e tractou de pôr no meio da rua tudo quanto elle continha; pratos, travessas, chicaras, copos, nada escapou, nem uma pobre bacia de barba!

Depois de ver que não havia mais louça, Right veio com ar triumphante sentar-se n'um banco e disse a Mendes:

—Faze vocemecê o rol.

—Cá estou a ver em quanto importa.

Depois de uma boa meia hora de contar pelos dêdos, e parece que pelas taboas do tecto, veio Mendes trazer ao inglez o rol, sempre de chapéo na mão.

—Senhor, são 4$235 réis.

—Oh!... nem mesmo uma libra!

Para doze ainda faltava alguma coisa.

Era para desesperar.

A raiva do mylord manifestou-se por um britannico murro vigorosamente applicado á meza; esta, cuja idade e achaques lhe tinham deteriorado um pouco as costellas, fez um movimento de titubeação muito visivel. Foi um raio de luz e alegria.

O Lord levantou-se, tomou ás mãos ambas o pára-chuva e meneando-o em todos os sentidos, fez a meza n'um feixe, deu cabo d'um bofete, depois pe-

gando n'um banco fez em migalhas o pobre cuco, e achatou dois candieiros de latão. Não vendo mais nada que esmigalhar, deixou-se cair sobre o monte das ruinas, soffocado, cançado, suando em bica, mas risonho e contente, dizendo:

— Oh! faze vocemecê o rol.

Mendes depois de uzar dos seus dedos respondeu:

— São 10$760.

Impossivel é descrever o desapontamento de Lord Right ao ouvir este algarismo.

— Oh! *goddam*, sinhorr ingana a mim.

— Não senhor, eu nunca enganei ninguem, está tudo muito caro, não póde ser por menos.

— *Goddam!* vocemecê querer fazer mim doida!

Um terceiro personagem tinha assistido ao fim d'esta scena; era Miguel, que ouvindo tanta bulha, chegára á porta, e abrindo os olhos e a boca ao mesmo tempo, admirava o rosto alegre do inglez e a impassibilidade do patrão, no meio d'aquelle montão de ruinas e cavacos.

Lord Right vendo-o pareceu como tomado de uma inspiração subita.

— *All right!* aqui está os 10$760, deixa-me vocemecê com esta rapaz.

Mendes tomou e contou o dinheiro e retirou-se immediatamente.

— *Garçon* vem cá. Oh! não tenha meda, mim québrarr trastes, mas não québrarr rapazes. Seu nome, *if you please?*

— Miguel, criado de v. s.ª.

— *Yea, very well;* mim estar muita contente com sinhorr Miguel, elle fez a mim esta manhã uma passeia *very beautiful,* mim querr recompensar vós.

— Oh mylord!

— Oh! nô... mim precisar dar muita dinheira.

— Muito obrigado.

— Oh *yes!*

— Muito dinheiro! replicou Miguel saltando de contente, isso vem do céo aos trambulhões.

— Oh não comprrende... trambulhão!?

— Olhe, mylord, ámanhã faz annos cá a minha aquella... ha tres mezes que eu ando a juntar para lhe comprar um lenço, mas falta-me ainda... e nisto baixou os olhos envergonhado.

— Oh diga quanta falta, exclamou o inglez.

— Tenho acanhamento.

— Sim, mas mim ordena.

— Pois... mylord, eu não tenho ainda senão seis vintens... e um lenço de seda bom, como eu queria dar não custa por ahi menos de... dois pintos.

Miguel disse, mas arrependeu-se; tinha medo de offender o mylord, fallando-lhe em dois pintos.

— Oh! aqui está para comprarr uma lença muita banita.

— Mas o que é isto? perguntou Miguel assombrado.

— Estar uma piquena peipar muita boa, uma bank-note.

— Mas isto vale alguma coisa?

— Vinte mil réis.

— Vinte mil réis! gritou Miguel, mas eu já disse ao mylord que não tinha senão seis vintens, como lhe hei de dar a demasia?

— Quem pede vocemecê demasia? Mim é que deve ainda dinheira a vocemecê, *au* contrario.

— Não percebo, mylord.

— Oh estar stiupide? Mim dá isso a vocemecê para pagarr piquena passeia que vocemecê fez fazer ésta manhã.

Miguel deu a nota a Lord Right.

— O mylord quer talvez experimentar-me, mas todos sabem quem é o Miguel, que não é capaz de aceitar de ninguem senão o que lhe devem.

— Sim, mas mim deve a vocemecê.

— Não senhor, não deve tanto; se me quer dar o dinheiro para o lenço já me paga muito bem.

— Oh! *goddam!*

Lord Right repetiu tres vezes esta interjeição tão

favorita dos filhos d'Albion, com que exprimem a alegria e a dor, a zanga e a satisfação.

Depois saíu de casa, fóra de si, murmurando palavras intermeadas de immensos *goddam* e outras interjeições britannicas.

Deu umas poucas de voltas em torno da aldêa sem que encontrasse um unico ente compassivo que lhe estendesse a mão. Oh! maldita aldêa do Bem-Viver! Todos os habitantes viviam do seu trabalho.

Lord Right estava costumado pelas diversas terras que percorrêra, a comprar qualquer curiosidade, um livro velho, uma antiguidade qualquer, mas naquelle terrivel sitio nem sequer havia quem o enganasse! Não pôde senão comprar dois vintens de conchinhas da praia visinha que um rapaz lhe vendeu.

Voltou tristemente á estalagem. Miguel estava á porta assobiando.

— *All right!* Miguel, vae dizer a sinhorr Mendes qui vem aqui.

Miguel foi.

— Sinhorr Mendes, mim fallou com seu rapaz, elle tem uma convarséchône muita bonita, *yes*.

— Ah sim, é muito bom rapaz, não desfazendo em pessoa nenhuma...

— *Yes*. Elle estar muito iutile vocemecê?

— Se está util?... ah! sim, muito util, sim senhor.

— Sinhorr estaria muita pena de separar d'elle?

— Decerto.

— *Very well!* mim quer comprarr Miguel.

— Ora o inglez!

— Oh nô! faze vocemecê rol, eu paga sem demora.

— Faz-me falta o rapaz, mas se elle quizer ir com o mylord, póde leval-o.

— *Very well! combiem?*

— Como?

— Diga vocemecê o preça de Miguel.

— O preço! eu não vendo gente, não sou negociante de escravos brancos. Ora o inglez!

E zangado ia retirar-se.

— Oh *goddam!* diabo d'home! disse Lord Right agarrando-o. Oh estar uma terra muita má... tudo bestas oh! mim querer comprarr absoliutamente algume coisa vocemecê, e, *goddam!* não sáe daqui sem ter comprrada.

— Ah! ah! ah! ora o diabo do inglez! disse baixinho Mendes, e logo lembrando-se disse mais alto: Pois se está com vontade de gastar dinheiro eu lhe vendo alguma coisa.

— *Yes!* diz lá, *yes!*

— Tenho uma filha, que v. s.ª havia de ver, e...

— Oh! interrompeu o inglez, estar muita banita, quer vocemecê vender ella?

—O quê? era o que faltava, aqui não é lá a sua terra, onde se vendem as mulheres nas feiras como os cavallos.

—Oh *yes!*

—Mas ia eu dizendo, a pequena já vae em 17 annos, e aquillo é mesmo um anjo. Ora aqui nesta casa entra todo o bicho careta, e a minha Mariquinhas já não tem mãe para a vigiar, por isso tenho resolvido largar o estabelecimento; com o dinheiro delle comprarei uma cabana e um bocadito de terra para semear umas couves, para eu viver com a rapariga.

—Oh *yes! very well!* quanta querr pela estabelecimenta?

—Eu em, me dando ahi umas nove moedas.

—*Yes!* mim comprrar tuda isto.

—Mas então o milord vae-se fazer estalajadeiro?

—Oh não importa vocemecê, mim paga tuda...

—Tem razão.

—Aqui está dinheira.

—Ora v. s.ª está mangando comigo.

—Oh inglez nunca manga. Toma.

—Ah! ah! ora o inglez!... Está bom, a barraca é sua.

—*Yes*, então mim póde fazer d'ella o qui quizer?

—De certo.

—Oh *very well!*

—Vou dar á Mariquinhas esta boa noticia.

E Mendes correu para dentro ainda meio estupefacto de levar nove moedas na mão.

Lord Right ficou só, e poz-se a reflectir.

—Oh, mas elle tem rézão, qui fará mim desta casa?... Elle não cabe no meu sacca de noite... Oh *yes!* mim vae québrarr casa, como québra louça; *yes!* è o unico meia risonable... Oh! mas dar muita trabalha québrar caza...—oh *yes!* mim vae queimar casa... *yes!* basta uma piquena palita, por miter fogo a tuda isto. Oh! que grande satisfacchône de procurar esta divertimenta d'uma piquena incendia.

Lord Right tratou logo de pôr em execução o seu projecto.

—Vamos queimarr tuda.

Mas Right pertencia a varias sociedades animalophilas, fundadas em Inglaterra para a protecção dos animaes. Qúiz pois primeiramente ver se não havia na casa algum gato, cão, gallinha ou pato que corressem perigo de ser queimados.

Ao entrar em casa para fazer a sua pesquiza, Right ouviu uma voz no quintal que reconheceu ser a de Miguel, e poz-se a escutar.

—Será possivel Mariquinhas, que o patrão vendesse a casa a esse diabo do inglez?

—É verdade, Miguel.

—Acabaram as nossas esperanças.

—Eis os nossos projectos desfeitos.

—Elle podia-se ter lembrado da gente...

—Podia ter-te dado a ti o estabelecimento.

—E casar-te comigo, cá ficava então eu para tomar conta em ti.

—E a gente sustentava o pae.

—Os diabos levem o tal inglez... que veio interromper a nossa felicidade.

E alguns soluços chegaram aos ouvidos de Lord Right, que, apesar de inglez, ainda tinha seu bocadinho de coração.

—Oh insolentes namorados, disse elle comsigo... mas é precisa pérdoar á paixône. Oh *yes!* mim não queima casa.

E apresentou-se ante os pobres rapazes que espantados enchugaram os olhos.

—Míguel, vocemecê já não vem comiga, rapariga já não vae para outra parte, mim vae arranjar tuda com papá.

—Será possivel?

—Mim mudou de opiniône, Miguel, dá vocemecê esta casa, e Mendes dá sua filha vocemecê.

—Oh mylord!

—Oh! mim não quer asneiras, como com o

banknote, ou então mim aluma palita e queima casa.

Lord Right já tinha na mão uma caixa de phosphoros, e estava qual soberano ameaçador dictando um ultimatum sem replica.

—Miguel aceitas? disse Maria.

—Maria queres? disse Miguel.

—Oh *yes, very well!*

—Com uma condição, mylord.

—Oh! nô condichône!

—É que todos os annos mandaremos um tanto ao mylord até lhe pagarmos as casas.

Miguel e Mendes tinham a mania, fossil no presente seculo, de nào quererem nada que não fosse seu legitimamente.

—Nô.

—Sim.

—Nô.

—Então não temos nada feito.

—O abimineible populechône! exclamou Lord Right fóra de si, mim vae queimar minha miola, não se póde viver com esta gente!

Depois reflectindó disse:

—Oh *yes,* mim consente na condichône.

—Então é o nosso bemfeitor.

—Nô, nô! não é para fazer vocemecês felizes que

mim fez ista: é por respeitar minha lei, meu biudeguet de viagem.—Mim consente na condichône, com outra condichône tambem.

Vocemecês darão a dinheira a senhorr cura para soccorrer, em meu nome, os animaes desgraçadas desta terra.

Não havia objecção possível, estavam todos os escrupulos aplanados, o tratado concluiu-se, e Mendes rectificou-o dando sua filha a Miguel.

Isto feito, Lord Right não consentiu em ficar até o dia seguinte para comer um prato d'arroz dôce e ser padrinho do casamento; partiu sem receber os agradecimentos dos animaes infelizes da terra.

Só a idêa de se demorar mais uma noite na aldêa de Bem-Viver onde tão mal vivera, o fazia extremecer.

—Oh! *yes, very well!* exclamou elle contente, no Porto, depois de um suculento jantar, e de ter dormido em bella cama n'um bom hotel, onde encontrou um criado que lhe não recusou tres libras, e um patrão que lhe apresentou uma conta de outras tantas, por estar informado dos seus desejos, *oh! very well!* hoje é que mim está em terra de gente civilisada, qui não mette obstaculo á regularidade de minha viagem!

EPIGRAMMAS

EPIGRAMMAS

A penca e os olhos

Uma penca aborrecida
De andar sempre carregada
Com uns oculos immensos,
Aos olhos disse zangada:

— «Que obrigação terei eu
De andar assim ajoujada
Com estas grandes cangalhas
Que me não servem de nada?

Não está feia a comedia!
O nariz besta de carga,
E os olhos todos fidalgos
Muito bem de mão na ilharga.» —

Ao dizer estas palavras
Dá tamanho safanão,
Que prega sem mais demora
C'os oc'los no meio do chão.

Os olhos não vendo nada
Viram-se em grandes apuros,
Mas quem pagou foi a penca
Que se foi esmorrar nos muros.

Ha, abusos neste mundo
Contra os quaes se move guerra,
Que depois fazem bem falta
A quem n'os deitou por terra.

Um doutor como ha muitos

Cujo porco toucinhudo
Uma per'la achou um dia,
Em nojenta lavadura
Que aforçurado lambia.
Vae-se ao primeiro ourives

E lhe faz presente d'ella.
—« Convenho seja mui bella,
«Para mim não vale nada,
«E pref'ria em logar d'ella
«Uma pêra bem sorvada.»

Um doutor herda d'um tio
Umas obras de Camões,
Corre á tenda e vae trocal-as
Por uma quarta de feijões.

Que grande pinga!

—«Venha cá senhor visinho.
Quero que prove o meu vinho» —
Dizia João lavrador
A Thiago, qu'era amador
E tomava o seu *biquinho.*

JOÃO

Ahi vae uma escudella...

THIAGO

Essa é boa, venha ella!
Qu'inda hoje o não provei,
E tenho secca a goella...

JOÃO

Que me diz?

THIAGO

É bom de lei!

JOÃO

Grande pinga, sim senhor!
Não sabe, amigo Thiago,
O que lhe dá o valor?...
É não ter d'uva nem bago!

Um imberbe valentão

—«No mundo não temo nada
Sou tão grande valentão,
Que se me dá na pancada
Lanço mão da minha espada
Começo a dar bordoada,
Mato quantos aqui estão!»

Um joven filho de Marte
Expressava-se d'est'arte
No calor d'uma questão.

Certo maganão presente
Já trata de se esgueirar,
(Não por medo, mas por troça)

— «Descance, lhe diz o valente,
Não tenha medo da coça,
Isto por ora é fallar!...»

A inveja cavallar

(FABULA)

Exangues, mortos de fóme
Dois sendeiros lazarentos,
Na praça soffrem parados
As calmas, chuvas e ventos.

Assim arrastam a vida
Esses tristes animaes,
Esp'rando o raro freguez
Vergando sob os varaes:

Por elles passa um calexe
Tirado a nedios ginetes,
Formosos, gordos e bellos,
Voando quaes leves foguetes.

Vendo aquelles fidalgos
Os outros pobres rocins,
Quasi que morrem d'inveja
Debaixo dos seus selins.

«Quem nós déra, dizem elles,
«Vossa vida e tratamento;
«Quem nos déra assim correr,
«Não parar um só momento!

«Ai vida, doce viver!
«Cevados, sem pulmoeira,
«Gramando bella cevada,
«Dormindo em bella cocheira!

«E nós aqui, a pé quedo,
«Almejando por centeio,
«Desejando uma palhada,
«Não trincando senão freio!»

Os pobres magros sendeiros
Assim se pronunciavam
Pela santa liberdade,
Que elles tanto idolatravam!

Não são porém os fidalgos
Exemptos da inveja crua,
E em voz baixa lamentam
Caprichos da sorte sua:

«Ó crueldade mundana!
«Aquelles quietos, parados,
«Nós alagados, suando,
«Quasi morrendo esfalfados!

«Livres do duro chicote,
«De seus agudos estallos,
«Aquelles entes ditosos
«São os reis, nós os vassallos!»

Esta dura inveja cavallar
Ao homem bem se póde applicar,
Tambem a senhora humanidade
A inveja domina, roe e cobre:
Quantos pobres invejam o rico!
Quantos ricos invejam o pobre!
Quantos nobres invejam plebeos!
Quantos peões invejam o nobre!
Qual será deste mundo o vivente
Que do seu fado viva contente?...

A Hydropathia

Acabem, França, Italia, Inglaterra
De no Estige lançar tanto vivente;
Dispense Garibaldi a sua gente,
Se tem por fim rapar-nos cá da terra;

Medicina, cessae de fazer guerra
A tudo que no mundo vive e sente;
Abaixo raspalhistas, juntamente
Com o mais que na cova gente ferra;

Das boticas acabe o apparato,
Fóra xaropes, tachos, porcaria,
Purgas, drogas, manás, espalhafato!

Fique só a *famosa* hydropathia
Que dá cabo da vida mais barato
Com banhos e copasios d'agua fria!

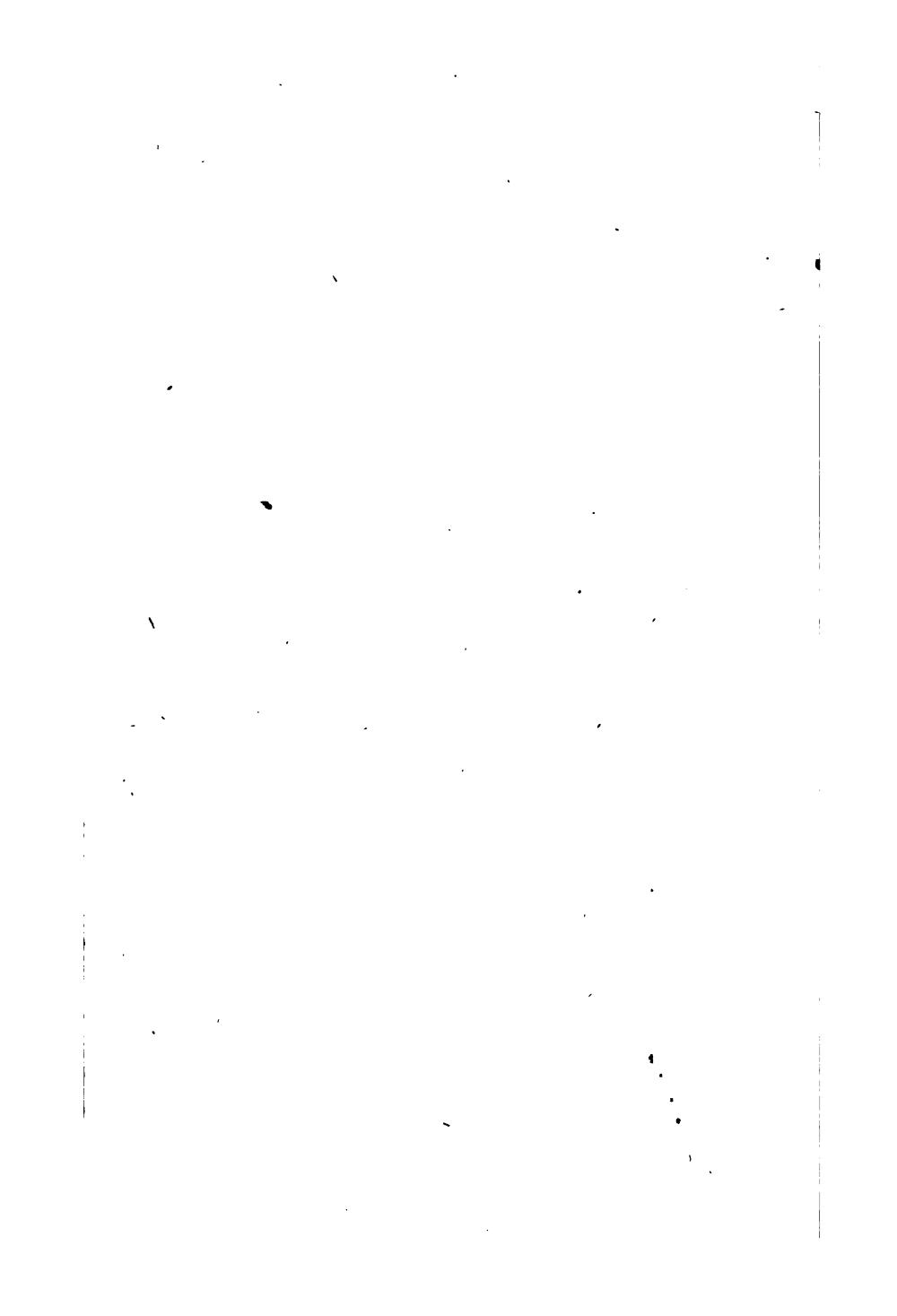
Ao rei dos cabelleireiros

Salvè, grande Baron, por muitos annos,
Semi-deus, cujo templo perfumado
Ostentas lá no cimo do Chiado
Entre fluidos, pomadas e tutanos.

Tu não és d'esses charlatães mundanos
Que acham em Lisboa o seu morgado,
Bem mostram um talento consumado
As barbas e cabellos lusitanos.

No Loreto uma estatua agigantada
Que ao mundo de teu estro seja aviso,
Proponho te levante a janotada:

Desejas vel-a erguida d'improviso?
Vê se inventas algum oleo ou pomada
Que lhe metta nos cascos o juiso...

POR CAUSA D'UMA VIRGULA

POR CAUSA D'UMA VIRGULA

NO PASSEIO PUBLICO

Scena I

Dois velhotes, passeiando e conversando na rua do lado occidental. Pelo seu traje desmaselado e besuntão inculcam ser dois grandes alfarrabistas.

1.º VELHOTE

Era já um capricho da minha parte... além da aposta que tinha feito...

2.º VELHOTE

Ora a quem o diz! a coisa foi muito fallada em Lisboa...

1.º VELHOTE

E note que a não tinha visto senão uma vez... mas foi quanto bastou...

2.º VELHOTE

E só com essa pequena impressão... se atreveu apostar?...

1.º VELHOTE

Se me tinha cá entrado... e o que cá me entra não sáe assim...

2.º VELHOTE

Com effeito! Mas como demonio foi você dar com ella?

1.º VELHOTE

Tinha apostado que dentro em seis mezes havia de ser minha por força...

2.º VELHOTE

É muito!

1.º VELHOTE

Audaces fortuna... como era questão de capricho, não me poupei a despezas nem a fadigas...

2.º VELHOTE

E foi em Londres que a encontrou?...

1.º VELHOTE

Qual historia! isso era oiro sobre azul! Chego a Londres, corro a casa de Lord Lunger, que é onde a tinha visto...

2.º VELHOTE

E depois?

1.° VELHOTE

Tinha partido para Paris, levando-a comsigo... pudéra!

2.° VELHOTE

Eh! eh!

1.° VELHOTE

Corro logo a Paris... chego, e sei que Lord Lunger tinha morrido!

2.° VELHOTE

Essa!

1.° VELHOTE

Resultado da viagem... naquellas idades...

2.° VELHOTE

Mas talvez com a sua morte concebesse algumas esperanças... *expectata dies*...

1.° VELHOTE

Julguei isso, mas infelizmente, depois de mil pesquizas, venho a saber que o objecto da questão devia de achar-se áquella hora em Roma...

2.° VELHOTE

Que contradança!

1.° VELHOTE

Corro a Roma a *grande vitesse, quadrupedante putrem:* mas eu a entrar por uma porta e ella a sair por outra...

2.° VELHOTE

Ah! ah! ah! *Spes delusa!*

1.° VELHOTE

Ainda aqui não pára a comedia; no melhor da festa, apparece-me minha mulher em Roma...

2.° VELHOTE

Em Roma?!

1.° VELHOTE

Em corpo e alma!

2.° VELHOTE

Essa agora é que é a melhor de todas, ah! ah! ah!...

1.° VELHOTE

O cuidado, e julgo que tambem uns ciumesitos a levaram a traz de mim... Tinha razão... eu nem sequer me lembrára de lhe escrever...

2.° VELHOTE

Genus irritabile—mas no fim de contas?

1.° VELHOTE

Não tive remedio senão confessar-lhe tudo...

2.° VELHOTE

Sim? e ella?

1.º VELHOTE

Escamou-se ligeiramente, mas por fim decidiu-se a acompanhar-me, e partiu comigo para a Suissa...

2.º VELHOTE

Pois tambem a sua senhora? ah! ah! ah!

1.º VELHOTE

É verdade, meu caro... finalmente em Berne é que fui dar com a cachorra, ganhando assim a aposta... — *reu acuteligi*... agora não a largo á quinta facada! e não dou por mal empregados o dinheiro e os incommodos que me custou... Eil-a aqui!... *(tira da algibeira um livrinho muito velho e bolorento)* Não a dava por cem libras!

2.º VELHOTE

Mas onde está o demonio da tal virgula, objecto da aposta?

1.º VELHOTE

Aqui está... Canto quarto, estancia cincoenta e cinco...

«Do jugo que lhe poz o bravo mouro,
«A cervis inda agora não sacode.»

De maneira que estando assim a virgula depois do *mouro*, vem a ser o mouro que poz o jugo a Affonso v...

2.º VELHOTE

E Affonso v quem ainda não sacudiu a cervis!... ah! ah! ah! é bem apanhada essa!...

1.º VELHOTE

A virgula deve de ser posta depois do *pôz*...

2.º VELHOTE

De certo...

1.º VELHOTE

De mais a mais é a famosa edição dos *Piscos*, a mais rara de todas.

2.º VELHOTE

É verdade, cá está = *Lisboa* 1584. =

1.º VELHOTE

Pois se eu tinha a certeza de ter visto a virgula depois do *mouro!*

2.º VELHOTE

Com effeito deu-lhe que fazer a tal virgula!

1.º VELHOTE

Mas ganhei a aposta...

(Afastam-se.)

Scena II

DUAS SENHORAS (sentadas) *vendo-os passar*

1.ª SENHORA

Lá vae meu marido.

2.ª SENHORA

A proposito! Ainda tu me não contaste nada da tua viagem a Roma.

1.ª SENHORA

É uma linda cidade.

2.ª SENHORA

Divertiste-te muito, não?

1.ª SENHORA

Bastante!... não me arrependi de ter ido...

2.ª SENHORA

Dizem que ha lá bellos objectos de arte, lindas curiosidades...

1.ª SENHORA

E lindos artistas...

2.ª SENHORA

Trouxeste decerto alguma estatua?

1.ª SENHORA

Não. Preferi trazer um estatuario...

2.ª SENHORA

Que me dizes?!

1.ª SENHORA

Digo-te que fiz a aquisição d'aquelle bello mancebo que lá vem...

2.ª SENHORA

Muito me contas... E é bonito, parece-me estrangeiro!

1.ª SENHORA

Romano dos quatro costados, imaginação artistica, coração sentimental; oh! não ha quem chegue aos estrangeiros; elles é que sabem amar... os portuguezes para o amor são uns desazados!...

Scena III

ROMANO *e* JULIO

ROMANO, *lendo*

Datemi della carne, dê-me carne; *un pettine*, um pente; *degli stivali*, umas botas; *azzurro*, azul...

JULIO, *abraçando-o*

Que diabo andas tu a estudar com tanta devoção, que nem os amigos conheces?

ROMANO

Oh! grande Julio Pereira!

JULIO

Ora o Pedro!

ROMANO

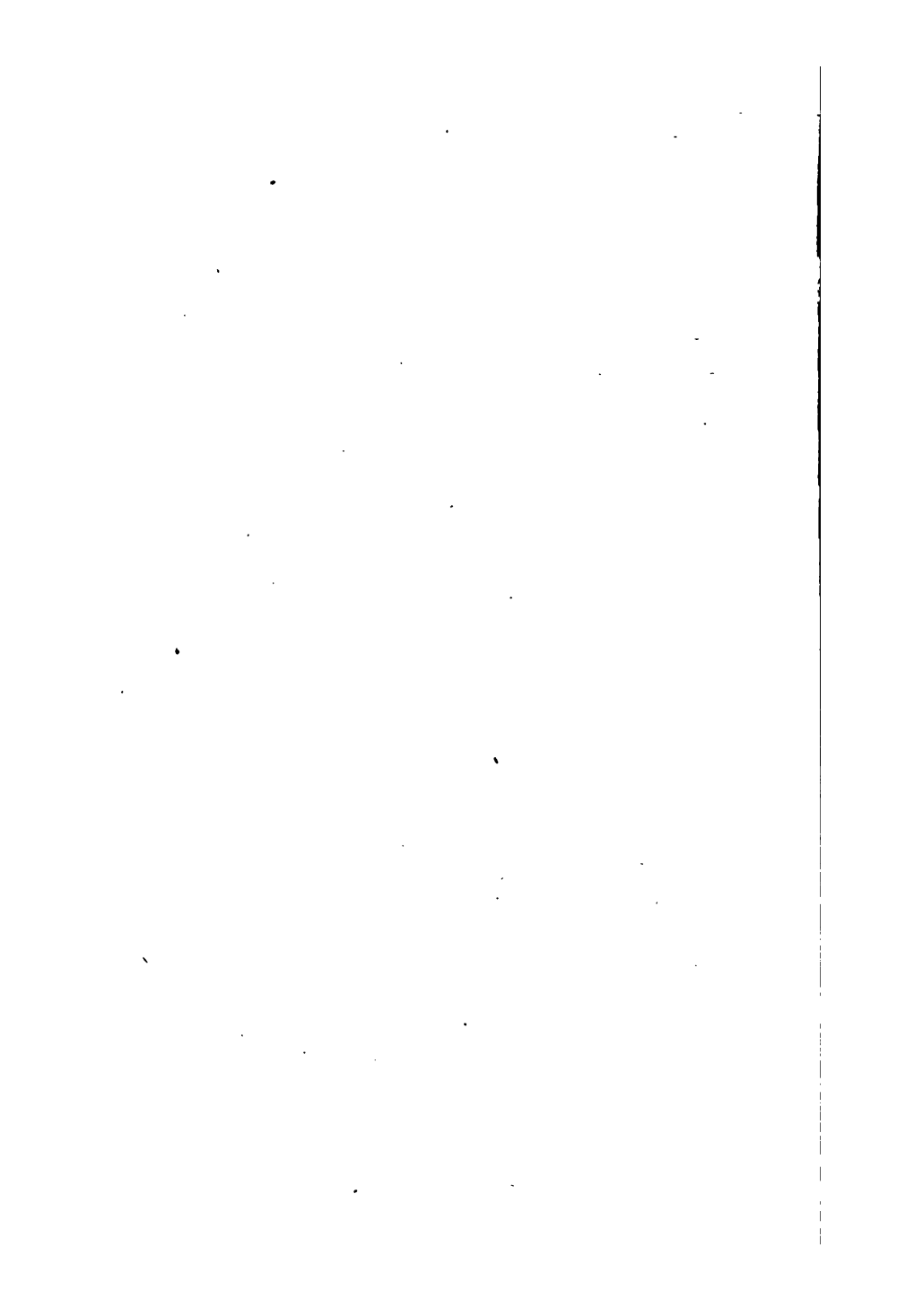
Nos logares publicos sou Pietro...

JULIO

Pietro?

ROMANO

Sim, ando estudando italiano para passar por tal. Na minha viagem a Roma travei relações com aquella linda mulher que acolá vês; tive a felicidade de lhe dar no gotto, mas fiz-me italiano e estatuario... Ella está doida por mim porque imagina que sou patricio de Petrarca; se ella me conhece por a lingua ou pelo accento estou perdido... por isso não faço outra coisa de dia e de noite senão estudar o accento da lingua... *La tavola,* a meza; *un pettine,* um pente; *datemi della carne...*

(Afastam-se.)

EPIGRAMMAS

EPIGRAMMAS

A burra de Balaão

A burra de Balaão
Dizem, fallou como gente;
Ora é forte admiràção!
Como burros vê agente
Fallar muito figurão!

Legado Pio

Sabe-se que um Lazarista
A sua alma a Deus legou,
Mas o que`inda se não sabe
É se Deus lh'a aceitou...

O fanfarrão e o avarento

Um militar perguntava
A certo avarento, um dia,
Que prazer elle encontrava
Em juntar tanto milhão
Que de nada lhe servia.
«O mesmo — volta o ratão —
«Que o amigo experimenta
«Em arrastar pelo chão
«Essa espada ferrugenta.»

Epitaphio

Do famoso avarento Simões
N'esta campa a ossada se consome;
Deixou mais de quatorze milhões,
Morreu hontem de frio e de fome.

A uma grande boca

Se Jonas assim tivera
Tão grande boca e tão feia,
A baleia o não comera,
Comera elle a baleia...

A uma roza feia

Aquella Roza Baptista
É tão feia, tão desazada,
Que se acaso um espelho avista
A correr foge espantada!

A certa cara que saiu cara a um amigo meu

Aquella travêssa cara
Tem-te saido bem cara,
Se compras uma de prata,
Custava-te mais barata!...

Antes a pé

Eu vejo andar de *coupé*
Fidalgotes e janotas;
Podia tel-o tambem,
Mas prefiro andar a pé:
Pois elles devem o trem,
E eu pago as minhas botas.

UM FALCÃO SEM PENNAS

UM FALCÃO SEM PENNAS

I

Todos conhecem uma actriz de qualquer theatro de segunda ordem, que sáe pela manhã para o ensaio acompanhada de certa figura de capote e lenço, olhar penetrante e nariz arrebitado, conhecida vulgarmente sob o nome generico de *mãe;* que volta á noite para a representação seguida pela mesma creatura; que entra no camarim precedida ainda pela sobredita; e que retira finalmente para casa no fim do espectaculo escoltada sempre pela sempiterna centupeia...

Regra geral:

Aquelle que fôr assás atrevido para dirigir um galanteio qualquer a esta virtude inexpugnavel —

aproveitando-se, bem intendido, do momento em que a velha dá a sua pitada ao ponto—não terá o prazer de ouvir senão a seguinte resposta:

—Ah! o senhor gosta de mim, acha-me interessante, quer que vá ceiar comsigo, aluga-me um trem?... Tudo isso será possivel se... quizer casar comigo... E nisto volta as costas sem mais cerimonia.

Ora como vulgarmente o individuo não tem desejos de dar a mão de esposo á bella filha de Thalia, porque muitas vezes... já a deu a outra... ou porque não tem lá muita predilecção pelos enlaces que não podem acabar senão pela morte de uma das partes...

Maneira em verdade um pouco atrasadora de acabarem enlaces!

O sujeito sujeita-se a contemplar unicamente a cintura e os calcanhares d'aquella de quem já tencionava admirar outras bellezas...

E se algum amigo que o viu com ella ao canto do bastidor, lhe diz:

—Olé! então você atira-se á pequena?...

—Ora deixa-me! lhe responde immediatamente, quer casar, aquella tôla!...

II

Ora a formosa Angelina pertencia justamente á cathegoria das actrizes de que acabamos de fallar... ás jovens actrizes *com mãe*...

Angelina entrava no seu decimo oitavo anno. Era coradinha, gordinha, fresquinha, espertinha,—talvez até um pouco espertinha de mais... mas é tão bonito defeito este!...

E comtudo, graças á phrase sacramental de que uzava oito, dez e mais vezes por dia:

—Se quizer casar comigo...

Angelina, apesar da sua belleza, morava ainda n'um quarto andar da rua da Rosa, uzava luvas pretas de doze vintens, e galoxas de borracha...

Apesar de ter bastante talento, não passára ainda dos papeis insignificantes, e nunca um folhetinista se lembrára do seu nome.

Pois havia mais de quinze mezes que Angelina se queria casar.

E não casava.

Nem avançava, em posição artistica em financeira.

Porém um dia Alfredo Guerra entra na caixa do theatro de Angelina.

Alfredo Guerra era um bacharel, que, como todos os bachareis, tinha o officio de requerer um emprego publico, sendo *habitué* obrigado de quantos concursos se annunciavam; mas como era rapaz de habilidade, modesto e sem protecções, não alcançava nada: pois já se contentava com o logar de continuo de secretaria... ainda assim!

Nas horas vagas imitava a sua comedia, que tambem pelas mesmas rasões nunca lhe punham em scena.

Quem quizer saber o que é exclusivismo e protecção de compadres, dê uma volta pelas caixas dos nossos theatros... É um modo como qualquer outro de proteger a arte dramatica...

Ora não sei porque, Alfredo deu de cara a cara com Angelina, e embirrou com ella, não tendo nunca embirrado até ali... apesar de a ter visto representar mais de cem vezes.

Olhar para ella, com os olhos mais melodramaticos que ainda se viram, dizer comsigo:

«Oh! que bonita pequena!» amal-a, tratar de lh'o confessar; tudo isto foi obra de cinco minutos.

Angelina deu-lhe com a sua resposta de papagaio:

—Se quizer casar comigo...

A senhora D. Maria das Dores, *sua mãe*, queria engulir de raiva o bacharel...

—Quer casar, meu anjo, responde elle sem se alterar, e porque não?... É livre e eu tambem... Como não ha de ser bom, casar-se a gente!

Pois casemo-nos.

Aqui tem já o signal.

E nisto, Alfredo imprimiu um beijo d'escaldar na fronte dita immaculada... até então...

E D. Maria das Dores não se movia agora; um futuro genro deve tambem ter as suas regalias...

E Angelina suspirou...

Seria de contente?

Não. Era de saudade.

Logo nos explicaremos.

III

D'ali a oito dias Lisboa toda já sabia que o Alfredo Guerra ia casar com a Angelina.

E Lisboa ria. Lisboa nunca deixa de rir quando sabe do casamento de alguma actriz. Isto é porque lhe custa a crer que uma mulher que tem casado tantos milhões de vezes a brincar, no theatro, seja capaz de o fazer a serio uma vez no altar.

Lisboa talvez tenha razão...

O caso é que Alfredo, cada vez mais apaixonado quasi que não deixava já a sua noiva.

Era elle quem a ia levar ao theatro, e elle tambem quem a reconduzia á noite...

A senhora D. Maria das Dores não cabia em si de contente; tinha achado um genro que a alliviava do seu fastidioso emprego de cornaca.

Alfredo e Angelina já começavam a ser felizes...

Já se tratava de arranjar casa, e fallava-se em felicidade domestica; discutia-se a côr da coberta da cama e beijava-se a mão; perguntava-se ás pessoas conhecidas por uma boa cozinheira, e jurava-se reciprocamente amor eterno.

Oh! prodigio de honestidade! modelo de pureza!

Dentro em tres mezes Heloisa e Abeillard estariam sempiternamente unidos pelos laços do hymeneu.

Faltavam só duas coisas insignificantes:

O dinheiro para comprar os trastes... e a fiança a banhos...

IV

Desde que Angelina se achou livre da mãe no theatro, Angelina, não sei por que, tornou-se mais bonita para todos, mais amavel, mais risonha, mais espirituosa...

Já havia quem lhe concedesse algum talento.

E o director promettêra-lhe um papel de consequencia...

Uma noite que ella estava só, no *foyer*, esperando pela sua entrada em scena...

—Alfredo tinha-se ausentado um momento, para ir escolher um apparelho de chá... que se havia de comprar quando houvesse dinheiro.—

Angelina fez-se derepente vermelha como uma cereja, vendo um mancebo pallido como uma cidra, chegar-se para ella...

O mancebo pallido era proprietario da mais bella cabeça que se póde imaginar.

Juntando-lhe um todo elegante e uma pêra ponteaguda.

Era um folhetinista.

Augusto encostou-se á cadeira de Angelina e articulou estas palavras:

—Quem havia de dizer que não tendo querido casar comigo, por eu não ter vintem... havia de ir ser mulher do Alfredo Guerra!

Ah! que se eu adivinhasse não me tinha contentado só com aquelle beijo que lhe roubei, tinha-lhe roubado um cento...

Mas a menina está doida! o Alfredo nunca ha de ser nada neste mundo; tem talento, é modesto e possue bons sentimentos...

Não passa d'ali!

Bonito casamento vae fazer, não tem duvida!... eu não lhe dou tres mezes de ventura...

Ainda se elle fosse algum rapaz elegante... mas um mono d'aquelles... feio, baixo, desgeitoso...

Que semsaboria!

Uma actriz, minha rica, nunca deve casar senão por amor, ou para fazer fortuna.

Amor não póde ter a Alfredo; quanto a fortuna, o que lhe ha de elle dar, se elle não tem! Pense bem, Angelina, é melhor namorar primeiro...

Mas não casar!...

A riqueza virá depois...

Os conselhos eram dignos de um folhetinista...

V

—Um apparelho de chá de porcelana dourada por duas libras, é de graça, não achas?... Vamos vel-o amanhã... sim, anjinho?

Era Alfredo que assim fallava ao sair com Angelina do theatro, d'ali a alguns dias.

O anjinho contemplou o bacharel.

—É verdade, como é feio, pensou ella... e que ·ixo... meu Deus! eu nunca me poderei entender um homem deste tamanho...

Davam dez horas. Angelina não tinha já que fazer no theatro.

Alfredo, antes de conduzir, como de costume, a sua noiva ao regaço materno, manifestou desejos de ir com ella, fazer um passeio romantico á lameda de S. Pedro d'Alcantara.

Era a lameda de S. Pedro d'Alcantara o logar da predilecção de Alfredo para os seus passeios romantico-nocturnos.

—Não, hoje não, estou tão fatigada! replicou Angelina, vou já deitar-me...

Adeus.

E deixou o seu futuro esposo para entrar em casa.

Esquecendo-se até por signal de lhe dar como de ordinario, a fronte virginal a beijar.

VI

—Ó mãe, eu vou esta noite a um baile com o Alfredo.

—A um baile!... onde é?

—Em casa d'uma tia d'elle.

—Emfim como é com elle, pódes ir... mas que vestido has de levar? não te conheço se não um de cassa branca.

—Pois levo esse mesmo.

—Então elle é que te vem buscar?

—Não, mãe; é uma prima d'elle que ha de vir n'um trem...

—Olha, leva a chave do trinco, pois naturalmente quando vieres ainda eu estou a dormir.

VII

Mas a senhora D. Maria das Dores ainda hoje dormiria se não tivesse acordado antes da volta de sua filha...

....

Depois da lição de moral do folhetinista, viera uma não menos edificante de certa megera...

Fôra uma centupeia que tivera o cuidado de se aproveitar da ausencia de Alfredo no palco para abrir os olhos a Angelina...

E por tal fórma os abrira...

Que a rapariga consentira em ir aquella noite ao baile da senhora D. Carlota...

A senhora D. Carlota era uma dessas mulheres vis, que se occupam em sacrificar a innocencia, e vivem do sangue das suas victimas, mulheres que ainda assim a sociedade moderna se não envergonha de considerar como uteis e precisas ao seu bem estar!...

Havia baile naquella noite em casa da D. Carlota...

São tambem um dos melhoramentos da sociedede contemporanea, esses bailes a cinco tostões por cabeça, que o *demi-monde* dá, e aonde concorre a flôr da nossa aristocracia macha.

A nossa aristocracia morre por dançar com o *demi-monde*...

E dizem que o paiz não caminha! Caminha, caminha!

E senão haja vista ao desenvolvimento que tem tido nestes ultimos tempos a classe das *traviatas*...

Hoje as *abelhas-mestras*, figuram nas subscripções da caridade da moda, recebem elogios nos jornaes e teem calexe! até já se cantam os prostibulos nas *epopeias nacionaes*... nos livros destinados á instrucção da puericia e recommendados para serem lidos até pelos parochos... á maneira de sermão...

Será isto uma depravação ou um aperfeiçoamento dos nossos costumes?...

VIII

—Então, senhor Falcão, veio ou não veio a rapariga?

Dizia a gorda D. Carlota ao ver entrar Angelina nos seus aposentos de braço dado com uma das suas *sobrinhas*...

— O que você não faz, não faz ninguem...

Respondia o velho Falcão já a babar-se de gosto e a rever-se na preza que lhe ia caír nas unhas...

IX

O senhor Falcão era verdadeiramente uma ave de rapina...

Era um desses entes abjectos que passam a sua vida a immolar victimas innocentes ao furor da sua concupiscencia, em arrastar vidas à perdição; entes que a sociedade devia de repellir, mas que pelo contrario acata, chamando-lhes homens serios, espertos, e que sabem viver...

Falcão era ave de faro apurado... não lhe escapavam frangas tenras, perdizes gordinhas...

Já não tinha conto o numero de prezas que fizera n'estes ultimos trinta annos...

Não havia actriz seductora, *traviata* gentil a que Falcão não tivesse lançado as garras.

Mas, como ave fina que era, não aproveitava das uas prezas se não os bocados mais delicados... de-

pois punhá-as de parte e abandonava-lhes os restos...

Aos quarenta annos Falcão casara com a filha de um negociante que lhe trouxe um dote consideravel, isto é, sobejos meios para continuar as suas façanhas...

Durante algum tempo, a fera repousou no leito conjugal; depois voltou aos seus habitos antigos. Ainda com mais furor, ainda com o olfato mais apurado...

Sua mulher era feliz em casa, tinha todas as commodidades materiaes da vida... faltava-lhe o moral, mas isso presentemente é tão pouco!

Agora porém o senhor Falcão conhecêra que a caça era mais difficil de apanhar, por isso fazia uzo de certas ratoeiras, taes como a senhora D. Carlota, etc. etc.

E quando a victima caía nas garras já um pouco embotadas da nossa ave de rapina; para que o animal se lhe não escapasse, mettia-o em uma pequena gaiola muito linda e bem dourada... com poleiros de prata e bebedouros de crystal...

X

Quinze dias depois do baile de D. Carlota, Angelina tinha um quarto mobilado no Chiado, um pa-

pagaio á janella, andava de carroagem e frequentava os cavallinhos...

Tendo alem disso dois contos de réis de inscripções averbadas em seu nome.

Tudo isto fornecido pelo bom Falcão.

Louvores áquella boa alma que assim era amigo de fazer bem á humanidade... e empregava tão bem os seus haveres...

XI

Uma noite, Angelina achando-se só com o seu Falcão, que fazia de rapaz, aos pés da sua amante, arrastando-lhe a aza o melhor que podia...

—Menino, lhe diz ella, com aquelle tom meigo que as mulheres uzam quando nos querem enganar, eu já lhe devo tantos favores, que faço mal talvez em lhe pedir mais um...

—Falle, meu anjo! disse elle.

—É que... ora! isto é uma pieguice da minha parte, mas não está mais na minha mão... sou sopersticiosa...

Hoje é sexta feira, não é?

—É.

—Pois a sexta feira é-me sempre fatal.

Foi á sexta feira que fui desmamada...

E tambem uma sexta feira achei um cabello branco na cabeça,

N'uma palavra, sr. Falcão, tenho sido já hoje sufficientemente feliz. Receio sel-o de mais...

Peço-lhe que se vá embora!

Venha amanhã mais cedo....

Falcão fez uma ligeira careta.

Comtudo, como elle tambem pela sua parte, sentia mais vontade de tomar café do que amor, porque tinha jantado menos mal...

Condescendeu com a vontade da sua linda amante.

Apenas elle teria tempo de chegar á rua, Angelina correu á alcova...

Debaixo da cama estava escondido, havia mais de tres horas, um mancebo...

Era o folhetinista Augusto.

—Ah!... meu Augusto, exclamou Angelina saltando-lhe ao pescoço, tu tinhas razão, era estupido ter casado com o Alfredo.

—Tambem não é menos aborrecido ser amante d'um Falcão...

—Comtudo, eu segui os teus conselhos, disse a actriz, despedi-me do casamento e tomei o dinheiro...

Mas guardei para ti o amor. Eu devia isso áquelle que soube tão bem roubar-me um beijo, quando

tantos outros não eram capazes de me furtar um olhar!

XII

—Então, está contente com a sua Angelina? perguntava a sr.ª D. Carlota ao sr. Falcão d'ali a dias.

—Dou-me perfeitamente, respondeu a féra.

—E o Alfredo? Como tomou elle a fuga da pequena?

—Como homem de juizo.

O bacharel vingou-se por uma pequena impertinencia...

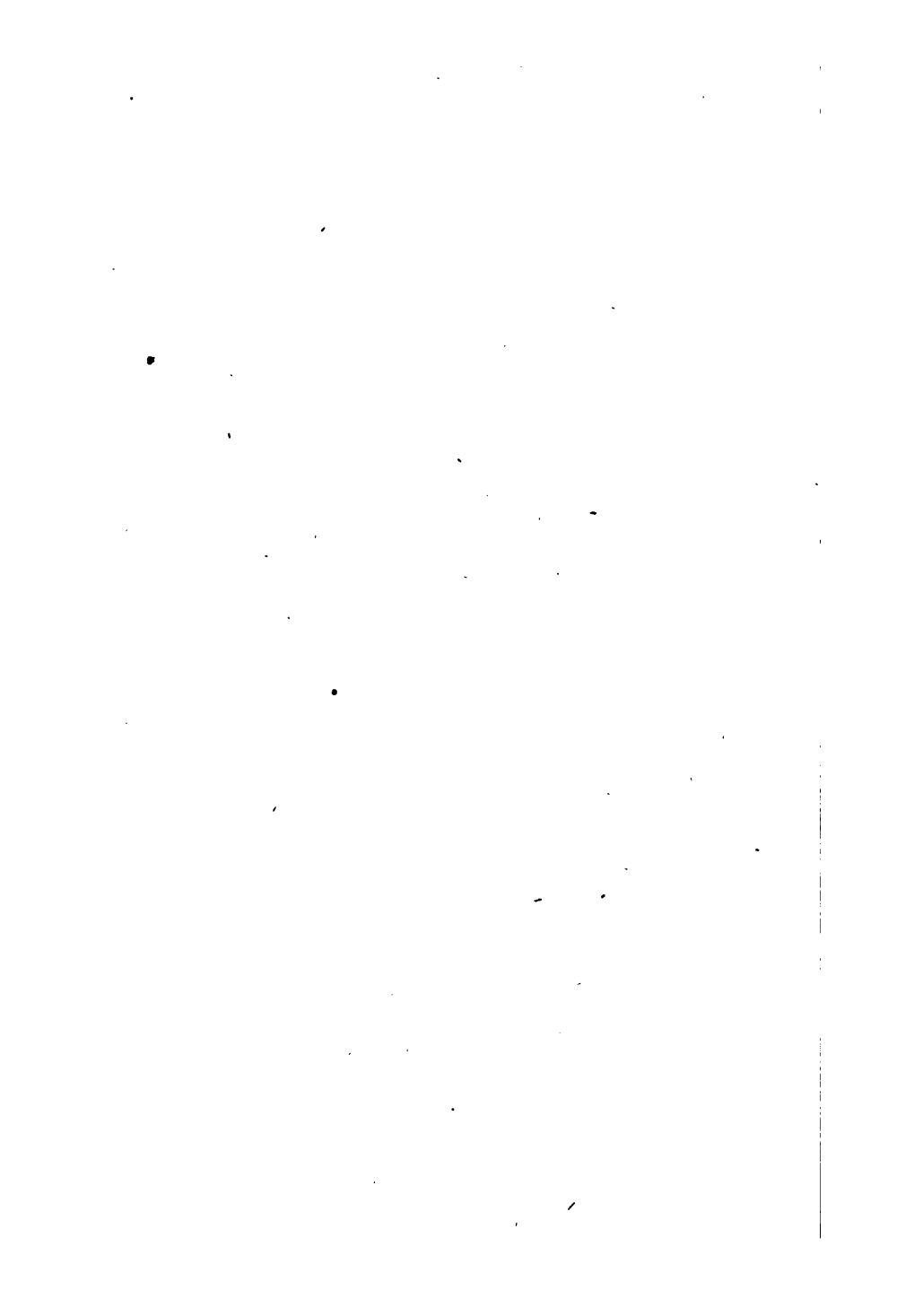
Eil-a:

Para lhe pagar sem duvida os dissabores passados, Angelina, tornou-se dentro em pouco sobremaneira amavel para com Alfredo.

—Venha almoçar comigo um destes dias, sr. Alfredo, para ver como se come bem na minha casa, disse ella no seu camarim ao bacharel, inclinando-se um pouco, meio decotada sobre elle, como para lhe despertar saudade e por ventura desejos!...

Alfredo olhou para ella com frieza, e agradeceu-lhe o almoço, não o aceitando, para se vingar...

Angelina nunca lhe perdoou aquella desfeita... senão oito dias depois, quando elle sempre se resolveu a aceitar o almoço...

CAMÕES Á CATANADA

CAMÕES A CATANADA

Poema

Os pares e os barões assignalados,
Que do pau, da corda e do chouriço,
Por férreos carris acelerados,
Para a nobreza acharam passadiço;
Impostores, tratantes e ousados,
Mais que lhes permittia o vão toutiço,
Entre a lusa gente edificaram
Nobreza vã que tanto *futricaram*

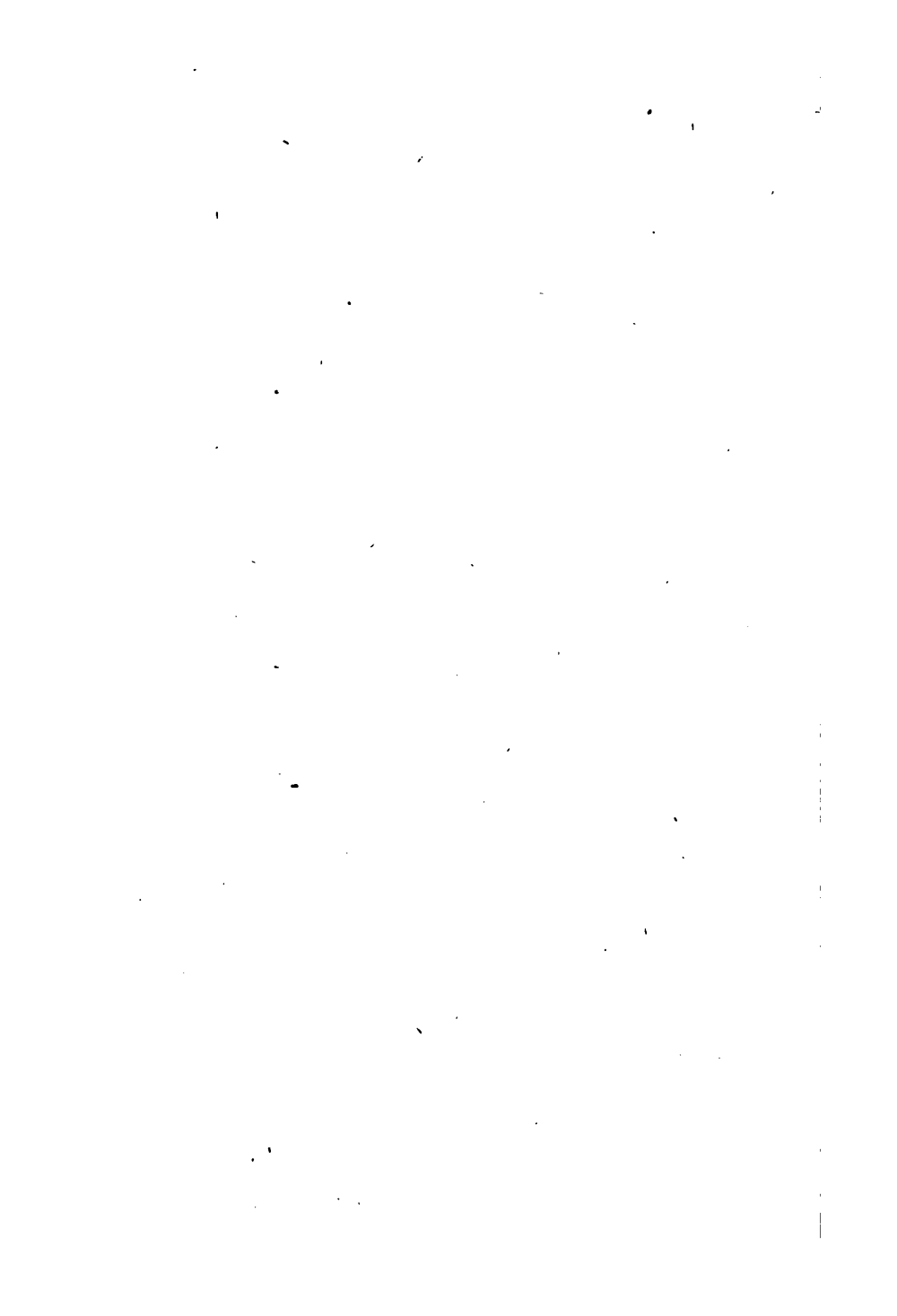
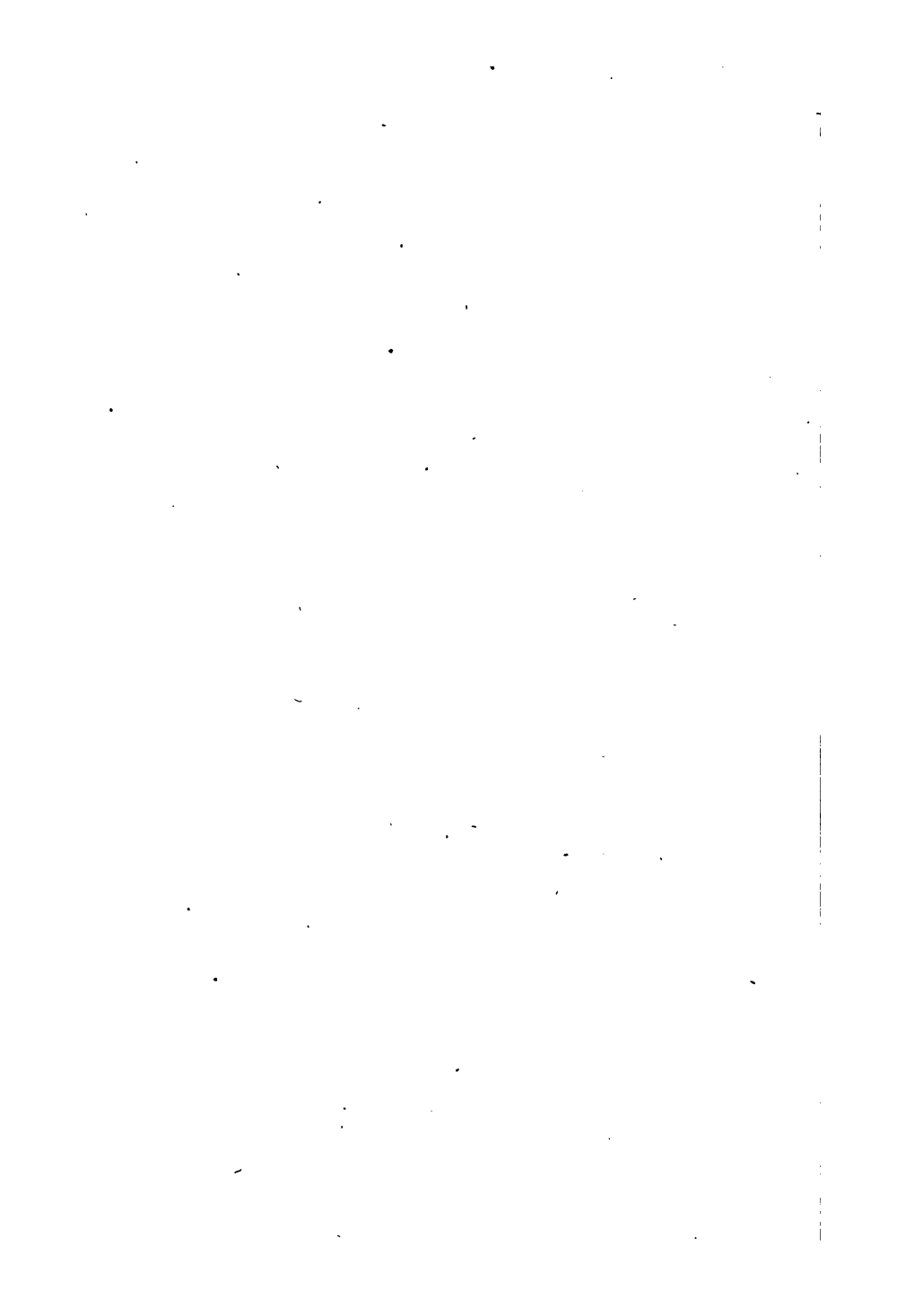
E os outros tambem que sem dinheiros
Mas por serem heroes nas chafaricas,
Sáem pares, barões ou conselheiros
Das tendas, dos cafés e das boticas;
E aquelles matamouros, brigadeiros,
Veseiros em bernardas e em tricas;
Gritando espalharei por todo o mundo,
Se p'ra tanto o meu cáco tiver fundo.

Cessem do Cartucho e dos ciganos
As grandes ladroeiras que fizeram;
Cale-se de uns taes abderitanos
A fama de patetas que tiveram;
Que eu canto os destemperos lusitanos,
A quem Mercurio e Momo obedeceram:
Cesse tudo o que canta a fama antiga,
Venham todos ouvir esta cantiga.

É vós, situação, já que formado
De mim tendes um poeta de criterio;
Se nunca em verso chocho celebrado
Foi de mim vosso grande ministerio;
Dae-me agora um som fino, aflautado,
De critica, mas não de vituperio;
Porque Deus ordene para o futuro
Que as coisas tomem quelho mais seguro.

Dae-me uma furia grande e sonorosa,
E não de pipia fanha ou gaita aguda;
Mas de zabumba e trompa belicosa,
Que os cascos quebra e a côr ao gesto muda;
Dae-me igual canto á gente vergonhosa,
Que o tempo e o dinheiro tanto ajuda;
Que se espalhe e se grite no universo,
Se tanta maroteira cabe em verso.

. . . .

E continua neste gosto, porém um pouco mais atrevidinho; mas como o auctor não gosta de offender personalidades, e só castigar generalidades, deixa ficar na pasta o resto, onde dormirá o bemaventurado somno do silencio...

ANATOMIA DE UM BAILE

ANATOMIA DE UM BAILE

Si la noblesse est fille de la vertu
trop souvent elle a tué sa mère.
VOLTAIRE.

As ruas contiguas ao palacio do conde de*** estão apinhoadas de carroagens. São nove horas da noite; a multidão é grande á porta do baile; porém só é dado gozar dos encantos interiores da festa, aos fidalgos, e aos ricos que teem o pouco senso de privar com elles, para gastarem o seu dinheiro e ainda em cima serem escarnecidos.

O povo não entra. Tambem, pouco se lhe dá d'isso; se ali está á porta, é só para se divertir á custa de uns e outros e para jogar os seus mordazes epigrammas ás mazellas d'aquelles grandes... O povo rí sempre n'estas festas exclusivas, e gosa ao mesmo tempo coisas que por ventura os de dentro ás vezes não desfructam.

Nunca faltam hombros nus e torneados, seios palpitantes, corpos gentis que se inclinam ao descer da carroagem; são immensos os fragmentos de perna e outras muitas coisas, que o ondular dos ballões flexiveis deixa ver e observar em todo o seu explendor...

As damas de alto cothurno gostam muito de mostrar em publico quanto valem...

Ainda bem!

N'um estanco fronteiro ao palacio

O ESTANQUEIRO *á mulher*

Ó Joanna, olha aquella!... como o pobre marido ou coisa que o valha, vae enterrado em fôlhos!...

A ESTANQUEIRA

Tarrenego! se não fosse o que vae por fóra do postigo, o homem morria lá de baixo...

UMA VELHA, *que está comprando dez réis de simonte*

Só o que aquelle vestido custou dava-me para eu comer e mais a minha filha, uma semana inteira...

Na rua

UM GAIATO, NEGOCIANTE DE PHÓSPHOROS

Olha aquella; vae a varrer as ruas, para tirar o ·abalho aos varredores!...

OUTRO NEGOCIANTE

C'os diabos! os ballões levam tudo, nem ao menos uma pontinha de cigarro já se apanha por ahi!...

UM DIOGENES, *que está abrindo os postigos dos trens*

Ora que baile tão *chimfrim!* Que caricatos que são estes fidalgos d'hoje!...

OUTRO PHILOSOPHO ESFARRAPADO

Tomaram elles para pagar a quem devem.

O PRIMEIRO, *vendo entrar uma elegante*

Caspité! que boa pequena! mal empregada para aquelle *gajo*... [1]

O SEGUNDO

Ella se saberá empregar melhor... tu pensas que isto de mulheres do tom... isso só se não poderem...

O PRIMEIRO

Ellas e elles, tudo são uns .. Olha vês aquelle que lá vae, todo *liró?* pois ferrou-me hontem uma *bórla,* de um cavallo que lhe segurei... e é conde...

O SEGUNDO

Vae-lhe lá pedir o dinheiro, ainda em cima te dava um pontapé...

[1] Veja a nota no fim.

O PRIMEIRO

Mas aposto que já se confessou esta semana a algum lazarista...

UM MUNICIPAL, *que está de sentinella*

Está bom, amigo! lá para traz, deixe passar as senhoras que vão entrando...

O PREOPINANTE

Deixe estar, camarada, que não se lhe come nenhum bocado... a gente tem olhos é para vêr...

O SOLDADO

Não sei cá d'isso, aqui não se quer ninguem, ande para a retaguarda, já disse!

O PREOPINANTE, *a um jornalista de meia-tigela, que vae entrando*

V. ex.ª dá-me a pontinha do charuto. *(O escriba não responde.)* Estou vendo que a guarda na algibeira! Como estes *tanas* se introduzem em toda a parte... Eu que os conheço!... aquelle ainda ha dois annos era moço d'um deputado meu conhecido.

OUTRO ESPECTADOR

Olha aquelle barão que entra agora, ainda deve lá na loja seis tostões d'umas meias sollas... ora o caloteiro...

OUTRO

Sempre é muito bom a gente ser barão...

O PRIMEIRO

Eu antes quero ser sapateiro, ao menos não devo nada a ninguem...

UM MUNICIPAL DE CAVALLARIA, *que para matar o tempo vae conversando com o seu rocim*

SOLDADO

Coitado do ruço, coitado...

RUÇO, *comsigo*

Não ha nada peior do que é ser cavallo, aqui a pé firme, com este diabo em cima... (*Dá um rincho e tres patadas.*)

SOLDADO

Chio! olha que chuchas...

RUÇO, *disfarçando*

Sim?—Estava capaz de... (*Dá o seu pinote.*)

SOLDADO, *mettendo-lhe as esporas*

Ora vá! ai que quer levar a sua conta!

RUÇO, *meio zangado*

Razão dos mais fortes! Em não tendo replica, respondem com esporadas... (*Socega apparentemente.*)

SOLDADO

Ah! já quer! (*Acaricia-o com a mão.*) Coitado do ruço... coitado do meu velho... (*Ruço rincha hypocritamente.*)

RUÇO, *áparte*

Agora, depois da esporada... bem te percebo, mas deixa estar que a primeira vez que te pilhe a geito, eu te darei as minhas razões com dois couces!

(*O soldado manda buscar por um rapaz meia dóse d'aguardente, mas quando vae a bebel-a, Ruço acha occasião de se vingar, e dando um pequeno movimento ao corpo, faz com que as calças do soldado sejam as que bebem o liquido.*)

SOLDADO

Os diabos te levem, cavallo do inferno! (*Chega-lhe.*)

RUÇO

Quanto mais picares mais me desesperas...

Os cocheiros nas almofadas

FRANCISCO

Olá, Zé, então já se dorme?

JOSÉ, *acordando*

Que diabo de frio!

FRANCISCO

Se dormes ainda peior...

JOSÉ

Sim, a gente não ha de dormir. Olha, entrei hontem ás cinco da manhã com a senhora... e logo ás nove tive de sair com o patrão...

FRANCISCO

Tu é que és tolo em os aturar. Olha os meus como andam direitinhos, devem-me dois annos de ordenados... em sendo dez horas já estou de *chulipa*... e quando precisam de mim, pedem-me por favor...

JOSÉ

Não sei como vieste hoje a esta maçada?

FRANCISCO

Hoje foi porque elles veem mostrar a filha ao baile... como o outro que diz, veem trazel-a á exposição... p'los modos ha ahi um brazileiro que está quasi caído...

JOSÉ

Percebo! e se cair recebes tu os teus ordenados...

FRANCISCO

Olé! — Isto de brazileiros é um *maná* agora para

os fidalgos... elles estão quasi todos a pedir chuva...

JOSÉ

E os tolos veem de lá com dinheiro... como se lá diz, comprar nobreza...

FRANCISCO

Nobreza, ah! ah! ah! d'esta que nós vendemos!... sempre comem por ahi muito gato por lebre... e ainda em cima apanham cada *cão!*...

JOSÉ

É bem feito para não serem pedaços d'asnos... o que nós queremos cá, são as libras.

FRANCISCO, *esfregando as mãos*

Mas que diabo de frio!

JOSÉ

Vamos nós a uma pinga...

FRANCISCO, *descendo da almofada*

Vá lá. Nem só elles hão de beber...

JOSÉ

Elles lá bebem Champagne e Bordeus, e nós cá é mistura...

FRANCISCO

Mas apanham cada *bico*, ás vezes maior que os nossos... (*Entram na taberna visinha, mas quando estão no melhor das suas delicias alcoolicas, os cavallos pronunciam-se em nome da liberdade e obrigam os bachantes a ir para os seus logares, e a ordem restabelece-se com algumas chicotadas. Isto não acontece só entre o mundo cavallar...*)

N'um coupé

BARONEZA DE * * *

Já estou arrependida de o ter trazido na carroagem...

AUGUSTO (*22 annos, boa fortuna, mas não fidalgo*)

Nada mais natural... eu estava em casa de v. ex.ª; disse-me que vinha para o baile, e se a acompanhava... acompanhei-a...

BARONEZA

Mas vae-se fallando tanto de nós... ainda hontem no baile do club quando entrei...

AUGUSTO

Invejas pequeninas, miserias... deixe-os v. ex.ª fallar e não interrompa a minha felicidade por causa d'elles...

BARONEZA

Qual felicidade?

AUGUSTO

A de estar aqui, ao pé de v. ex.ª, de ser só de v. ex.ª de respirar os perfumes dos seus lindos cabellos... de apertar e... beijar o veludo desta linda mão...

BARONEZA

Então esteja quieto!

AUGUSTO

Oh meu Deus! e não poder eu viver assim sempre! não poder ir até ao fim do mundo!...

BARONEZA

Por este andar, quando chegassemos ao equador já levavamos cabellos brancos.

AUGUSTO

Tanto melhor... quem me déra nunca lá chegar...

BARONEZA

Ao equador?

AUGUSTO

Ao baile, minha senhora.

BARONEZA

Então, pelo que vejo, queria aqui viver, no trem...

AUGUSTO

Oh com v. ex.ª morria até! — chegados que formos ao baile, acabou-se tudo; v. ex.ª nem para mim volverá um olhar... cederei o logar á turba dos admiradores!... Como soffro quando a vejo sorrir á multidão!... como me custa ver que tem amabilidades para todos!...

BARONEZA

Meu rico, nós outras, mulheres do tom, somos como as actrizes, temos de mostrar a todos os mesmos agrados...

AUGUSTO

Oh! mas é atroz...

BARONEZA

Ora, o senhor que não é cá do nosso mundo!... Digo-lhe que faz mal em querer sair da classe a que pertence... (*Pausa.*)

AUGUSTO

Se v. ex.ª quizesse... mandava seguir o cocheiro para outra parte....

BARONEZA

Ora essa! á meia noite... e com esta toilette... ah! ah! ah!

AUGUSTO, *suspirando*

Não gosta de mim!

BARONEZA

E não!

AUGUSTO

É cruel; não vê quanto soffro?

BARONEZA

É galante! — Pois quem o manda soffrer... — Dá-me vontade de rir. Se soubesse quanto é ridiculo...

AUGUSTO

Basta, minha senhora; não a quero incommodar com a minha presença... vou-me apeiar...

BARONEZA

Onde vae?

AUGUSTO

Para casa...

BARONEZA

É capaz de fazer isso?

AUGUSTO

E porque não?

BARONEZA

Então prefere o somno, á minha companhia? — Pois se desce, nunca mais me vê...

AUGUSTO

Fico, minha senhora, mas por quem é, seja mais indulgente: não me faça assim soffrer tanto...

BARONEZA

O senhor é uma creança...

AUGUSTO

Antes isso, que ridiculo...

BARONEZA

Que memoria que tem...

AUGUSTO

As palavras de v. ex.ª ficam-me todas aqui gravadas. *(Aponta para o coração.)*

BARONEZA, *depois de um momonto de si encio*

Se os homens não fossem tão mentirosos...

AUGUSTO

Não são, minha senhora!

BARONEZA

Então, que faz?... não se ponha assim que me amarrota os folhos!... ora, o que elle quizer!...

AUGUSTO

Mas...

BARONEZA

Mas, quê?

AUGUSTO

E se eu não fôr mentiroso... ama-me?

BARONEZA, *rindo*

Amanhã fallaremos... o verbo amar, para mim, não tem senão um tempo... o futuro...

AUGUSTO

Assim zomba de um sentimento serio... até me dá vontade de chorar *(Pondo o lenço nos olhos.)* tem razão, sou uma creança...

BARONEZA, *tocada*

Ora o senhor Augusto... é ós meus peccados... olhe que me incommoda... *(Baixo ao ouvido.)* Não se mortifique... ha quem o ame...

AUGUSTO, *caïndo-lhe nos braços*

Será possivel?!

BARONEZA

Então, esteja quieto! chegámos ao baile...

AUGUSTO

Assim havia de ser!

BARONEZA, *olhando para fóra*

Oh céos! está ali o barão!... Sáia por esse lado, não o veja elle...

Dentro de um calexe que está esperando pela sua vez na fileira dos trens

UM VISCONDE E UMA VISCONDESSA (de linhagem)

O VISCONDE, *zangado*

Pelo que vejo convidaram todo o mundo! parece-me um baile de philarmonica; estes fidalgos modernos sempre são uns papelões!

A VISCONDESSA

Melhor! quanto mais gente houver, mais me divertirei...

O VISCONDE

Tem tenção de se demorar muito?...

A VISCONDESSA

Só até á ultima polka...

O VISCONDE

Bonito! divertida noite vou passar!...

A VISCONDESSA

Pois jogue, já se distrae...

O VISCONDE

O jogo para mim é insipido.

A VISCONDESSA

Tambem ainda não sei de que o visconde gosta... (*Pausa.*)

O VISCONDE, *suspirando*

Ai ai! o casamento é um fardo bem pezado neste seculo em que vivemos!

A VISCONDESSA

Pelo que vejo não queria que dançasse... não sabe que os medicos me recommendam que dê movimento ao corpo?

O VISCONDE

Pois dance...

A VISCONDESSA

Olhe que me rasga os folhos do vestido com os pés... que modos!

O VISCONDE

Quer talvez que passe para a almofada?...

A VISCONDESSA

Era o que faltava, para completar a sua galanteria...

O VISCONDE

Cada vez está mais amavel, a viscondessa.

A VISCONDESSA

De quem é a culpa?

O VISCONDE

Minha, decerto que não.

A VISCONDESSA

Tem razão, eu é que fiz asneira em casar comsigo... Os homens são como viajantes vagabundos, exploram um paiz, e elles ahi vão em busca d'outro...

O VISCONDE

Para continuar a metaphora, direi que isso acontece sempre quando o *paiz* explorado não corresponde á idêa que d'elle se fazia de fóra.

A VISCONDESSA, *suspirando*

Esteja certo que lhe ha de custar caro o espirito... para o futuro...

O VISCONDE

Pelo que vejo tenciona vingar-se?

A VISCONDESSA

Talvez...

O VISCONDE

Faça sempre essas coisas de modo que o não suspeite eu...

A VISCONDESSA, *ironica*

Esteja descançado, nunca o ha de saber...

O VISCONDE, *perturbado*

Essas palavras são ditas com tal modo, que me fazem tremer não só pelo futuro... mas até pelo passado e pelo presente...

A VISCONDESSA, *rindo*

Quem sabe! as mulheres podem ter a mania das viagens tão bem como os homens.

O VISCONDE, *ardendo*

Se eu sonhasse que...

A VISCONDESSA

Temos Othello? Bravo! quinto acto. — Chegou a nossa vez, apeemo-nos... Fica o desenlace da tragedia para o fim... da ultima polka...

Dois filhos familias, encontrando-se na escada

O PRIMEIRO

Oh! já saes?

O SEGUNDO

Pois então. O marido veio com *ella*... — E tu por que vens tão tarde.

O PRIMEIRO

Venho de casa da condessa...

O SEGUNDO

Ah! eu logo vi... o conde disse-me que ella estava incommodada...

Duas senhoras na varanda

BARONEZA

Então vieste só, viscondessa?

VISCONDESSA

Como sempre. O visconde não deixa os cavallinhos por coisa nenhuma d'este mundo...

BARONEZA

Com effeito! Se fosse comigo eu me vingaria!

VISCONDESSA

Vingada estou eu...

BARONEZA

E elle sabe-o?

VISCONDESSA

Sabe, mas não se importa... é tal o enthusiasmo que tomou por a franceza...

BARONEZA, *rindo*

Não importa, continúa e deixa-o lá...

Alguns lacaios n'um corredor

JOSÉ

Ora viva o *seu* Joaquim; então tambem veio a esta *pandiga?*

JOAQUIM

Ora não havia de vir, vem cá a sucia toda...

JOSÉ

Como vae lá o negocio da patroa, continuam os ciumes?...

JOAQUIM

Intende-se! hontem *elle* estava levado dos diabos..

JOSÉ

O patrão, em? ah! ah! ah!

JOAQUIM

Isso sempre *bramou* lá c'o ella...

JOSÉ

Mas a figurinha que ella foi desencantar é que tem graça!

JOAQUIM

Um caloteiro, um traductor das duzias... (*Entra a condessa de* ***)

JOSÉ, *baixo a Joaquim*

Esta é que é muito boa mulher!

JOAQUIM

Olha a duvida! não és tu só que o dizes... basta ver os namorados que tem... se um dia se puzesse á frente d'elles, olha que sempre apresentava um regimento!...

JOSÉ

Nem a guarda municipal lhe ganhava, ah! ah! ah!

JOAQUIM

Até o lacaio não escapava...

JOSÉ

Esse havia de commandar a primeira companhia... em?

JOAQUIM

E olha que se tem feito um tal impostor o Isidoro. — Elle lá vem, queres ver como afina? (*A Isidoro que chega.*) Olá *seu* Isidoro, á ordem... Bravô isto é que é uma flôr; cada vez mais bonito... A patroa é que vae estando muito escangalhada... Quanto mais se pinta, mais velha parece... Ella tambem já não é creança...

ISIDORO, *tocado*

Olha o tolo! Estou vendo que já lhe faz cara!?

JOSÉ

Assim mesmo tem muito quem goste d'ella... em?...

ISIDORO

Se tem!

JOAQUIM

Enchente real sempre...

JOSÉ

Mas aposto que cá o *méco* apanha a sua *dobradiça?*... Ria-se, ande...

ISIDORO

Eu? ora vocês fallam bem... assentam que não é mais nada senão...

JOAQUIM

Estou vendo que não vales mais que muitos do tom...

IZIDORO, *derretido*

Isso sim...

JOSÉ

Vê lá se o marquez apresenta uma gambia assim... ou o conde tem uns olhos d'estes...

ISIDORO, *gostando*

Ai que vocês estão a mangar comigo!

JOAQUIM

Diga lá isso sem se rir!

JOSÉ

Ora aqui para nós que ninguem nos ouve... já se cá sabe tudo, para que estás tu a dizer que sim e mais que tambem...

ISIDORO

Não digo que ella não goste de mim. Hontem fomos nós ao Campo Grande, depois ella apeou-se e foi passear, comigo atraz; e lá quando lhe pareceu, põe-se-me a gritar que tinha dado um geito a uma perna... Ora mas qual historia! o que ella queria era vir encostada a mim até á carroagem.

JOSÉ

E depois?...

ISIDORO

Depois mais nada...

JOAQUIM

Ai que maganão! mais nada, em?

ISIDORO

E vocês que teem com isso?... cada qual sabe as linhas com que se cose...

No gabinete de toilete

UMA MARQUEZA

Ó Luiza, hade-me arranjar estas flôres... não sei onde o cabelleireiro tinha a cabeça quando me penteou...

LUIZA

Tambem v. ex.ª não precisa de flôres, de toda a forma está bem...

MARQUEZA, *derretida*

Como é lisongeira...

LUIZA

Oh minha senhora, ha muito quem seja da minha opinião... ainda ha pouco o sr. D. Simão disse... mas eu peço perdão, senhora marqueza, não me devo intrometter com estas coisas...

MARQUEZA

Diga, diga... Ora o D. Simão! então que disse elle? eu faço idéa, aquillo é um maganão!

LUIZA

Elle não disse senão a verdade... diz que o baile para elle, e para todos, não começa senão quando v. ex.ª entra, e acaba logo que se retira...

MARQUEZA

Ora que galanteria! ah! ah! ah! tem graça; aquelle D. Simão... mas elle sente lá o que diz! (*Sáe.*)

LUIZA, *olhando-a*

Não é feia esta marqueza, mas é tão tola, tão presumida... se eu tivesse aquelles brilhantes e um vestido assim tão decotado... não me trocava por ella...

A um canto do jardim

D. SIMÃO, *á marqueza*

Mais um instante, peço-lhe eu...

MARQUEZA

Podem notar a nossa falta...

D. SIMÃO

Como passam breves os instantes de ventura!... Oh! não poder eu viver assim sempre, junto de v. ex.ª n'um bosque como este... ouvindo cantar a cigarra de Anachreonte...

MARQUEZA

Como está poetico hoje! até já uma criada me recitou um madrigal seu...

D. SIMÃO

Madrigal?!

MARQUEZA

No gabinete de toilette...

D. SIMÃO

Oh! disse que v. ex.ª é encantadora, como digo

a toda a gente, por toda a parte... era capaz até de o dizer na camara dos pares...

MARQUEZA

Esses elogios na bocca de outro qualquer seriam insuspeitos... mas na sua, são até perigosos...

D. SIMÃO

Como perigosos? Pois v. ex.ª tem acaso que dar satisfação a alguem... não é uma senhora viuva, independente?...

MARQUEZA

Mas o sr. D. Simão...

D. SIMÃO

Eu, minha senhora, sou casado, e hoje em dia os homens casados são os mais livres...

MARQUEZA

N'esse caso poderemos dançar uma polka sem nos compromettermos?

D. SIMÃO

Quantas v. ex.ª quizer... (*Entram nas salas, de braço dado.*)

Na copa

PRIMEIRO CRIADO

Mestre, já não ha chocolate no bofete... estão pedindo vitella...

MESTRE

Deixa-os pedir, primeiro estou eu...

OUTRO CRIADO

E nós.

MESTRE

Comam e bebam, não façam ceremonía... elles lá que esperem...

UM CRIADO

C'os diabos, como estão duros estes frangos...

MESTRE

Então não comas d'elles... vão lá para fóra... nós temos aqui boas costeletas...

UM BICHO DA COSINHA

E nós não somos gente? não ha uma pinguita para aqui?

MESTRE

Bebam, bebam do que quizerem... ahi vae Bordeus... custa caro á casa... hade andar por meia libra a garrafa... quando se pagar.

UM CRIADO

Ora deixemo-nos lá de historias isto de ser criado ainda não é tão mau como isso!

UM COCHEIRO

O peior é os *cães* que a gente apanha...

MESTRE

Eu não sei como isto é; mas elles não nos pagam os ordenados... e quando querem dinheiro véem ter com a gente.

CRIADO

E a gente empresta-lh'o...

O COMPRADOR

Isso é que é! ainda hontem eu emprestei tres libras á patroa...

UMA CRIADA

Foi para pagar a conta da modista?

COMPRADOR

Foi. Se a franceza já não queria dar os vestidos para hoje sem lhe pagarem a conta atrazada. *(Chamam dentro.)*

MESTRE

Lá estão aquelles diabos a chamar.

CRIADO

Deixal-os... que esperem... (*Tocam mais.)* Vão para o diabo!

MESTRE, *rindo*

A modo que os senhores patrões querem festa! primeiro nós... elles depois, do que sobejar. (*Gargalhada e apoiados geraes.)*

Na rua

UM FAIANTE

Oh! Thiago chega o trem da senhora duqueza.

FRANCISCO, *na almofada*

Olá Thiago, olha que te chamam.

THIAGO, *acordando*

Eh lá!... que diabo de frio... não sinto o nariz...

FRANCISCO

É que t'o *palmaram*...

GAIATO

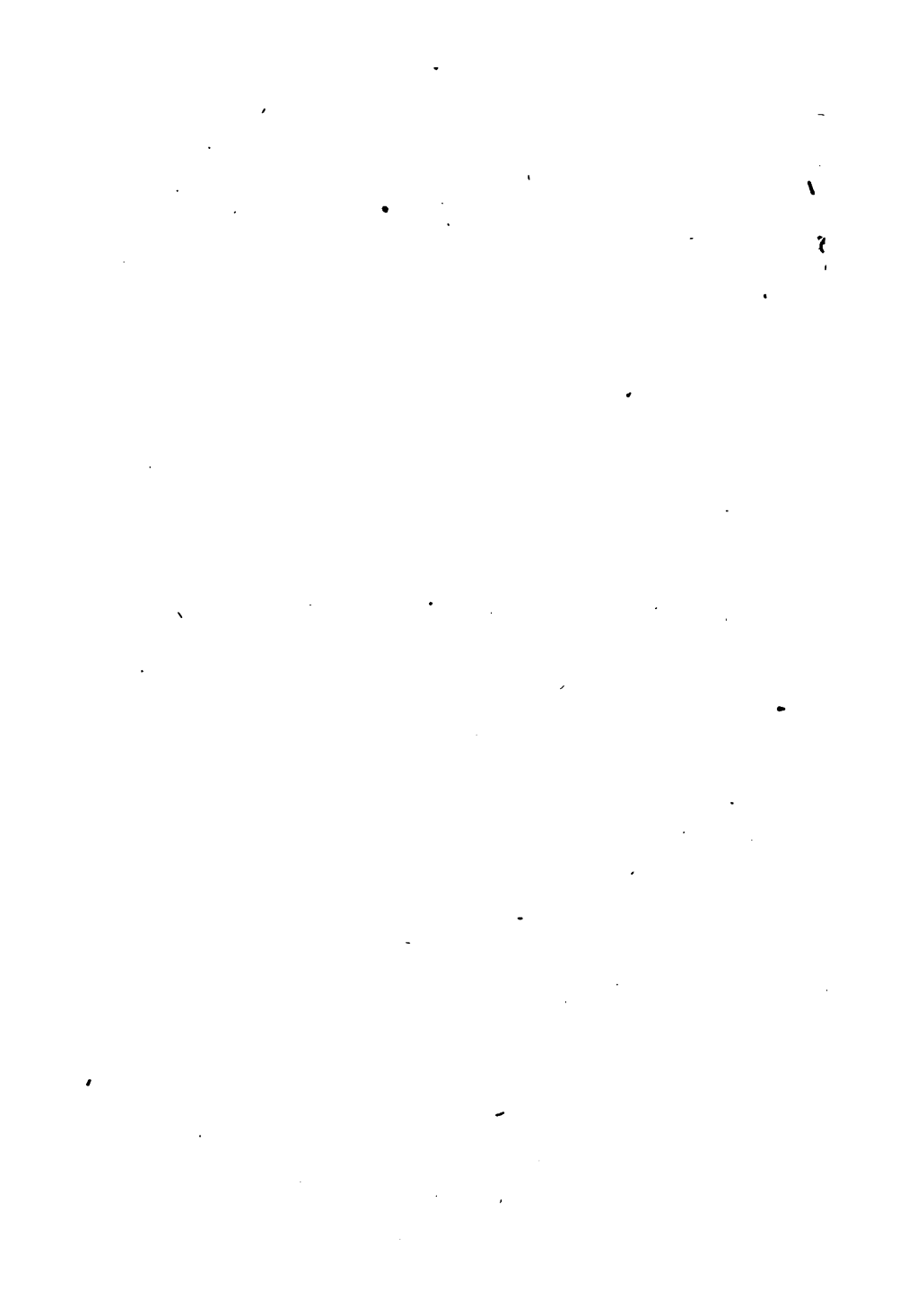
A sr.ª duqueza está á espera...

THIAGO

Deixal-a esperar... vae-me tu ahi buscar meia dóse d'aguardente... quero ver se lhe acho o nariz dentro...

GAIATO

Que *reinação!* e ella á espera!... *(Vae buscar a aguardente. — Os grandes homens apparecem sempre nas grandes occasiões. Para suavisar a impaciencia da duqueza appareceu alli um Agapito que com ella travou um dialogo em lingua luso-gallega, tão longo que deu tempo a que Thiago encontrasse o perdido nariz.)*

O FILHO PRODIGO

O FILHO PRODIGO

OU

UM D. JAYME ISRAELITA

PARABOLA BIBLICA

FUTURA, POETICA, BURLESCA, IMPOSSIVEL E COMICA

«Um dia... quando, não sei»; mas era um dia...

Corria até por signal o anno de 1918 com a rapidez do raio, como hão de correr todas as coisas futuras.

A patria e o mundo estavam regenerados. Já não havia infelicidade, riqueza, estupidez, conselheiros, pobreza, poetas, politica, nada!

As flores eram flores, os fructos eram fructos.

Estava o mundo povoado de amor, de bellas almas...

Era maravilhoso!

Mas quem foram os maganões que operaram tal prodigio?—atalha já o leitor.

Só dois.

Primo. O methodo portuguez, demonstradamente o mais aprasivel e o mais efficaz de quantos existem em Portugal, na Europa, e no mundo! em cumprimento das prophecias de um Bandarra do seculo XIX, propheta que já prognosticára o imperio da intelligencia... e operára uma verdadeira revolução nos *cerebros pueris de cêra molle*, encaixando-lhes *o bom e o mau* ou o bom e o bonito, com igual facilidade...

O famoso *introductor* da communhão universal do A-B-C tivera razão quando exclamara em uma *conversação:* «Que homens e que mulheres se não devem esperar das creanças educadas em taes ninhos?...»

Os *ninhos* e os *nichos* produziram o effeito preconisado...

Vieram depois as consequencias beneficas do estudo philosophico de um poema dos mais finos quilates, de uma epopeia nacional, d'aquelle dos nossos classicos o mais seguro, do melhor dos livros de moral!

Do ratão que apresentou com o pobre Camões no fim de tres seculos nas regiões do nada, e da estupidez!!

E os effeitos viram-se, os fructos nasceram, cresceram e medraram...

Imperavam pois no ditoso anno de 1918, soberanos e altivos como um *soba* do ultramar, ou um escrivão de fazenda no Minho, o A-B-C repentino e o D. Jayme, ambos de mãos dadas com a fraternidade com que saem dois politicos do congresso, de braço dado, depois de se haverem descomposto reciprocamente *lá dentro*...

Era como quem diria Sancho Pança e D. Quichote!

Veio um poema de *pureza de arminho no tocante a costumes*, aplainar e lixar todos os lombos, asperesas e lascas da sociedade...

A poesia veio a ser a *mantença e saude do espirito, do corpo e do coração.*

Almoçavam-se *beefsteaks* de A-B-C repentino, jantava-se D. Jayme de fricassé e ceiavam-se...

Torradinhas com manteiga
Por cima café e limão...

Que poesia! que felicidade!

Porém apesar da immensa civilisação, ainda havia no mundo individuos pertencentes ao culto d'Israel, judeus, mas judeus propriamente ditos, que não comiam toucinho, que tinham o nariz comprido e tambem filhos, se eram casados...

É pois de um judeu pae que vamos fallar.

Era uma vez no tal futuro anno, no tal *dia... quando não sei...* um judeu chamado Jonathas.

Eu para fallar a verdade desejava fazer o retrato do veneravel tio Jonathas, mas...

Ah! quem me fôra pintor!
As cores da minha brocha
Me dariam hoje o quadro
Do velho judeu bambocha!

Como eu fôra vigoroso
No rosto que elle tinha,
Nas barbas longas nevadas,
E nas faces enrugadas;
Como eu pintára a carinha
Daquelle velho ascoroso!

Mas...

Não sou pintor, e o meu canto
Que val se o não reproduz?...

Decerto que não vale nada, e por isso o não canto.

Faça ó leitor idêa de um judeu, como todos os judeus, muito besuntão, muito miseravel, muito beberrão, mas ricasso a custo de agiotagens e maroteiras, tendo começado por vender tamaras; porém ainda assim não se esquecendo nos seus dias de abastança e prosperidade do seu antigo modo de vida, nem da sua cesta de tamaras, que

Guardava, como encantada,
Dentro de trancado armario,
Immunda mas atulhada
De tamara assucarada;
Como custodia em sacrario,
Como imagem sobre altar;
E nunca passava um dia
Que a não fosse visitar.
Cheirava-a, farejava-a,
Mirava-a doido de amor,
Lambendo-lhe e apalpando-lhe
As tamaras uma por uma
Mas... não comendo nenhuma...

Era assim que o velho venerava o seu antigo ganha-pão.

Dois filhos tinha o bom velho
Orphãos do materno amor
Desde innocentes..............
....

Isaac,—o mais velho d'elles
De rosto magro, chuchado,
Olho pisco, e azulado,
O nariz abatatado,
Fallar mesmo de judeu
Em idioma atrapalhado,
E ainda mais de judeu
Figados e coração...
....
Tinha o peito tão cru,

Que se via outro judeu,
Que a ninguem escandalisa,
Tirava-lhe a propria camisa
E deixava o homem nu!

Quanto ao outro, mais novo chamado Abrahão, não vale a pena fazer-lhe o retrato. Qual uma pomba, anjo vivaz, debil e candido

Todo amor no coração,
Era como a sensitiva,
Que se recolhe esquiva
Mal sonhá atrevida mão...

Já se deixa ver que era um pouco *pelludo*, o tal creança...

Ora o bom Jonathas, depois das suas barbas, do seu cabaz de tamaras e de alguma *pinguinha* boa, o que mais estimava eram os seus dois filhos.

Isaac principalmente era a menina dos seus olhos; não recuara perante nenhum sacrificio para o fazer homem; déra-lhe esmerada e custosa educação, mandando-o desde a idade de quatro annos regularmente á escóla da freguezia, que já a este tempo era, alem de *gratuita, obrigatoria*, sympathica, attractiva, aprasivel e maternal, onde o rapaz recebera a mais substancial e poetica educação, ora nas paginas facetas do Pirolito, ora nas folhas poeticas e coloridas do emulo de Camões.

Ali se lhe desenvolveram a par das *faculdades do corpo*, as faculdades do espirito e as *boas* disposições moraes.

Isaac mostrou logo o maior aproveitamento na analyse philosophica de D. Jayme.

Era um poço de viveza.

Sempre o chefe das *troças* que a rapaziada fazia na aula ao professor, quando elle explicava ao vivo alguma passagem burlesca do methodo portuguez, cumprindo, por exemplo, á conhecida instrucção do methodo: «Aqi o mestre não se envergonhe de pro«ferir algumas palavras á moda dos bebados, qe se«gundo a eispressão vulgar *se não podem lamber*» (*Sic*), ou cantando com voz desafinada e de pipia a seguinte estrophe:

O *agá* que a palavra enceta,
Não falla, é como um pateta.
Pirolito bate que bate
Pirolito que já bateu,
Conheço immensos *agás*
E um dos maiores sou eu...

O joven israelita foi, de mais, quem primeiro analysou o poema, mesmo sem necessidade de muitas explicações, e quem melhor o interpretou ao pé da lettra.

Apenas com 13 annos, já era um D. Jayme em miniatura...

Já perto dos *chafarizes*
Abraçava as aguadeiras
Com as mais vivas maneiras
De famoso gaiatão!...
No Aterro de verão
Passava noites inteiras,
Protegido pelo escuro
Roçando n'um pardo muro...
....

Que sei eu!?

Aos 17 annos era um *habitué* acerrimo do Freitas e começava os seus tirocinios de *batoteiro.*

Para levar á evidencia o que lera no poema...

Tudo é prazer! nem o jogo
Lá falta n'aquelle ceu!
Jogam bem os castelhanos,
Mas nunca tão bem como eu!

Voavam-lhe pela mente os retratos eroticos e appetitosos da Isabel e da Leonor, e exclamava muitas vezes:

Eu quero eterna vertigem
Não quero ter outro ceu!
Não ha fogo mais brilhante
Nem ha melhor Prometheu!...
Mais vinho que é sangue virgem,
Mais vinho que o pago eu!...

Ferviam-lhe na imaginação as duçuras de todo o canto VIII. Queria provar as emoções seguintes, que tão deleitosas se lhe antolhavam desde muito:

E que amores encontra no prostibulo
O peito juvenil, d'amor sedento!
Que a passo incerto, duvidoso e lento
Lhe entra a vez primeira o limiar!...

. . . .

E que rosas postiças! E que ancias
De carinhos, que escondem *desejos!*
Que preguiça d'abraços!... que beijos!...
Ai que profundos mysterios!...

Isto era de morrer, imaginar delicias taes e tantas uma creança de 18 annos!

—Como ha de ser bonita, uma adelá do amor! dizia elle comsigo.

O nosso mancebo formou um dia tenção de profundar os arcanos d'esse mundo desconhecido para elle, mas tão bem pintado no poema, de certo *d'aprés nature;* e tratou de dar a sua entrada n'um templo da baixa, na companhia de um amigo seu do Freitas, o qual era um outro Ruy Vaz ou Corrêa d'Aragão:

Aventureiro
Que arranja ouro nos dados,
Mulheres nas estocadas,
Amigos entre os soldados,
Nos cafés, nas escadas...

As tenções eram boas e a vontade melhor, havia porém uma força maior que se oppunha aos tirocinios praticos do joven judeu—era a avareza do pae Jonathas, que não dava ao pobre rapaz senão trinta réis diarios a titulo de mezada; mas em compensação enchia-lhe os ouvidos com o velho preceito:

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor;
D'entre a orchestra da serra e do malho...

mas era *malhar* em ferro frio.

O rapaz respondia-lhe victoriosamente com o seguinte:

—Sim pae, você canta bonito, parece-me um rouxinol, mas é um refinado mandrião, era melhor que pegasse n'uma *serra* ou n'um *malho*, do que estar ahi, a dizer mal de tudo e de todos, no quintal, muito bem repotreado n'um banco de cortiça a cavaquear com as rãs e a ouvir chiar a cigarra de Anachreonte.

Era melhor que dissesse:

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho
É melhor que o melhor manjar branco;
É á bulha da serra e do malho
Que eu gosto de dormir no meu banco...

Mas Jonathas, que tambem era poeta, tapava-lhe a boca com Tolentino:

A teu forçoso argumento
Respondo com frei Thomaz;
Faze o que o pregador diz,
Não faças o que elle faz.

Assim chegou entre desejos e ancias, o pobre Isaac aos 20 annos.

Que idade florida e bella
A dos vinte annos!—não é?!

Para elle de certo que não.

O rapaz a querer formar a sua epopeia nacional, a querer levar á evidencia os seus

.... sonhos
De fabulosa extensão,
Altivos, nobres, risonhos,
Que bem fadada illusão!

Para elle não passavam de mal e bem malfadada illusão...

Elle bem queria ter uma

... Linda Anninhas
Bella flôr das lavadeiras
Que tivesse umas roupinhas
Umas faces bem trigueiras...

Ou provar

Uma linda costureira,
Bem nova, bem pura e bella,
Sentada ao pé da janella
Sobre nova fina esteira
Ou mesmo n'uma cadeira.

Elle bem desejava ir procurar uma Guiomar

Qual um retrato de virgem
Pendente n'um lupanar!

Elle bem lhe queria ir dar estes salutares conselhos de mestre, e de *pureza d'arminho* no tocante a costumes:

Tu presenceias a orgia
Sem lhe provar a doçura?!...
D'esta fonte d'alegria
Sáe o elixir da ventura!
Ama e bebe, estatua fria;
Vende ao mundo a formosura.

Ai linda Guiomar.
Has de ter ricos vestidos,
E topazios e diamantes,
Verás teus mimos vendidos
Por preços exorbitantes!...
Que vale o rei dos maridos
Ao pé d'um reino d'amantes?!
Ai linda Guiomar!

Amor é isto! Esses pejos
Fazem-te as faces murchar!...
Proclama um leilão de beijos!
Que eu vou... vae tudo lançar!...
Quem compra a matar desejos
Primeiro deve provar...
Ai linda Guiomar!

Mas o homem não lançava nada... nem siquer provava... isto quem não tem vintem...

A custo porém de muitas fadigas, de muito suspiros, arranjou *derriço* com uma pequena cosinheira de um visinho seu

E lindos olhos que tinha
A tal feiticeirinha!

Tinha os cabellos negros de carocha,
Levemente morena a face dura;
Para pintar do collo a formosura
Não ha côres na terra, nem ha brocha.
Grossas sobrancelhas arqueadas;
O braço torneado e a mão tosca;
Pé leve, mais pequeno que uma mosca,
Nos olhos o calor d'uma fogueira;
Labios que pedem beijos calorosos,
Metal de voz talvez desafinado...
Julgae um ente assim, tereis achado
O typo da mais linda cosinheira...

O maganão de Isaac fazia as suas visitas nocturnas á menina Michaella, taes e quaes as fizera D. Jayme á sua pobre Estella, e com ella cantava seus duetos noctiferos, na cosinha... imitando sempre o seu modelo classico. E oh! que praser elle encontrava depois em

Entre seus braços mimosos
Miral-a ao pé da janella,
Á baça luz do luar,
E beber nos olhos d'ella
Amor a tragos sequiosos!

Elle repetia todas as noites estas palavras:

Se os beijos teem veneno,
Se ha beijos homicidas,
Quizera ter cem vidas
E vezes cem morrer!...

E tantas vezes morreu que as coisas chegaram a estar um pouco adiantadas, mas não ha bem que sempre dure, nem mal que se não acabe.

O bom pae de Isaac tendo noticia dos adiantamentos do seu digno filho no estudo pratico dos classicos nacionaes, e vendo que a leitura lhe havia aproveitado um pouco de mais, tentou mettel-o a caminho, e chamando-o de parte disse-lhe estas palavras memoraveis:

— «Ó meu filho! tu sabes jogar o bilhar, és forte no namoro, bebes perfeitamente cognac, mas isto não basta para ser homem! são em verdade mui bonitas prendas para horas vagas, mas não para toda a vida: deves pensar no futuro. Lembra-te do que te tenho dito tantas vezes, que o trabalho é riqueza, é virtude, é vigor, o homem deve ser util á sociedade, procura um modo de vida decente, honrado e util: — vae vender tamaras!...

E indo buscar o seu idolatrado thesouro, o velho cabaz da tamara dôce, iniciou o seu herdeiro nos mysterios d'aquelle commercio. Mas o joven nego-

ciante não comprehendeu a altura da missão que lhe fôra confiada, e saindo d'ali foi ao Matta e transformou tamaras e cabaz em bom sonante, depois correu ao Freitas empregou os seus fundos commerciaes em bom cognac o qual armazenou nas suas tercenas gastricas...

Foi uma operação commercial como qualquer outra... digna de um commentador attento do VIII canto do D. Jayme.

O rapaz interpretou ao pé da letra o

Se o vinho nos abre o inferno
Primeiro nos mostra o céo!

E assim foi: céo ao beber e saborear, e inferno ao chegar a casa, em um estado de *emoção* poetica que não é permitida senão aos freguezes do *Penin* e collegas, aos filhos familias á meia noite á saída dos cafés...

O velho Jonathas fez tenção de empregar contra seu filho uma certa tranca de familia de que logo fallarei, mas no fim de contas era pae, e

Ai!
Que ha de fazer um pae?!
Ai!

Como o alcool dá força, a quem a não tem, o nosso janota teve bastante para confessar a seu pae todas as suas gentilezas e fallou-lhe nestes termos:

Peccámos, oh pae, pequei
Contra a honra e contra Deus;
Manchei-me, e manchei os meus!
É um peccado tão negro,
Tão feio, que brada aos céos!

O sobr'olho de Jonathas ia-se pouco a pouco comprimindo. Isaac continuou:

Por Deus vos juro, meu pae,
Que fòra sorte invejada
Aceitar a vossa cesta
Da tamara assucarada,
Comer, viver por ella;
Mas meu norte, perdoae!
Já o marcou outra estrella
Talvez de negro condão;
Bem sabeis que o coração
Tenho preso á Michaella...
Inda vós não sabeis nada!
A pobre está deshonrada
Dentro em pouco hade ser mãe!
O patrão já quer matal-a,
E eu... eu ou hei de salval-a
Ou hei de morrer tambem!

O velho israelita não era nenhum açorda como um tal D. Martinho, que depois de um filho lhe confessar as suas poucas vergonhas, ficou muito bem contente da sua vida e ainda em cima lhe disse:

Deus te dê propicia estrella...

Nada. O velho ao ouvir estas palavras foi ás nuvens e juntou toda a sua colera.

Accrescia mais o ser impossivel um casamento, por causa da discordancia das religiões; Jonathas antes queria morrer do que ver seu filho unido a uma christã, que comesse toucinho...

Resolveu pois tomar o exemplo de quasi todas as companhias em Portugal, e tratar seu filho como um simples accionista, guardando para si o papel de director, isto é, dar-lhe a sua maldição, e pol-o no olho da rua com as mãos abanando...

Isaac não contente com este dividendo, fez barulho, gritou e pediu alto e bom som a sua legitima materna.

Devia-lhe caber alguma coisa, pois sua defunta mãe fôra, quando viva, cozinheira de um ministro da fazenda, e aprendera com elle o systema de finanças, tendo por conseguinte juntado e deixado um peculio mui superior ao vencimento dos seus ordenados... O velho judeu teve por fim de se humanisar, pois reconheceu que no fim de contas seu filho tinha as leis pelo seu lado, — coisa que ás vezes de bem pouco vale — mas decidiu-se a juntar á sua maldição uma acção da companhia das aguas, e cem mil réis em papel moeda, mas com a condição de que não queria mais ouvir fallar em similhante filho.

O pobre judeu maldisse o systema metrico repentino, que tão repentinamente fizera d'aquelle innocente o mais sabio meliante.

O bom filho familias, foi logo, carregado com a herança materna, direito aos seus amigos do Freitas e tratou de procurar meios de reduzir a metal sonante os seus titulos.

Quanto á acção, não conseguiu vendel-a senão para mechas; até um alfaiate lh'a não quiz para moldes, por causa da má qualidade do papel...

Com o papel moeda arranjou umas seis libras.

Escusado é dizer que os amigos do Freitas estreitaram mais as suas relações de amisade ao sentirem tenir alguma coisa nas algibeiras do nosso heroe... com aquelle dinheiro teve elle occasião de encontrar a realisação dos seus sonhos, e achar ao vivo o canto VIII todo, desde o longo trezesyllabo até ao microscopico unisyllabo... excepto porém uma coisa; não lhe foi possivel encontrar

A tal linda Guiomar
A virgem do lupanar.

Nunca achou occasião de exclamar:

Não conhecer mãe nem pae
Ai!...
Não conhecer mãe nem pae
Ai!...

Sem calor de mãe nem pae
Ai!...
Ai!...
Ai!...
Deus não dê mãe, nem dê pae
Ao pae
De teu pae!
Ai!...
Ai!...
......

Mas ai! digo eu tambem, tudo acaba por se esgotar na natureza... á força de visitar as algibeiras, Isaac um dia, em logar do bello metal britannico ou da pessima prata portugueza, não achou senão cotão e algodão!

Esta descoberta aterrou-o um pouco — apesar mesmo da carestia d'este genero ainda durar.

Mas quem tem a felicidade de ter um pae com fama de rico e uzurario, ainda que tome o seu *bico*, sempre acha recursos e almas compassivas que lhe appareçam nas occasiões criticas...

Isaac procurou e achou credito na casa de um agiota christão... um pouco mais judeu do que elle... mas, que ainda assim teve a generosidade de lhe adiantar uns 800$000 réis por conta da legitima paterna, fazendo-o assignar uma letra de 4:000$000 com vencimento no dia da morte do velho Jonathas.

Fez-lhe este negocio tão vantajoso em consequencia da avançada idade d'este ultimo.

Já se vê que um janota com 800$000 na bolça é um Cresu ou um Lucullo, uns mezes, ou pelo menos umas semanas.

O nosso heroe fez-se logo aristocrata; foi-se vestir ao Straus, calçar ao Stelpflug, e comer ao Matta.

De frequentador e batoteiro do Freitas, subiu á cathegoria de janota do Marrare e socio do Gremio.

Os seus amores subiram da baixa para a rua larga de S. Roque...

Isaac tornou-se um iberico encarniçado e partidario convicto da união com a Hespanha... n'aquella rua...

Ali encontrou a realisação dos seus sonhos da juventude, ali achou

O typo mais sympathico, o andaluz

Ali encontrou

A casta flôr de Granada,
Que ao pé do Darro nasceu,
Florindo ali, transplantada
Tão longe do patrio céo!
....
Enlevado em seu sorriso
Louco, fascinado ali,
Viu na Alhambra um paraiso

No paraiso uma houri!...
E comprehendeu que havia
Amor violento, fatal,
Não só em Andaluzia,
Mas tambem em Portugal...
Ali viu brisa ligeira
A beijar a costureira
A refrescar-lhe o dedal...
Ali achou desmaiada
Muita bella já cançada
Das miudezas da agulha,
Que cançam mais que a enxada!

Ali

Ía e vinha, linda e lesta
A voadora andaluza,
Repicando a castanhola,
Ora amorosa, ora esquiva
Ao som da meiga viola
E do lâscivo... pandeiro...
Typo altivo, sobranceiro,
Ideal das morenitas...
. . . .
E elle via-as que o amavam!
E um rir conquistador,
Espargia em deredor!
E a seus seios palpitantes
Mandava beijos d'amor!

Por tudo isto esquecêra
A sua bella
Michaella

Que chorava amargamente,
Na cama, que é parte quente
Á luz d'uma vela
De cêbo, amarella,
A ingratidão do judeu,
Abraçando o *néné* seu,
Atiçando a vela
De cêbo, amarella!

— Que faz Izaac? onde o prendem?
(Dizia Michaella
Á luz da tal vela
De cebo, amarella)
Que n'este instante não vem?
Ha quasi um mez que se esconde,
Que o não descobre ninguem;
Nem o patrão sabe aonde,
Nem a pobre Michaella,
Nem o proprio Canarim
Acha aquelle galopim!
....
E nada mais,
Que o resto eram só ais!

Isaac fôra ingrato para com a pobre Michaella, esquecera-a pela Andaluzia.

Ora já se deixa ver que esta vidinha que elle levava era melhor que fazer meia.

Idolatrado por tantas bellas, que o achavam encantador, e que se diziam umas ás outras:

—«Que bem elle paga as noites!»
—«Ai!... que pena! ir-se tão cedo!»

Tudo isto era mais dôce do que as delicias de Cápua, ou a vida de empregado publico, se acaso uma bella manhã, Isaac não accordasse dos seus sonhos dourados, e visse n'um dos seus banquetes de Balthazar não as palavras magicas:

MANÉ, THEKEL, PHARÉS

Mas a palavrinha trinta vezes mais temivel=PREGO!!=que não precisava de nenhum Daniel para ser decifrada.

Chegou um dia em que o nosso janota se viu obrigado a pôr no prego o colete e a casaca, para pagar um par de botas de polimento... não se lembrando que não poderia ir ao Marrare, em mangas de camisa... ainda mesmo que levasse umas botas novas!

Teve pois um termo a vida sardanapaliana do nosso judeu. Isaac estava reduzido ás tisicas proporções de um predulario muribundo. Acabou-se tudo!

A colonia Andalusa fechou-lhe a porta, e achou-o detestavel; os amigos do Marrare fizeram-lhe troça ao nariz!

Depois de algumas seis horas de meditações philosophicas sobre a fragilidade das grandezas huma-

nas, Isaac foi ainda uma vez ao Marrare, procurar, não um homem, como Diogenes, mas um Mecenas janota, que lhe désse ao menos um café e um cigarro!

Não colheu da sua excursão senão gargalhadas, e foi expulsado do templo por um modo um pouco sensivel para o seu amor proprio; a ponto de qualquer outro que se julgasse na sua pelle, se não considerar lá muito feliz...

Não ha nada que mais incline á misanthropia do que a falta d'aquillo com que se compram os melões.

Isaac teria dado n'aquella occasião... muito mais do que possuia, para se ver n'uma ilha deserta, somente habitada por lagostas, mexilhões, ostras e caranguejos... tendo comtudo um estabelecimento no genero do armazem das canôas.

Isaac não pensava mal.

Mas por má ventura sua, não se pôde transportar áquelle paraizo na terra, senão pelo caminho de ferro da sua imaginação!

Á maneira de certos ratões que viajam nas paginas de um *Guide Richard* ou nas vistas de um stereoscopo, e se contentam com isso!

Isaac achava-se pois um pouco embaraçado sobre o destino que havia de dar á sua materia, quando

de repente lhe occorreu uma idéa bucolica suggerida pela recordação do seguinte:

> As flòres d'alde ia são puras e bellas,
> Suaves aromas, vivissimas côres,
> Os *cravos* altivos, as *rosas* singelas
> *Suspiros* sentidos, leaes os *amores*.

Elle não precisava em verdade de *suspiros*, nem de *rosas* e *cravos*, mas imaginou que onde havia aquellas coisas tambem haveria um bocado de pão para comer.

Imaginou-se pois n'uma casinha.

> Dormindo em cama... esplendida
> Para uma casa tão nua;
> Sentado n'uma cadeira;
> Onde um cão sobre uma esteira
> Faz tranca á porta da rua...
> Uma rozeira á janella,
> Loureiro na cantareira,
> E na varrida lareira
> Enfumada cafeteira,
> Tres achas e uma panella!

Isaac morria por queijo do Alemtejo, formou pois tenção de ir para Monte-mór procurar a realisação do seu idilio e um bocado de pão com queijo.

O pobre mancebo foi passar ainda um dia em frente dos penates paternos, e teve a vaga tentação

de bater ao ferrolho dos seus antepassados — mas desvaneceu-se-lhe este projecto ao ponderar que atraz d'aquella porta morava de ha muito uma enorme e grossa tranca... de que as suas costellas tinham gratas recordações, temeu pois uma segunda maldição paterna, acompanhada de mais algumas circumstancias atenuantes e desagradaveis para a sua espinha dorsal...

Isaac bem sabia que seu pae o idolatrava tanto como certos soberanos que amam o seu povo a ponto de o azorragarem e enforcarem constantemente, fundados no axioma — Quem ama castiga — que é mais velho que o mundo... e que as trancas!...

Isaac não se decidiu pois a transpor aquella soleira respeitavel, e pelo menos tão difficil de dobrar como o Cabo de Boa Esperança; e afastou-se rosnando entre os dentes estes versos de D. Jayme, os quaes não são lá muito em favor do amor filial:

Julgaes que a paternidade
Vos dá feudal senhorio?!
Renegae do desvario
Que insultas a Divindade.
Quereis dar tratos a um filho,
Negociar seus amores,
Forçal-o a escabroso trilho,
Com que direito, senhores?

E partiu para Monte-mór.

Foi pedir á provincia do Alemtejo o pão e o queijo que a inhospita Lisboa lhe denegava.

Isaac chegado que é a Monte-mór, logo encontra um lavrador tão rico como generoso... Não era nenhum miseravel que lhe dissesse:

> És um rapaz aceiado,
> E has do ter bom coração,
> Sim: dou-te umas castanholas
> De puro ebano... Então?...

És um tolo lhe responderia eu. Mas

> Não fica a ver navios
> O encadernado rapaz,
> Ante o inimigo loquaz
> Pura raça d'algarvios.

Nada. O bom homem propõe-lhe um partido melhor do que ser amanuense de secretaria com 240$000... sem decima. Toma-o para o seu serviço com a condição lhe dar tudo, excepto ordenado, comer e beber, vestir e calçar...

Isaac aceitou e sujeitou-se a não trincar senão boleta e a prescindir de camisa e outros trastes superfluos.

Era já um partido assás vantajoso para quem, como elle, tinha a desventura de não ser bacharel...

O bom patrão de Isaac mandou o seu novo subordinado para governador civil de uma colonia suina, que tinha em um montado perto d'ali, dando-lhe por missão especial a guarda e educação d'aquella *vara* de trezentas cabeças. *(Et abiit, et adhæsit uni civium regionis illius. Et misit illum in villam suam ut pasceret porcos* — Luc. xv. — 15.)

Isaac não estimou decerto tanto a companhia dos taes mamiferos pachydermes como aquelle santo anachoreta que abandonou os homens, para *cavaquear* com similhantes brutinhos.

Mas resignou-se.

A respeito de *trincadeira* não havia de quê: trincar boleta ou morrer de fome! *(Et cupiebat implere ventrem suum de siliquis, quas porci manducabant: et nemo illi dabat* — Ibid. 16.)

O pobre judeu

> Mostra no vivo rubor
> Febre lenta que o consome;
> Erriçados os cabellos,
> E os dentes amarellos;
> Era a imagem da agonia,
> Era a estatua do terror,
> Faces cavadas com fome,
> Labios crestados com sede.

Teve por mais de uma vez, á maneira de Santo Antonio, uma horrida tentação.

Era

Morrer, sim; porém matando.

E, armado de uma faca, degolar os seus vassallos, fazendo d'elles algumas duzias de bons chouriços e alguns pratos de chispe com ervas, para fazerem o officio do pão com queijo que lhe faltava... mas a voz da consciencia fez calar a voz do estomago, e a contribuição forçada não se impoz...

Já estou ouvindo o leitor objectar-me que Isaac, sendo que era, filho d'Israel, commetteria um grande crime contra as leis da sua tribu, comendo d'aquelle animal immundo; mas eu responderei que elle temeu ainda mais a vingança do juiz de direito da terra—por se dar a circumstancia de ser cunhado do patrão—do que os raios da vara de Moisés; e ponderou as consequencias de alguns assassinios com circumstancias agravantes de chouriço de sangue e carne frita...

Quanto elle invejava a sorte dos seus subditos, quando os via pastando felizes e nedios, mergulhando-se e emporcalhando-se nos charcos e lodaçaes; quanto desejava abdicar os seus direitos de bipede mundo pelas regalias de quadrupede immundo! A sua posição de governador pela de governado!— quem sabe se perderia na troca?

Quantas vezes se lembrou dos *cuscus* paternos, e

de um certo caldo de nabiças que se dava ao aguadeiro. *(In se autem reversus, dixit: Quanti mercenarii in domo patris mei abundant panibus, ego autem hic fame pereo!* — IBID. — 17.)

Em vão tentou fundar uma escóla gratuita, obrigatoria, sympathica e aprazivel com o fim de civilisar a sua colonia, desenvolvendo-lhe não só as faculdades do corpo, senão tambem as faculdades do espirito e boas disposições moraes.

Por mais que se esforçasse por metter a caminho os seus educandos, não o conseguia. Ensaiou todos os systemas, desde o mais cruel despotismo até á mais ampla liberdade.

Tentou a regeneração pelo methodo portuguez, mas a alavanca da intelligencia não pôde levantar aquellas cabeças, martellou e tornou a martellar, arroteou e tornou a arrotear aquelles miolos... em vez de *cerebros pueris de céra molle*, achou cabecinhas que não serviam senão para comer com feijões...

Qual historia! a nada os brutos se moviam!

Quando o pulidó professor pedia aos seus pupilos com a maior cerimonia que tivessem a bondade de fazer meia volta á direita, a *vara* toda voltava para a esquerda; mas não julguem que aquelles animaes faziam isto por ignorancia ou estupidez, elles

eram muito capazes de distinguir a sua orelha esquerda da direita; aquella evolução era feita de moto proprio só com o fim de desacreditar a excellencia do methodo.—Quem duvidar do bom senso dos animaes, leia as fabulas de Lafontaine... e o poema dos Burros.

Em vão tentou o systema Sá da Bandeira, e proclamou o seu gado cidadão e eleitor. *Margaritas ante porcos!!*

Vendo por fim que eram infructiferas todas as tentativas de civilisação, deliberou usar do methodo antigo, e lançou mão da linguagem do cajado, que tem termos para todas as demasias da liberdade... Achou-se perfeitamente com o systema.

Mas as sementes ficaram na colonia. A sua insubordinação não se manifestava só durante o dia; Isaac tinha de velar toda a noite, a fim de impedir que os seus subditos se comessem uns aos outros.

E não teve poucos desgostos quando exercia a sua jurisdicção nocturna. Alguns dos seus subordinados, pertencentes ao partido de acção, não se contentando com comerem durante o dia, á tripa forra, queriam tambem roer alguma coisa durante a noite, e tontos de somno tomavam muitas vezes o nariz, os dedos ou outra qualquer extremidade de Isaac por boleta ou maçã...

Erro ainda mais deploravel do que tomar a nuvem por Juno, ou D. Jayme por Camões.

O desalmado lavrador não dispensava o seu criado d'aquelle serviço noctifero, pela símples razão de preferir que fosse devorado antes o proprio Isaac, do que qualquer dos seus bacorinhos, visto que facilmente arranjaria outro criado, á medida que uma cabeça de gado não lhe custava menos de meia moeda.

Todas as noites Isaac usava da força para reprimir as *bernardas* do seu povo, e a não ser a energia das suas medidas, o soberano fôra victima das idéas republicanas da colonia. Não lhe faltavam por lá cidadãos Passos, Josésinhos, Bracarenses; capitães Macedos, coroneis Sobraes, e marechaes de todos os nomes...

Imagine-se as noites que o mesquinho não passava!

Muito custa a agonia de uma noite
Velada em contorsões de ancias mortaes,
Ao pé de toucinhudos animaes,
Mais horrendos que bruxas infernaes,
Em leito de palhoça fedorenta!
Muito custa a agonia de uma noite
Longa, pesada, e lenta
Tendo só por vigia uma candeia
Com fetido azeite de baleia,
E a gente a olhar aquelles monstros,
E o sangue a referver de veia em veia!

. . . .

A noite era gélida,
A neve caia,
O vento zunia,
E o rio mugia,
E o gado grunhia,
Isaac tremia,
E morria,
E dizia,
Ais
Taes!
Ai
Misero
Mais
Não!
. . .

Ó vós mortaes celibatarios de um e outro sexo, que geralmente achaes tão longas as vossas noites, passadas em ermo leito, ainda que da mais fôfa lã, podereis acaso imaginar o que o pobre Isaac soffreu em doze mezes de agonia, passando 365 noites n'aquella immunda choça?

—Não é só espantoso, é até ascoroso pensar n'este captiveiro!—

Isaac achava as horas por tal fórma compridas, que se julgou transportado ao Groenland; áquella terra fabulosa onde as noites duram a bagatella de seis mezes,—o que faz com que os seus habitantes

comprem boa porção de azeite de purgueira quando vêem pôr o sol — a lua n'aquellas regiões hyperboreannas nunca mostra a sua face argentina, e tem juiso; um rosto tão delicado podia apanhar facilmente um defluxo n'aquellas frigidas paragens, e depois, quem se haveria com as consequencias de um coryza lunatico, acompanhado de espirros e purgações mucosas?

O misero Isaac condemnado ao supplicio da insomnia pelo effeito das razões maiores que levamos ennunciadas tinha tudo quanto é preciso para conceber, pensar, e escrever um magnifico poema epico ou qualquer livro de philosophia:

Primo: porque não estava contente da sua vida, que é uma das primeiras circumstancias que se requerem para pensar em philosophia:

Secundo: Tinha fome; o que não é menos ponderavel:

Tertio: Estava no meio da completa solidão dos campos, e entre animaes, — se ha quem *se viva*, e escreva coisas tão bonitas, n'um suburbano, rodeado de rãs, cigarras e gafanhotos, quanto melhores não eram os companheiros do nosso rapaz!...

Mas Isaac não escreveu nada, ou pelo menos não consta, nem vem citada obra alguma d'elle na Bibliotheca Lusitana.

O nosso servo era um grande mandrião, nem ao menos escreveu uns commentarios ao *Manual do Salchicheiro!*

Um dia, cançado já de soffrer, Isaac tomou uma grande resolução.

O leitor vae talvez julgar que o rapaz tomou o caminho do rio Caldão: — qual! pois não tinha feito asneira nenhuma em o fazer, não com a idéa de findar os seus dias, mas com o fim de se dar ao corpo algumas abluções, bem necessarias depois de uma assistencia de doze mezes n'um paiz de gado suino...

Mas Isaac era judeu e por isso em vez de procurar um braço do Caldão, tratou de buscar os dois de seu pae.

Uma noite á meia noite, quando a sua colonia parecia roncar mais socegadamente operou Isaac a sua fuga.

Para não ir *in puris naturalibus*, vestiu a unica peça de roupa que lhe restava.

Era um velho e diaphano par de calças de côr duvidosa e matiz suspeito. Armado do pau nodoso, que lhe servira de vara da justiça durante doze mezes, marchou caminho da capital, arrastando-se como pôde.

Ao aspecto d'aquelle novo *Escalado* as auctoridades dos logares do seu transito puzeram-se álerta,

os regedores tomaram medidas preventivas, e os cabos de policia pegaram nos varapaus; pouco faltou para se fazer uma proclamação e suspender as garantias na provincia...

Alguns funccionarios mais rigorosos perguntaram ao viajante pelos seus papeis; mas elle fez-lhes ver com toda a logica que quando uma pessoa não tem camisa, muito menos póde ter papeis, que constituem um objecto de luxo; as auctoridades confundidas pela força d'este raciocinio philosòphico e pelos instinctos philantropicos do seu coração deixaram immediatamente em plena liberdade o viajeiro semi-nu.

Oh sensibilidade das sensibilidades! corações de pomba!

Houve porém quem dissesse que, se aquelles publicos funccionarios não prenderam Isaac, foi unicamente por não verem por onde lhe pegar sem que se sujassem;—mas eu voto pela primeira asserção. A auctoridade foi sempre mais philantropica que asseiada...

Os guardas barreiras prenderam tambem Isaac por lhes cheirar a toucinho, mas logo se convenceram que o rapaz nem só não trazia toucinho subtraido, mas até o seu proprio lhe faltava.

Será bom observar que o tio Jonathas pensava repetidas vezes no seu filho—façamos justiça áquelle

bom pae—não se passava dia em que não fallasse em Isaac, não, dizendo cheio de saudade:

> Dou as barbas e os cabellos
> A quem m'o trouxer aqui!

mas rendendo graças á Providencia de o ter livrado de similhante troca-tintas...

Além d'isso lia attentamente a parte da policia e o *interior* do *Jornal do Commercio* para verificar se elle não vinha contemplado na classe dos ratoneiros.

O filho prodigo sente o coração bater-lhe ainda com mais violencia do que a argolla da porta de seu pae, quando a ella bate:

> Limpa o suor da fronte... e olha... e escuta,
> E na alma se lhe trava horrenda luta.

O velho judeu foi abrir, e Isaac, aproveitando-se da circumstancia de ver que os braços paternos se abriam ao mesmo tempo que a porta, precipitou-se n'elles com impetuosidade, sem dar ao auctor dos seus dias tempo para fechar nem uma nem outra coisa.

Jonathas tomou galhardamente o partido de bom pae e deixou-se innundar de lagrimas filiaes, sem nem sequer reparar que aquelle arranco melodra-

matico o punha em um estado de humidade e aroma um pouco vivos.

Mas

Ai!...
Que ha de fazer um pae?!...

Ganho pela lei da natureza

Colhe o filho nos braços,
E diz-lhe a soluçar
Entre beijos e abraços:

—Filho, filho!... em fim és meu!
Só meu, de mais ninguem;
Deixa-me cá ver os olhos...
Ih! que orlas que elles tem!...
A tua boca!... o teu riso!!...
Deixa-me ver-te a lingua,
Ora ri-te, Isaacsinho!
Ai! como estás magrinho
Como cheiras a toucinho!
Oh não morreste á mingua!
Adeus caminho d'abrolhos!
Achei-te, meu paraiso!
Repara que sou teu pae!...

Ai!...
Vae-te já lavar
Ao mar,

Que me cheiras
A cocheiras;
Vae tomar
Ar!?

. . . . .
. . . .
. .
.

Houve grande banquete em casa de Jonathas para festejar o achado d'aquelle menino que estava perdido.

Os visinhos e os criados
Levavam lençoes lavados,
O velhote esbaforido
Acende já uma vella
De cera amarella.
E manda ao Mangina
Comprar de vitella
A perna mais fina,
Castanhas e vinho
Assado, cosido,
Mas não com toucinho

Comeram-se pela primeira vez na vida bifes de vitella em casa de Jonathas. *(Et adducire vitulum saginatum et occidite et manducemus et epulemur* —IBID. — 23.)

Só o menino Abrahão não gostou muito da *pandiga,* mas por fim socegou.

Depois de bem lavado em sete aguas, Isaac ves-

tiu a casaca nova de seu pae, que tinha uns 50 annos de idade, calçou uns sapatos emprestados do mano, e foi ao Gonçalves comprar um par de luvas com uma de doze que a munificencia paterna lhe outorgou. *(Dixit autem pater ad servos suos: Citó proferre stolam primam, et induite illum, et date annulum, in manum ejus, et calceamenta in pedes ejus.* — IBID. 22.)

O filho prodigo, corrigido pela sua estada entre os animaes, portou-se d'ora em diante como um cavalheiro, entre os homens.

Seu pae viveu satisfeitissimo com elle, e não havia razões para o contrario.

O rapaz vivia com a maior regularidade, e entrava para casa com a exactidão de um relogio de sol ás horas do almoço, jantar e ceia.

Além d'isso jogava o cassino nas noites de inverno, e nunca mais foi *iberico*...

PHOTOGRAPHIAS COMICAS

ZÉ DOS PARDAES

Photographia parlamentar

Eu sou aquelle grã *Zé* dos Pardaes
A quem chamaes vós outros um pelludo,
Sou da patria o maior dos grandes paes
E em Lousa quem impera sobre tudo.
Ó vós que ao campanario destinaes
Vida, forças, pulmão, gloria, estudo,
Aprendei a salvar vosso paiz
Fazendo como eu faço e como fiz!

Sejaes grandes, *magnificos,*
Dorminhocos ou *rasgados,*
Em mim sempre encontrareis
O melhòr dos deputados.
Por estas e outras que taes,
Sou o primeiro dos paes
Da patria, no parlamento,
Isto é, lá em São Bento.

Ergue-se de madrugada
E para a rua logo salta,
Até a cara não lava
Quando o tempo mais lhe falta.

Mil cartas, encommendas,
Dos patricios seus recebe;
É d'elles fiel criado
Pois a cadeira lhes deve.

Inteirado dos recados
O bom homem corre e voa,
A buscar mercadorias
Pelas lojas de Lisboa.

O Chiado sobe a trote,
Entra no *Manel* Lourenço,
Compra um par de botinhas,
Alimpando-se c'o lenço.

Vae depois á Elisá
Mercar um chapéo vermelho,
Que lh'encommendou a Eva
Do *bachá* lá do concelho.

Desce depois ao Barral
Compra oleo de mamona,
Para a morgada Fulana,
Que o faz andar n'uma fona...

Ganha a rua dos Fanqueiros
Compra uma saia balão
Para a sobrinha do cura,
Que dizem ser um peixão...

Vem-lhe depois á idêa
Que a ama do seu prior
Ha dias lh'encommendára
Sete frascos de licôr.

Sobe de novo ao Chiado
Para ao Martins ir compral-o;
E entra na grande tenda
A suar como um cavallo!

Eis se lembra derepente
Que na loja do fanqueiro
Lhe esquecera no balcão
A bolsinha do dinheiro.

Elle ahi corre outra vez
Tomado de grande susto;
Encontra por fim a bolsa
Depois de bastante custo.

Vôa de novo ao Chiado
E vae pagar o licôr,
Comprando tambem um queijo,
Que manda já ao *vapor*.

Merca no *Zé* Alexandre
Torcidas e um paliteiro,
E mais um martelo e pregos
P'ra o *Manel carapinteiro*.

O nosso heroe é no sangue
Popular e democrata,
Não conhece jerarchias
E a todos serve e trata...

Descendo logo ao Valente
Ajusta um chaile de renda,
Que destina p'ra a esposa
D'um escrivão de fazenda.

Vae comprar ao Serzedello
Malvas, séne, canafistula
Para o mestre pharmacopio
Que é politico d'epistola...

Visto ser ha muitos annos
Na sua famosa botica,
Que a *pilula* eleitoral
Geralmente se fabrica....

Mas ai! Oh Deus do céo!
Onze horas são já dadas,
E elle das secretarias
Tem de correr as escadas!

Eil-o galga n'um só pulo
As vastas regiões do espaço,
E d'ali a um segundo
'Stá no terreiro do Paço.

Em menos de meia hora
Entrega Zé dos Pardaes
Nas sete secretarias
Mais de cem memoriaes.

Depois de recommendar
De afilhados mais d'um cento,
Lembra-se que já são horas
De marchar *sobre* São Bento.

E passados dez minutos
Eil-o já nos corredores
Comprimentando ministros,
Collegas, commendadores.

Os seus *caros* afilhados
Lá recommenda de novo:
Inda que homem de estado
Nunca se esquece do povo...

Depois entrando na sala
Logo d'algibeira saca,
Bombas de todo o calibre
Com que os ministros ataca.

Chovem notas á *minier,*
Interpellações *couraçadas,*
Questões previas rebentam
Que nem de peças *raiadas.*

E se acaso se apresenta
Um projecto de despeza,
Seja bom ou seja mau
Chucha vergalhada teza.

Agora pergunta o auctor
Se haverá em todo o mundo
Um deputado melhor,
Um espirito mais fecundo,
Que mais corra, que mais dance
E menos gloria alcance?...

Se o rei Victor Manuel
D'estes apanha uns trinta
De Mazini e Garibaldi
Os projectos 'stão na tinta.

JOZÉ DOS MEXILHÕES

Photographia para-lamentar

Maravilha fatal da nossa idade,
Imponente bachá dos mexilhões,
Ser immenso no meio da nullidade,
De São Bento o melhor dos rabecões!
Palavra de trovão, carão de frade,
Officina a vapôr de palavrões,
Tagarella chibante e campanudo,
Olha cá Josésinho, eu te saudo!

Do *pois não fostes* nobre introductor,
Conjugador do verbo *seringar*,
És o grande, famoso salvador
Da lusa erudição parlamentar!
Witoyne de São Bento, orador
Tractando uma questão a galhofar,
E no fim da maior fanfarronada,
Fallar, fallar, fallar, não dizer nada!

Ó filhos do famoso Adonirão,
Já vistes um grã mestre mais jocoso,
Sentado no cebento cadeirão?
Empunhando o *malhete* carunchoso,
(Na frente *vigilante* paspalhão,
E *esperto*, que ás vezes é bem gôzo)
Andando mais direito que um palhaço
Por debaixo dos taes *arquinhos d'aço*?

Oh! calva capataz das grandes calvas,
Que nem todos os cães ladrando á lua...
. . . .

E ia por diante, quando uma figura se me apresenta...

Era a minha intelligentissima criada Aurelia— dou-lhe este epitheto, e no infinito, por ella ter o

bom senso de vir interromper a minha photographia, justamente no critico momento em que procurava um vocabulo para rimar com lua... e não achava se não *tabúa*, onde não queria mandar o meu heroe!...

—Está ali um senhor que o procura, me diz ella.

—Quem é?

—Diz que é o senhor X.

—Mande entrar.

Era com effeito o X que me vinha dar a agradavel noticia que estava feito conselheiro...

Custou-lhe, mas apanhou!

Talvez o leitor não acredite nos esforços que elle empregou para alcançar esta *nobre* distincção.

Foi redactor d'um periodico e chamou aos ministros, ladrões, perdularios, concussionarios...

Deu bordoada em mais de seis eleições... livres... falsificou actas etc.

Foi recebedor e ficou alcançado para com a fazenda publica...

No fim de cada um destes serviços requeria a sua carta...

Mas a nada os brutos se moviam!!

Até que finalmente, tendo sido nomeado *governador* de uma provincia, desobedeceu ao governo, descompoz os ministros, fez coisas do arco da velha!... Foi então que lhe deram a desejada carta........

. . . .

Este incidente veio fazer com que eu enchesse as ultimas paginas de que podia dispôr no presente volume; vejo-me assim obrigado a deixar o resto da photographia de José dos Mexilhões para o meu proximo livro.

Cá fica pois guardado o *cliché*, para se tirar uma prova completa na primeira occasião.

NOTAS

NOTAS

Nota A

Agosto de 1862, á meia noite, ao cantar o gallo —que não é o de Platão—na capoeira do meu visinho do primeiro andar.... pag. VIII (prologo)

O leitor pouco lido nos classicos contemporaneos não penetra de certo a elevação poetica das presentes linhas; d'aqui o vê o A. dar uma gargalhada estrepitosa pelo disparate, em vez de soltar um ah! seguido de sete pontos de admiração! Cumpre pois que saibam, os que não souberem, que esta nova maneira de *datar*, *data* de poucos tempos, e é por isso tão nova, como original e romantica! Agora não põe cada um nos seus escriptos, o que *sente* na consciencia, mas o que *sente* nos ouvidos... Os classicos e os eruditos, que bebem das aguas do Hipocrene, transportam-se muito frescos á Jonia, Athenas ou Samos, andando *para traz* a bagatella de 24 seculos, e vão lá *sentir* cantar a cigarra de Anachreonte... O A., que em vez das aguas da fonte da Beocia, bebe simplesmente *aqua communis* do pote, não faz taes habilidades, nem anda *para traz* nem *para diante*, por isso não *sente* no seu gabinete senão o cantar desafinado d'um prosaico gallo de pleno seculo XIX...

Nota B

Embocando no Rocio, o nosso homem admirou o prodigio da arte moderna que adorna a nossa segunda praça .... pag. 11

E o que diria o anatomico Fortunato se visse agora o magnifico galheteiro transformado em fabrica de refinação de assucar, com a sua chaminé de papelão, muito bonita e douradinha, com os seus cavallinhos, casinhas e bonequinhos?

Nota C

Deram-lhe no goto os famosos candeeiros retorcidos .... pag. 12

Os taes candeeiros em forma de camarão, com quanto sejam um dos principaes florões da corôa da nossa camara, não constituem a sua unica gloria. Vemos prefeitos *pendants* áquelle desforço d'arte, na *malhada* que vae prender o nosso desventurado Camões; no templo de papel pardo que se levanta agora na praça do commercio, na idéa luminosa da caiação dos andaimes do arco de Santa Engracia — vulgò rua Augusta;— nas pittoricas grinaldas ou trapezios de louro verde... não, amarello... nos bucolicos cestos vendimos; nos taes brazões em que o L parece estar a cair por um és não és sobre o M; n'uma palavra, em todas as cavalladas architectonicas em que se tem transformado o nosso pobre dinheiro... ainda se não viu arraial saloio mais saloio! Mas o que se espera n'uma terra em que a Real Academia das Bellas-Artes está n'um palheiro, onde impera o rabicho e governa o simonte? N'uma cidade que escolhe para vereadores...

Nota D

Depois teve occasião de contemplar a famosa arborisação da praça.................. pag. 12

Ninguem, que tenha visto aquella parodia florestal, e saiba da proverbial competencia das nossas camaras municipaes

— tenha embora votado n'ellas — tomará a sério aquellas palavras do A.

NOTA E

Como não eram horas de exposição no Passeio.............................. pag. 12

Como é sabido, o nosso Passeio Publico é a feira da ladra do coração; ali se reunem todas as adelas do amor (como lhes chama uma epopeia nacional), e os ferro-velhos do sentimentalismo moderno, ali se negoceiam corações usados e paixões ferrugentas. Seja dito para intelligencia do leitor provinciano.

NOTA F

Foi ás nuvens quando viu a sala povoada de *petit-maitres* e janotas, litteratos de luneta e medicos sem clientela!.................... pag. 16

Esqueceram ainda aqui muitos papelões, paspalhões e pataratas que *representam* o paiz em São Bento. O A. tem pena de não passar de um pequeno mosquito litterario. Oh! quem lhe déra, em vez da tromba ou ferrão do insecto, os dentinhos venenosos da vibora e do aspide, com que désse mortaes e profundas ferroadas n'esta e quejandas comedias do nosso tempo! Mas ainda assim, na sua qualidade de insecto diptero, morderá tantas, quantas vezes poder, e zumbirá continuamente aos ouvidos de muita gente... «Les plus à craindre sont souvent les plus petits» disse com razão Lafontaine.

NOTA G

...Que o *comprimenteiro* quando se lhe desata a fita do sapato, etc.................. pag. 34

O A. pede ao leitor que compre e leia o methodo portuguez «demonstradamente o mais *aprazivel* e o mais efficaz de quantos existem em Portugal, na Europa e no mundo

para o ensino do ler e escrever» (!!!) além de com elle comprehender melhor estas e outras passagens do presente livro, terá ao mesmo tempo occasião de rir a bom rir com as historias do arlequim, do turco, do repucho, do janizaro, dos sabonetes, etc. etc. Certo que não dará o tempo por mal empregado; é leitura mais divertida do que o Almocreve das Petas.

Nota H

Não havia ainda cosinhado mas sonhado etc. pag 44

Veja Contos ao Luar, Pedrinho.

Nota I

Acabem França, Italia, Inglaterra..... pag. 89

Foram estas as nações belligerantes que primeiro acudiram aos bicos da penna. Se se fossem a enumerar todas quantas na actualidade andam á catanada, era como que fazer um diccionario de geographia. E ha quem diga que o mundo não progride e que a civilisação e as luzes são uma historia! Vejam lá quando a China, por exemplo, estava ás escuras, se os jornaes diziam como agora! «Em Cantão reina tranquillidade; cortam-se trezentas cabeças por dia.»

Nota J

Recolha Garibaldi a sua gente....... pag. 89

Ainda o lord Cocrand continental da Italia andava á solta quando se escreveram estas linhas.

Nota K

Os conselhos eram dignos de um folhetinista . pag. 120

Um mestre que eu tive,—e por signal era proprietario da mais aguda penca e da maior palmatoria que eu ainda

vi,— dizia que não ha regra sem excepção; logo esta regra que mette os folhetinistas no rol dos maus conselheiros— nunca tão maus como os que teem excellencia—não é geral. Cumpre áquelles que se julgarem excepções, deitarem-se de fóra, seguindo o parecer do duque de La Rochefoucauld:

«Le meilleur parti que le lecteur ait à prendre est de se mettre d'abord dans l'esprit qu'il n'y a aucune de ces maximes qui le regarde en particulier, et qu'il en est seul excepté, bien qu'elles paraissent générales.»

NOTA L

Do pau, da corda e do chouriço..... pag. 131

Não são poucos os gallegos e os *boiças* que nos atiram com a lama dos seus calaches, e andam carregados de commendas, honras, titulos e riquezas...

NOTA M

Cessem do Cartucho e dos ciganos... pag. 132

Cartucho foi o ladrão mais habil do XVII seculo, mas ficava a perder de vista a par de muitos que nós conhecemos... Os ciganos são conhecidos universalmente pelas suas tendencias innatas para se apropriarem do alheio.

NOTA N

Cale-se de uns taes abderitanos..... pag. 132

Abdéra foi sempre conhecida por uma cidade de mandriões e papalvos, apesar de ter dado o ser a Democrito, Protagoras, Anaxarco e Hecateu. Lembra-me sempre certos homens de lettras que teem talento até certa edade e dão á luz obras dignas d'elles e depois começam a assignar e a dizer destemperos dignos só de habitantes da colonia de Rilhafolles. Vão-se tornando creanças á medida que envelhecem...

Nota O

A quem Mercurio e Momo obedeceram. pag. 132

Mercurio foi o Deus protector nato dos troca-tintas, ladrões e pelotiqueiros politicos, e além d'isso o corrector de intrigas amorosas e o adulador dos governos: n'uma palavra, foi o alcayote do Olympo. Que perfeito estadista para os nossos dias! Momo era o Deus da toleima, da sandice e dos litteratos d'agua doce.

Nota P

E vós situação etc................. pag. 132

Todas as situações presentes, preteritas e futuras.

Nota Q

«...O vosso grande ministerio...... pag 132

Todos os ministerios conhecidos e por conhecer. A fé politica do A. não é tanta que faça com que elle espere mais d'um que d'outro jogral politico. Já conhece de sobejo os *débardeurs* do *bal-masqué* governativo...

Nota R

...Aquelle *gajo*.................. pag. 139

O leitor hade achar mais algumas d'estas expressões n'este pequeno estudo *d'après nature*. O A. sendo, que é, sectario do preceito «*Rien n'est beau que le vrai*» procura pôr sempre na bocca dos seus personagens o dialecto que mais se coaduna com o natural.

«*J'aime la poésie populaire avec ses rimes en gros sabots et ses sentiments naturels*» disse e disse bem Champfleury.

«*Thou, nature, art my goddess*» digo eu com Shakspeare.

Nota S

Filho prodigo .... pag. 169

Para intelligencia d'esta brincadeira litteraria leia-se S. Lucas no cap. xv, e D. Jayme em todos os *cantos*. A leitura d'este ultimo é sobre tudo indispensavel ao leitor que quizer achar algum chiste ao Filho prodigo. Ninguem se arrependerá tambem de ler aquelle bello poema, lindo como um poema romantico, mas improprio para se collocar no pedestal de Camões. Não é o A., das taes lesmas litterarias, que queira cobrir, babar, carcomer paizagem assim de rosaes, loiros e cyprestes. O seu a seu dono.

Tanto se hade deleitar o leitor com a leitura do poema, quanto rirá com a magnifica *conversação preliminar* que por mau fado lhe antepozeram. É impagavel aquelle famoso *pontapé* que se pretendeu alongar ao pobre Camões, querendo banil-o das escolas. Pois o bom velho é em tudo respeitavel, e nunca faria com que os rapazes lhe faltassem ao respeito como...

Felizmente o tal *pontapé* atuou mais sobre o *sujeito* do que sobre o *paciente*, e se houve ferido foi quem o deu e não quem o recebeu; á maneira d'aquelles murros que se batem sobre uma mesa, em que a mão que dá é quem leva...

Nota T

Torradinhas com manteiga.......... pag. 171

Esta toada não é menos popular nem mais chula, do que o conhecido *Pirolito* de que se tem procurado fazer a *Marseillaise* das escolas e o *Rulle-Britannia* da puericia.

Nota U

A dizer mal de tudo e de todos...... pag. 178

Segundo me dizem o tal sujeitinho não dava á lingua que não matasse. Matava tão facilmente um camelo tosquiando-o,

como enterrava um poeta vinte metros abaixo do nivel do mar, dizendo-lhe, com a maior sem cerimonia «Você veio metter Camões n'um chinello!» Era uma especie de purgante Leroy que tão bem curava um doente que o mandava *ad patres!*

Pessimum inimicorum genus laudantes...

Nota V

— «Que bem que elle paga as noites!»
— «Ai!... que pena! ir-se tão cedo!».. pag. 191

Estes versos, que cheiram um pouco a *fanico*, pertencem ao auctor classico dos mais finos quilates, que um collega, ainda de melhor toque, recommenda para collegios, parochias e academias. Todo quanto ha de aphrodisiaco n'este Filho prodigo, quer na fórma quer na idéa, pertence ao tal poema de *pureza de arminho no tocante a costumes.* Vide em todo o caso o D. Jayme.

Nota X

...Queriam tambem roer alguma coisa durante a noite............................ pag. 199

N'isto mostravam ser bons leaes e maçudos patriotas. Ainda se não viu uma *bernarda* patriotica, em que os seus influentes, não manifestassem o mais *gargantuano* appetite; é uma coisa que sempre apparece d'envolta com o amor da patria n'estes nossos tempos... é talvez o seu unico motor.

Nota Y

Photographias comicas .... pag. 211

Destinavamos para o presente volume a chistosa phantasia—Uma voltinha pelo seculo xx ou o presente no futuro—em que o A. deu largas á sua veia sarcastica e comica, e

onde figura copia de factos e *trunfos* conhecidos, porém, sendo um trabalho um pouco longo vimo-nos obrigado a reservar a sua publicação para o proximo livro que daremos a lume. Para compensação pedimos ao A. nos retocasse duas das *photographias comicas*, pertencentes á collecção que elle tem na pasta, para se publicarem no seguinte volume.

Sirvam ellas tambem como de *panno da amostra* das que estão no *atelier*. *O editor.*

Nota Z

Do *bachá* lá do concelho.......... pag. 213

Quer dizer, administrador do concelho. É palavrinha por tal forma prosaica, arrevezada e semsaborona que nem para um verso serve. O bem que tem é haver d'ella muitos synonimos; dizer bachá, régulo, mandão, mandarim, bimbascha, soba, centurião, paspalhão do concelho, é o mesmo que dizer administrador do concelho.

ERRATUM

A pag. 86, onde se lê:

THIAGO

É bom de lei!

JOÃO

Grande pinga, sim senhor! etc.
Leia-se:

THIAGO

É bom de lei.
Grande pinga, sim senhor!

JOÃO

Não sabe amigo Thiago, etc.

INDICE

Um Provinciano 3
Um Cão nas côrtes, fabula 23
Uma inclinação 29
O anachoreta, satyra 49
Lord Right, caricatura britannica 61
EPIGRAMMAS — A penca e os olhos 83
Um doutor como ha muitos 84
Que grande pinga! 85
Um imberbe valentão 86
A inveja cavallar, fabula 87
A hydropathia, soneto 89
Ao rei dos cabelleireiros, idem 90
Por causa d'uma virgula 95
EPIGRAMMAS — A Burra de Balaão 107
Legado pio 107
O fanfarrão e o avarento 108
Epitaphio 108
A uma grande boca 108
A uma rosa feia 109
A certa cara que saiu cara a um amigo meu 109
Antes a pé 109
Um Falcão sem pennas 113
Camões á catanada, poema 131
Anatomia de um baile 137
O Filho prodigo, parabola biblica etc 170
Photographias comicas — Zé dos Pardaes 211
José dos Mexilhões 218
Notas 225